



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PORTO NACIONAL
PROGRAMA DE PÓS – GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
MESTRADO EM GEOGRAFIA**

THALYTA DE CÁSSIA DA SILVA FEITOSA

**AS FESTAS DA CIDADE DE PORTO NACIONAL - TO: UM OLHAR DOS
ATIVISTAS CULTURAIS**

**PORTO NACIONAL – TO
2017**

Luis Otávio de Castro Cortes, 2016.

THALYTA DE CÁSSIA DA SILVA FEITOSA

**AS FESTAS DA CIDADE DE PORTO NACIONAL - TO: UM OLHAR DOS
ATIVISTAS CULTURAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Tocantins - UFT, Campus Universitário de Porto Nacional como requisito obrigatório para o título de Mestre em Geografia.

Orientadora: Profa. Dra. Rosane Balsan

Linha de pesquisa: Estudos Geo-Territoriais

PORTO NACIONAL – TO

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

F311f Feitosa, Thalyta de Cássia da Silva.

As festas da cidade de Porto Nacional - TO: um olhar dos ativistas culturais. / Thalyta de Cássia da Silva Feitosa. – Porto Nacional, TO, 2017.
139 f.

Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade Federal do Tocantins
– Câmpus Universitário de Porto Nacional - Curso de Pós-Graduação
(Mestrado) em Geografia, 2017.

Orientadora : Rosane Balsan

1. Festa. 2. Cultura. 3. Ativistas Culturais. 4. Porto Nacional. I. Título

CDD 910

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

THALYTA DE CÁSSIA DA SILVA FEITOSA

**AS FESTAS DA CIDADE DE PORTO NACIONAL – TO: UM OLHAR DOS
ATIVISTAS CULTURAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Tocantins (UFT), Câmpus de Porto Nacional, como requisito para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Aprovada em: 20 de junho de 2017.

BANCA EXAMINADORA

Rosane Balsan

Profa. Dra. Rosane Balsan (Orientadora)
Universidade Federal Tocantins - UFT

Carolina

Profa. Dra. Carolina Machado Rocha Busch Pereira
Universidade Federal Tocantins – UFT

Mariela

Profa. Dra. Mariela Cristina Ayres de Oliveira
Universidade Federal do Tocantins – UFT

Porto Nacional – TO
2017

Dedico o resultado dessa jornada a todos àqueles que me apoiaram e me ajudaram a chegar até aqui, em especial à toda minha família.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me permitido chegar até este momento e por sempre me mostrar que a coragem, persistência e principalmente a fé são essenciais para se alcançar o objetivo almejado.

À minha família, em especial aos meus pais, Jaquelina da Silva Feitosa e José Alves Feitosa, pelo apoio incondicional, conversas e principalmente por acreditarem que este sonho seria realizado. Mãe e Pai, vocês foram a peça chave desse quebra cabeça, obrigada por tudo o que me ensinaram. Aos meus irmãos, Thaynan Lucas da Silva Feitosa e Thayane Cristine da Silva Feitosa, pelas conversas e por se dedicarem a ler e ouvir as leituras de cada parágrafo e/ou página escrita deste trabalho. Ao meu primo Juarez Mesquita de Souza da Silva, pelas conversas, leituras e revisões ortográficas deste trabalho.

Ao meu noivo Alex André da Silva Musskoff pelo companheirismo, amizade, amor, carinho, compreensão e pelas conversas construtivas e de incentivo nos momentos difíceis dessa jornada. Você foi a minha fonte de inspiração!

À Aiander Barros, que, nos almoços em família, sempre me perguntava como estava o desenvolvimento deste trabalho.

À minha orientadora, Profa. Dra. Rosane Balsan, pela orientação e por ter me mostrado o quão interessante e curioso é o mundo da pesquisa. Obrigada pela amizade, pelos momentos de alegria e de incentivo durante o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos professores do Programa de Pós - Graduação em Geografia, em especial a Profa. Dra. Carolina Machado Rocha Busch Pereira, por sempre que precisei se disponibilizar em tirar dúvidas relacionadas a este trabalho, principalmente sobre os conceitos utilizados.

À Banca do Exame de Qualificação, Profa. Dra. Carolina Machado Rocha Busch Pereira e Prof. Dr. Lucas Barbosa e Souza, pelas contribuições e sugestões que foram de grande valia para finalização deste trabalho.

À Poliana Cunha, Técnica administrativa da UFT e secretária do Programa de Pós-Graduação em Geografia, pelo profissionalismo em tirar dúvidas sobre os assuntos relacionados ao mestrado (renovação de matrícula, prazos, etc.).

Aos membros do Núcleo de Estudos Urbanos e das Cidades (NEUCIDADES), em especial ao Aleandro, Alline e Samuel, pelas conversas e momentos de descontração.

À Maria Jozeane Nogueira pela amizade construída e fortalecida durante o mestrado, pelas inúmeras conversas sobre as nossas pesquisas e por ter sido companheira nos momentos de angústia e alegria.

À Glaucia Amaral, companheira de Estágio de Docência, pelas conversas e compartilhamento dessa experiência incrível com os alunos em sala de aula.

Aos colegas do mestrado pelas conversas sobre as pesquisas, momentos em sala de aula, encontros e cafés da tarde. Maria Jozeane, Glaucia, Rosaly, Jaderson, Robson, Helbaneth, Lucinéia, Kênia Matos, Kênia Alves, Marinna, Millena, Eliana e Simonni.

Ao Prof. Dr. George França pelas caronas e conversas produtivas nesses dois anos de estrada, Palmas - Porto Nacional - Porto Nacional - Palmas.

Às amigas que construí ao longo desta jornada, em especial à Thayssllorranny Batista.

Aos amigos pela paciência e amizade durante esses dois anos em que estive ausente nos encontros pessoais, em especial à Bárbara Victória, minha amiga desde o ensino médio, por sempre estar ao meu lado comemorando as conquistas e pelas nossas infinitas conversas que se estendiam por horas, principalmente quando eu passava por momentos difíceis durante esta caminhada. Ao Luan Oliveira, que, durante esses dois anos esteve sempre me incentivando.

Aos ativistas culturais da cidade de Porto Nacional por aceitarem participar dessa pesquisa. Suas entrevistas foram essenciais para alcançar os resultados finais deste trabalho. Aos colaboradores (frequentadores e organizadores das festas) pelas informações sobre as festas aqui estudadas.

À Capes - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior por conceder a bolsa de estudo durante o mestrado para o desenvolvimento desta pesquisa.

À cidade de Porto Nacional pelos seus encantos, que em mim fizeram despertar o interesse de fazê-la área de estudo de minhas pesquisas realizadas desde a graduação e agora no mestrado.

E aqui deixo registrado uma frase que um pensador me dizia ao longo desta caminhada e que me motivou a chegar até o fim: “na vida temos que ter o **Q-C-F: Quer**er fazer algo, ter **Coragem** para executar e lutar pelos nossos objetivos e, acima de tudo, ter **Fé** para conseguirmos vencer.

OBRIGADA!

"[...] a festa visa marcar em cada membro do grupo social os seus valores, as suas normas, as suas tradições; ao mesmo tempo em que se transforma sempre num grande balcão, numa grande demonstração de inovações, das mudanças, das novas descobertas, das novas concepções e, porque não dizer, da fecundidade das transgressões. Festejar ou simplesmente festar, como dizemos num genuíno "goianês", é, antes de tudo, aprender o quanto temos de riqueza e sabedoria a preservar e, ao mesmo tempo, o quanto temos a aprender com as transformações da história, com a lenta mudança das mentalidades. Quem vai à festa tem a possibilidade de aprender que o que se sabe ainda não é tudo para se continuar a viver e a reproduzir as condições de sobrevivência. Há que se abrir para o novo que cedo ou tarde acaba chegando e preenchendo nossos espaços vitais, até mesmo os de nossa habitação. Mas na festa também se pode aprender que o novo, por mais irremediável que seja, precisa ser integrado à herança que recebemos, que foi e, em muitos casos, ainda permanece sendo reconstituída, reproduzida e ensinada por abnegados artistas e sábios conservadores da cultura popular". (PESSOA, 2005, p.39, apud PESSOA, 2007, p.6)

RESUMO

A cidade de Porto Nacional está localizada no interior do estado do Tocantins e é conhecida por sua importância histórica e cultural. Durante o desenvolvimento desta pesquisa, foi possível observar que nela acontecem vários tipos de festa, e suas comemorações são bastante diversificadas, encontrando-se, portanto, festas, de cunho religioso, a celebrações cívicas e profanas. Porém, evidenciamos neste trabalho aquelas que acontecem atualmente e que são consideradas importantes no âmbito cultural, a partir da opinião dos ativistas culturais da cidade. Neste sentido, o objetivo principal deste trabalho foi investigar como as festas que ocorrem na cidade de Porto Nacional, e que são consideradas pelos ativistas culturais importantes no âmbito cultural, contribuem para o fortalecimento da cultura local. A pesquisa está inserida na perspectiva da geografia cultural renovada e teve como principais conceitos abordados cultura e o lugar, uma vez que estão interligados ao nosso objeto de estudo: festa. No que se refere à metodologia, a pesquisa foi realizada através da abordagem qualitativa e teve como principais técnicas utilizadas a pesquisa bibliográfica e à campo. Foram entrevistados 13 ativistas culturais, entre os meses de outubro e novembro de 2016, a fim de identificarmos as festas consideradas por eles como referência cultural para a cidade de Porto Nacional. Para análise e descrição das festas, as principais fontes utilizadas foram bibliográficas e orais. A respeito da fonte oral, vimos que sobre algumas festas citadas pelos ativistas culturais não havia informações escritas em livros ou artigos. Assim, foi necessário entrevistar pessoas responsáveis pela organização e colaboradores (pessoas que frequentam ou que fizeram parte da organização das festas) entre os meses de março e maio de 2017. Algumas dessas entrevistas ocorreram via mídias eletrônicas (Facebook e Whatsapp) e outras pessoalmente. Ao final da pesquisa, consideramos que, apesar de as transformações que as festas vão passando no decorrer do tempo (pois a cultura é dinâmica), conforme elas vão acontecendo e só pelo fato de serem realizadas, elas contribuem para o fortalecimento da cultura local, pois é uma maneira de os indivíduos vivenciarem aquilo que faz parte da sua cultura.

Palavras - Chave: Festa; Cultura; Ativistas Culturais; Porto Nacional.

ABSTRACT

The city of Porto Nacional is located in the interior of the state of Tocantins and is known for its historical and cultural importance. During the development of this research, it was possible to observe that in it several types of parties, and its celebrations are quite diverse, being, therefore, celebrations, of religious character, to civic and profane celebrations. However, we highlight in this work those that happen today and that are considered important in the cultural scope, from the opinion of the cultural activists of the city. In this sense, the main objective of this work was to investigate how the celebrations that take place in the city of Porto Nacional, and that are considered by the cultural activists important in the cultural scope, contribute to the strengthening of the local culture. The research is inserted in the perspective of the renewed cultural geography and had as main concepts approached culture and the place, since they are interconnected to our object of study: party. Regarding the methodology, the research was carried out through the qualitative approach and had as main techniques the bibliographical and field research. A total of 13 cultural activists were interviewed between October and November 2016, in order to identify the parties considered by them as a cultural reference for the city of Porto Nacional. For analysis and description of the parties, the main sources used were bibliographical and oral. Regarding the oral source, we have seen that about some festivals cited by cultural activists there was no information written in books or articles. Therefore, it was necessary to interview people responsible for the organization and collaborators (people who attend or who were part of the party organization) between March and May 2017. Some of these interviews took place via electronic media (Facebook and Whatsapp) and others in person. At the end of the research, we consider that, in spite of the changes that the parties are going through (because the culture is dynamic), as they happen, and only because they are realized, they contribute to the strengthening of the local culture, because it is a way for individuals to experience what is part of their culture.

Keywords: Party; Culture; Cultural Activists; Porto Nacional.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Localização da cidade de Porto Nacional, Tocantins.....	16
Figura 2. Desenvolvimento da geografia cultural.....	23
Figura 3. Representação de espaço e lugar.....	46
Figura 4. Catedral Nossa Senhora das Mercês.....	55
Figura 5. Moradores reunidos próximo ao Coreto na Praça Nossa Senhora das Mercês.....	60
Figura 6. Desfile da escola de samba ACATO nas ruas da cidade de Porto Nacional.....	61
Figura 7. Localização dos espaços na malha urbana da cidade de Porto Nacional, onde ocorrem as festas destacadas pelos ativistas culturais.....	74
Figura 8. Cartaz de divulgação da programação da Calourada Cultural, 2012.....	77
Figura 9. Cartaz de divulgação do carnaval Porto Folia, 2017.....	78
Figura 10. Desfile dos Bonecos Gigantes e da Cobra Buiuna no circuito popular do Carnaval Porto Folia, 2017.....	79
Figura 11. Cavalgada da Expoagro.....	81
Figura 12. Cartaz de divulgação da última edição realizada da Expoagro, 2016.....	81
Figura 13. Cartaz de divulgação da Feira da Cultura Negra, 2015.....	83
Figura 14. Momento das apresentações culturais da Feira de Cultura Negra, 2015.....	83
Figura 15. Folder de divulgação da última edição da Feira Cultural do Buracão, 2016.....	85
Figura 16. Uma das apresentações culturais realizada na primeira edição.....	86
Figura 17. Folder de divulgação e programação da festa de Nossa Senhora das Mercês, 2016.....	87
Figura 18. Festa de Nossa Senhora das Mercês, 2016.....	88
Figura 19. Parte da programação da Festa de Santos Reis da cidade de Porto Nacional, 2016/2017.....	89
Figura 20. Programação do Festejo de Cristo Operário, 2017.....	91
Figura 21. Momentos de encerramento da Festa do Cristo Operário, 2017.....	92
Figura 22. Parte do folder com a programação e divulgação da Festa do Divino Espírito Santo, 2017.....	93
Figura 23. Momentos da saída da Folia, 2017.....	94
Figura 24. Procissão do Encontro na cidade de Porto Nacional, 2017.....	96
Figura 25. Procissão do Senhor Morto nas ruas do centro histórico da cidade de Porto Nacional, 2017.....	97

Figura 26. Cartaz de divulgação de uma das edições realizadas do Sarau da Cabaça Cultural, 2014.....	99
Figura 27. Divulgação da programação da 34ª Semana da Cultura, 2015.....	100
Figura 28. Programação dos shows realizados durante a Temporada de Praia, 2015.....	102

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Festas que acontecem na cidade de Porto Nacional, citadas como importantes.....	66
Quadro 2. Realizadores das festas da cidade de Porto Nacional, mencionadas pelos ativistas culturais.....	71
Quadro 3. Tipo de espaço onde acontecem as festas mencionadas pelos ativistas culturais....	72
Quadro 4. Momentos que marcaram a história da festa do Cristo Operário.....	91
Quadro 5. Benefícios culturais das festas citadas pelos ativistas culturais.....	103
Quadro 6. Benefícios econômicos das festas mencionadas pelos ativistas culturais.....	104
Quadro 7. Benefícios sociais relatados pelos ativistas culturais.....	105
Quadro 8. Participação dos ativistas culturais nas festas da cidade de Porto Nacional, apontadas como importantes no que diz respeito à cultura local.....	109
Quadro 9. As relações dos ativistas culturais com as festas que acontecem na cidade de Porto Nacional, consideradas importante no que diz respeito à cultura local.....	110
Quadro 10. Síntese das informações gerais das festas analisadas nesta pesquisa.....	124

LISTA DE SIGLAS

AABB	Associação Atlética Banco do Brasil
ACATO	Acadêmicos do Tocantins
ADAPEC	Agência de Defesa Agropecuária do Estado do Tocantins
COMSAÚDE	Comunidade de Saúde Desenvolvimento e Educação
DA	Diretório Acadêmico
EXPOAGRO	Exposição Agropecuária
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
UFT	Universidade Federal do Tocantins
UHE	Usina Hidrelétrica Luis Eduardo Magalhães
TO	Tocantins

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	16
CAPÍTULO 1. CULTURA, FESTA E LUGAR: UMA ABORDAGEM TEÓRICA.....	20
1.1. Cultura na ciência geográfica.....	21
1.2. Festa: uma discussão teórica.....	26
1.3. O lugar no pensamento geográfico.....	30
1.3.1. A resignificação do lugar na Geografia Cultural.....	38
1.3.2. A Geografia Humanista: espaço e lugar.....	44
CAPÍTULO 2. A CIDADE DE PORTO NACIONAL E SUAS FESTAS: ASPECTOS HISTÓRICOS E GEOGRÁFICOS.....	48
2.1. Um breve relato sobre a história da cidade de Porto Nacional.....	49
2.2. As festas da cidade de Porto Nacional.....	64
2.2.1. Uma breve descrição sobre as festas	75
2.2.1.1. Calourada Cultural da UFT.....	75
2.2.1.2. Carnaval Porto Folia.....	77
2.2.1.3. Expoagro (Pecuária).....	79
2.2.1.4. Feira de Cultura Negra.....	82
2.2.1.5. Feira Cultural do Buracão.....	84
2.2.1.6. Festa de Nossa Senhora das Mercês.....	86
2.2.1.7. Festa de Santos Reis.....	88
2.2.1.8. Festa do Cristo Operário.....	90
2.2.1.9. Festa do Divino Espírito Santo.....	92
2.2.1.10. Procissão da Semana Santa.....	94
2.2.1.11. Sarau da Cabaça Cultural.....	97
2.2.1.12. Semana da Cultura.....	99
2.2.1.13. Temporada de Praia.....	100
2.2.2. Os benefícios socioeconômicos e culturais das festas.....	102

CAPÍTULO 3. CULTURA E LUGAR: UMA DUALIDADE PRESENTE NAS FESTAS.....	107
3.1. A relação dos ativistas culturais com as festas da cidade de Porto Nacional.....	108
3.2. As festas como lugar e como elemento fortalecedor da cultura.....	112
3.2.1. As festas como lugar de valor cultural.....	112
3.2.2. As festas como elemento fortalecedor da cultura local.....	115
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	121
REFERÊNCIAS.....	125
ANEXOS.....	135
Anexo A - Ilustração da capa: O Bingo, a quermesse e o leilão da Festa de Nossa Senhora das Mercês.....	136
APÊNDICE.....	137
Apêndice A - Roteiro de entrevista com os ativistas culturais.....	138

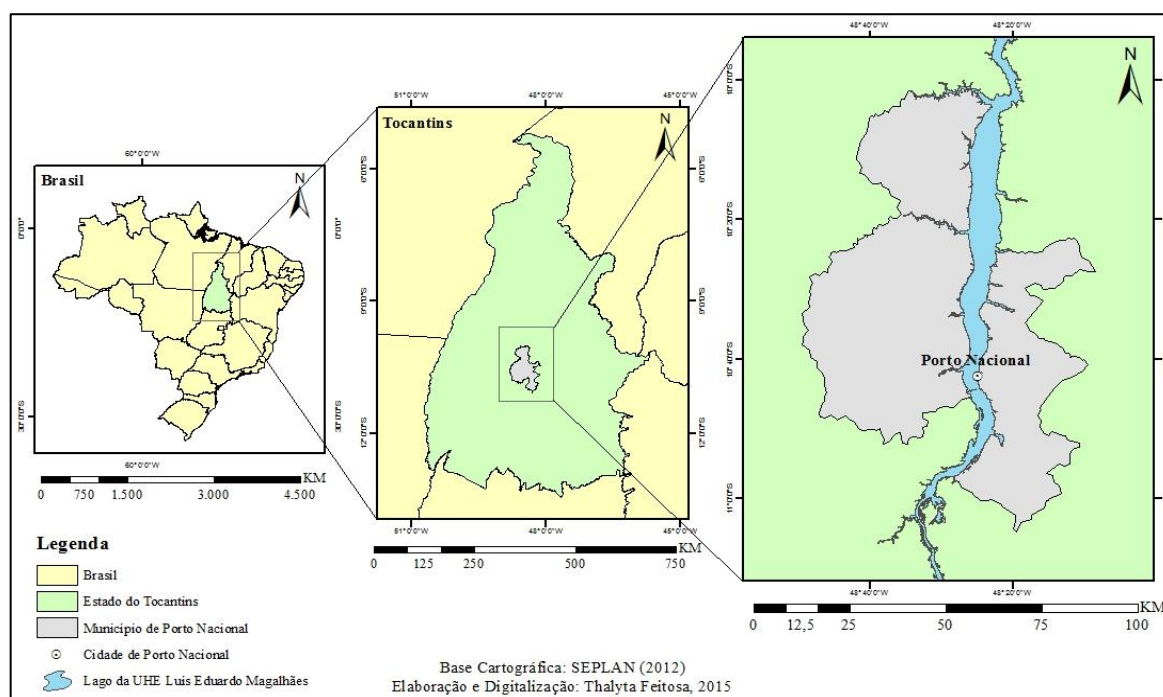
INTRODUÇÃO

Estudar o tema festa é curioso, pois, ao mesmo tempo que é vista como um momento de descontração e euforia, marca um período onde são vivenciados e experienciados os aspectos presentes na cultura de uma determinada sociedade.

Parte integrante da vida urbana das cidades, a festa, principalmente aquelas que envolvem toda uma comunidade com hábitos em comum, são repletas de valores e significados, além de representar a sua identidade cultural. É um momento especial para aqueles que costumam cultivar suas crenças, valores e tradições.

A cidade de Porto Nacional, área de estudo desta pesquisa (Figura 1), é conhecida por todo o estado do Tocantins por sua importância histórica e cultural e por preservar um conjunto histórico e arquitetônico datado do período colonial. Nela acontecem vários tipos de festas, assim como diversas cidades do território brasileiro. Porém, foram destacadas aqui neste trabalho as que acontecem atualmente e que são consideradas pelos ativistas culturais como referência cultural para a cidade de Porto Nacional -TO. Assim, procuramos responder o seguinte questionamento: Como as festas que ocorrem na cidade de Porto Nacional - TO, e que são consideradas pelos ativistas culturais importantes no âmbito cultural, contribuem para o fortalecimento da cultura local?

Figura 1. Localização da cidade de Porto Nacional, Tocantins



Fonte: Base Cartográfica - SEPLAN, 2012. Elaborado pela autora, 2015.

Neste sentido, a pesquisa teve como objetivo principal investigar como as festas que ocorrem na cidade de Porto Nacional - TO, e que são consideradas pelos ativistas culturais importantes no âmbito cultural, contribuem para o fortalecimento da cultura local. E como objetivos específicos: refletir sobre o conceito de cultura, festa e lugar; identificar as festas consideradas pelos ativistas culturais importantes no âmbito cultural para a cidade de Porto Nacional; analisar e descrever as festas mencionadas pelos ativistas culturais como importantes no âmbito cultural para a cidade de Porto Nacional; investigar e analisar como os ativistas culturais da cidade de Porto Nacional se relacionam com as festas citadas por eles como importantes no âmbito cultural para a cidade de Porto Nacional.

Assim, inserida na perspectiva da geografia cultural renovada, esta pesquisa teve, como principais conceitos, a cultura e o lugar, uma vez que estão interligados ao nosso objeto de estudo. A cultura é vista como uma criação coletiva, constituída de realidades, práticas, símbolos e signos, sendo estes últimos inventados para descrevê-la e verbalizá-la (CLAVAL, 2007). O lugar é construído a partir da experiência vivida que envolve o sentimento e entendimento, combinado com a cultura, história e as relações sociais e culturais (MARANDOLA JUNIOR, 2013). E a festa se encaixa neste sentido, pois é uma cultura produzida pelo homem, uma realidade social e uma prática cultural onde a sociedade, de um modo geral, expõe aquilo que representa e compõe a sua cultura. É um lugar carregado de sentimentos, impregnado de sentidos, valores e significados.

Esta pesquisa foi realizada através da abordagem qualitativa, que "considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números." (PRADANOV E FREITAS, 2013, p.70).

Foram utilizadas, como as técnicas de pesquisa para o desenvolvimento deste trabalho, a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo. Assim sendo, na pesquisa bibliográfica foram pesquisados materiais como livros, teses, dissertações e artigos científicos sobre o tema, os conceitos principais abordados e a respeito da história da nossa área de pesquisa. Consultamos também fontes que continham informações de algumas das festas aqui destacadas pelos ativistas culturais.

Na pesquisa de campo, foram realizadas entrevistas com os ativistas culturais e com os organizadores de algumas das festas mencionadas pelos ativistas como referência no que diz respeito à cultura portuense e com colaboradores (pessoas que frequentam ou fizeram parte da

organização das festas), com intuito de buscar informações sobre aquelas que não conseguimos encontrar escritas na literatura.

Sobre as entrevistas, o grupo principal definido para ser entrevistado, como mencionado algumas vezes no decorrer desta introdução, foram os ativistas culturais da cidade de Porto Nacional. Isso se deve pelo fato de eles estarem diretamente envolvidos com as discussões em torno de assuntos relacionados a área cultural da cidade. Para identificá-los e localizá-los, primeiramente fomos na Secretaria Municipal de Cultura e Turismo da cidade e na Comunidade de Saúde Desenvolvimento e Educação¹ (COMSAÚDE), a fim de obter algum documento oficial constando a lista com seus nomes, contatos e quantos são ao todo. Porém durante a visita nesses locais foi possível observar que a cidade ainda não possui documentos com essas informações. Assim, optamos por iniciar as entrevistas a partir daqueles ativistas culturais que já conhecíamos, que no término de cada uma delas nos sugeriam outros nomes, além de indicações de pessoas da Universidade Federal do Tocantins (UFT) e da própria comunidade portuense.

Deste modo, entrevistamos 13 ativistas culturais, entre os meses de outubro e novembro de 2016, a fim de identificarmos as festas consideradas por eles como importantes no âmbito cultural para a cidade de Porto Nacional, os principais benefícios que elas oferecem, se eles participam delas, se tem alguma relação e se elas contribuem para o fortalecimento da cultura local. Neste sentido, além das referências bibliográficas, suas opiniões foram utilizadas como fonte principal para chegarmos aos resultados finais da presente pesquisa. Após entrevistarmos os ativistas, fizemos as análises dos dados obtidos.

Em seguida partimos para a análise e descrição das festas. As principais fontes utilizadas foram as bibliográficas e orais. Sobre a segunda (fonte oral), vimos que não haviam informações escritas em livros ou artigos sobre algumas festas mencionadas. Assim sendo, para conseguirmos fazer uma breve descrição sobre cada uma delas, foi necessário entrevistar pessoas responsáveis pela organização e colaboradores. Algumas dessas entrevistas ocorreram via mídias eletrônicas (Facebook e Whatsapp) e outras foram realizadas pessoalmente entre os meses de março e maio de 2017. Ressalta-se que nessa etapa não tínhamos um roteiro previamente estabelecido.

Assim, esta dissertação encontra-se estruturada em três capítulos:

¹ "A COMSAÚDE é uma Organização não - governamental que além de realizar ações nos setores da saúde, educação, desenvolvimento comunitário e comunicação, também atua na área da cultural onde promove oficinas com a finalidade de valorizar a cultura regional, para que não se percam as tradições do povo tocantinense." (COMSAÚDE, 2017).

O primeiro capítulo refere-se à discussão teórica sobre o tema festa e os conceitos abordados nesta pesquisa, cultura e lugar, dando ênfase à abordagem geográfica. Assim, discorreremos brevemente sobre o sentido de festa e as definições de cultura e lugar na ciência geográfica, mostrando como ambos se desenvolveram no decorrer da história pensamento geográfico.

O segundo capítulo traz um breve relato sobre a história da cidade de Porto Nacional, as festas apontadas pelos ativistas culturais como importantes no âmbito cultural, quem realiza, os tipos de espaço onde acontecem, além de uma breve descrição sobre cada uma delas e os principais benefícios que proporcionam para cidade.

O terceiro capítulo aborda as relações dos ativistas culturais com as festas citadas, discute a festa como um lugar de valor cultural e suas contribuições para o fortalecimento da cultura local, relacionando, portanto, o nosso objeto com os conceitos adotados e discutidos nesta pesquisa.

CAPÍTULO 1- CULTURA, FESTA E LUGAR: UMA ABORDAGEM TEÓRICA

"A cultura é indispensável ao indivíduo no plano de sua existência material. Ela permite sua inserção no tecido social. Dá uma significação à sua existência e à dos seres que o circundam e formam a sociedade da qual se sente membro [...]" (CLAVAL 2007, p.89).

1.1. Cultura na ciência geográfica

Cultura, como aponta o professor Roberto Lobato Corrêa, é um termo polissêmico. Por possuir vários conceitos, é aberto a debates em torno de diferentes pontos de vista, sendo assim, trabalhado em áreas heterogêneas como: a antropologia, a geografia, a história, a sociologia, entre outras. (CORRÊA, 2010). Segundo Zanatta (2008, p. 224), "essas áreas científicas em busca de compreender e interpretar o mundo e as coisas, ao longo do tempo, evoluíram, no compasso das transformações sociopolíticas, econômicas e culturais". Neste sentido, cada uma delas, aborda este termo em diferentes sentidos, e suas interpretações variam de acordo com a maneira como é vista e trabalhada.

Na antropologia, por exemplo, um dos autores que trabalha com o conceito de cultura é Clifford Geertz. Em seu livro a *Interpretação das culturas*, ele afirma que o conceito de cultura que ele defende é "semiótico", ou seja, é visto como um conjunto de significados produzidos pelo homem. Em suas palavras:

O conceito de cultura que eu defendo, [...] é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado (GEERTZ, 2008, p.4)

Sendo assim, "constituída pela transmissão de valores sociais e pelas formas simbólicas que permitem a comunicação entre sujeitos e a comunhão de significados, conhecimentos, atividades, atitudes e práticas que constituem a vida social" (GEERTZ, 1989, apud, MORAIS, LOPES E DANTAS, 2015, p.533).

Levando em consideração sua ampla conceituação, a cultura pode ser definida "[...] como um conjunto de crenças, arte, moral, lei, costumes, conhecimentos, habilidades e hábitos adquiridos pelo homem no ambiente em que vive. São todas as formas de vida e de expressão de uma sociedade." (LOURENÇO, 2014, p.23). Neste sentido, é vista como tudo aquilo que o homem produz em sua vivência e experiência com o mundo. Portanto:

Cultura abrange todo o conjunto de obras humanas, tendo sua origem na capacidade mental do homem; ela é uma tarefa social e não individual; não é adquirida apenas, ela é também transmitida e transformada pelas experiências vividas pelo homem ao longo dos tempos (LOURENÇO, 2014, p.23).

Na ciência geográfica, o estudo da cultura direciona-se "sobre os laços que os homens tecem entre si, sobre a maneira como instituem a sociedade, como a organizam e como a identificam ao território no qual vivem ou com o qual sonham" (CLAVAL, 2007, p.11).

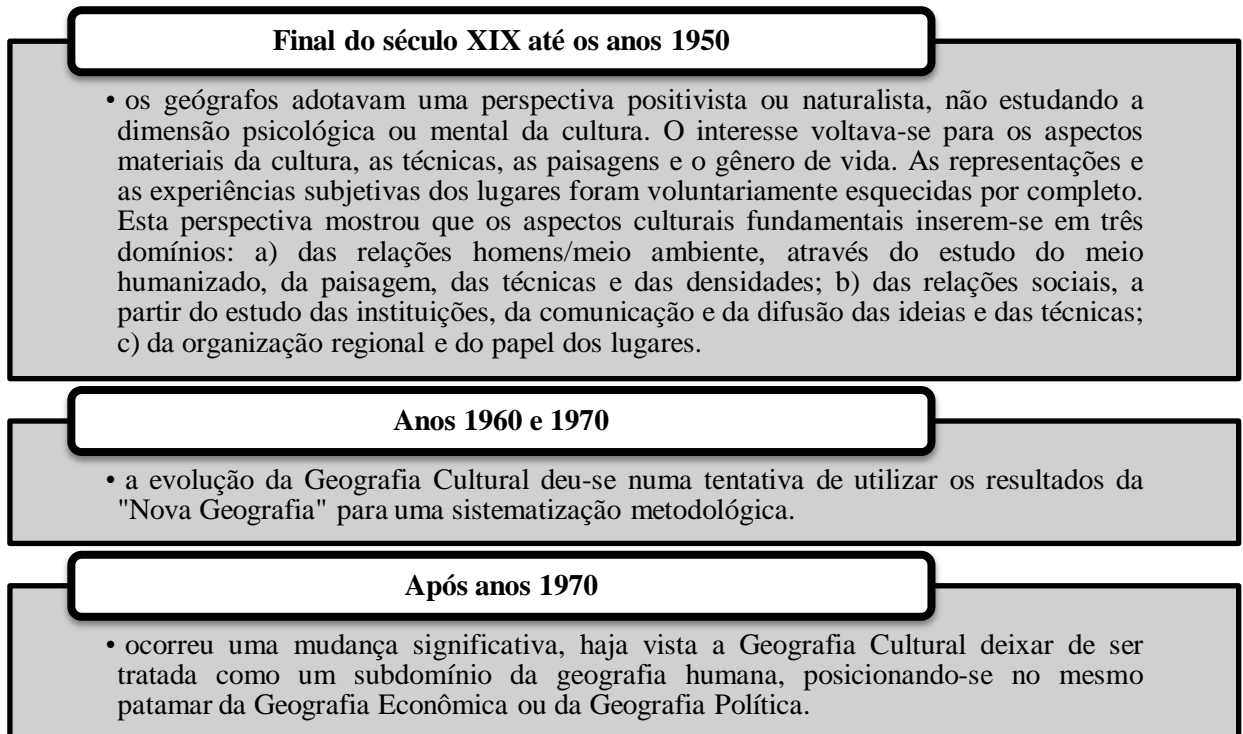
As primeiras abordagens geográficas sobre a cultura surgiram no final do século XIX na Alemanha, no mesmo período de nascimento da geografia humana. Pouco antes, a Geografia havia passado por um processo de sistematização, sendo concebida como ciência (1870), e tinha como inspiração o positivismo, o que conduziu os geógrafos a não dar o devido papel à cultura (CLAVAL, 2002).

De acordo com Claval (2007), o primeiro geógrafo a abordar o termo cultura foi o alemão Friedrich Ratzel, responsável por introduzir pela primeira vez o termo geografia cultural. No que se refere à cultura, sua visão estava direcionada a um sentido material, pois, para ele, as relações que os grupos humanos mantinham com o ambiente no qual estavam inseridos dependia das técnicas e do conjunto de utensílios que eles dominavam (CLAVAL, 2007).

Essa geografia que Ratzel havia introduzido, mais tarde ganhou identidade própria nos Estados Unidos pelo geógrafo Carl Sauer e logo depois passou por um processo de renovação, onde o conceito de cultura não mais estaria relacionado somente a um sentido material e/ou exterior a vida dos seres humanos, mas sim aos valores e significados por eles produzidos (CORRÊA E ROSENDAHL, 2003). Estamos nos referindo a duas correntes que se formaram durante o desenvolvimento dessa geografia cultural: a escola de Berkeley e a denominada nova geografia cultural/geografia cultural renovada (CORRÊA, 2010).

Mas antes de aprofundarmos em ambas as correntes e discutirmos o conceito de cultura adotado por cada uma delas, iremos destacar três momentos descritos por Claval (2002) que marcaram o desenvolvimento da geografia cultural (Figura 2).

Figura 2. Desenvolvimento da geografia cultural



Fonte: CLAVAL (2002, p. 19-20). Organizado pela autora, 2016.

Como vimos anteriormente, Carl Sauer foi o principal responsável a designar uma identidade à geografia cultural e, para isso, originou uma de suas principais correntes no ano de 1925, chamada escola de Berkeley, conhecida como geografia cultural saueriana (CORRÊA E ROSENDAHL, 2003).

Enquanto geógrafo cultural, Sauer tinha como interesse principal as transformações que a cultura impõe no meio ambiente natural. Para isso, ele focou os seus estudos nas paisagens, com intuito de dimensionar como o homem modifica o que ele encontra, instalando-se em meios ainda naturais (SAUER, 1963, apud, CLAVAL, 1997).

A valorização das culturas tradicionais e das paisagens culturais eram características dos estudos culturais realizados por Sauer e o conceito de cultura que ele e sua escola defendiam se tratava de uma abordagem exterior aos indivíduos, como é destacado por Corrêa e Rosendahl (2012, p.8): "Na geografia cultural saueriana, a cultura [...] é entendida como entidade supraorgânica; paira sobre a sociedade independentemente dela, adquirindo assim poder causal". Para este geógrafo, a cultura permanecia com o caráter material, relacionada ao conjunto de instrumentos e de artefatos que o homem utilizava e o permitia agir sobre o mundo exterior, entretanto sua visão vai um pouco além, inserindo, portanto, associações de

plantas e animais que os indivíduos e/ou grupos sociais aprenderam para modificar o meio natural, tornando-o mais produtivo (CLAVAL, 2007).

No entanto, conforme aponta Corrêa e Rosendahl (2003), a escola de Berkerley recebeu várias críticas, tanto da geografia pragmática, quanto de geógrafos que estavam vinculados à perspectiva do materialismo histórico, inclusive dos que faziam parte da própria geografia saueriana, que criticava o conceito de cultura, vista apenas em sua dimensão material, não dando valor à dimensão mental dos comportamentos dos homens:

O pouco interesse em uma visão pragmática e a ênfase no estudo de sociedades tradicionais constituem-se em críticas oriundas dos geógrafos vinculados à geografia teórico-quantitativa. A ausência de uma sensibilidade social, crítica, nos estudos das sociedades tradicionais, em realidade, grupos dominados pela exploração capitalista, constitui-se por outro lado, na crítica dos geógrafos vinculados à perspectiva do materialismo histórico. As críticas internas referiam-se à ênfase na dimensão material da cultura e, mais importante, no próprio conceito de cultura adotado (CORRÊA E ROSENDAHL, 2003, p.9).

Embora se manifestasse contra o positivismo adotado pelos geógrafos, o conceito de cultura seguido pela escola de Berkerley e Sauer permanecia ligado aos aspectos materiais, e essa visão acabou perdurando pela geografia até o final dos anos de 1960. Assim, conforme Claval (2002, p.148):

Para os geógrafos do período que se estende até o fim dos anos sessenta, os fatos geográficos apareciam como dados objetivos, como se fossem feitos a partir do mundo físico. A disciplina não tinha que estudar a dimensão mental dos comportamentos humanos. Por exemplo, os geógrafos sabiam que a religião tinha um papel importante na geografia, mas eles nunca falavam da fé, das crenças, porque são fenômenos mentais. A religião aparecia somente sob seus aspectos materiais: a presença de igrejas, templos ou mesquitas, a interdição de beber álcool e de comer carne de porco para os muçulmanos ou da existência de romarias.

Apenas no final dos anos de 1970, após tantas críticas, a geografia cultural passou por um processo de renovação, passando a ser denominada como a nova geografia cultural/geografia cultural renovada, e o conceito de cultura passou a valorizar os aspectos não materiais e subjetivos presentes na vida dos indivíduos e/ou grupos sociais: "No âmbito da nova geografia cultural, o conceito de cultura é restrito aos significados criados e recriados pelos diversos grupos sociais a respeito das diferentes esferas da vida em suas específicas espacialidades" (CORRÊA E ROSENDAHL, 2012, p.8). Portanto:

Não se tratava mais de estudar a diversidade cultural com base nos conteúdos materiais, mas de admitir que a cultura está intimamente ligada ao sistema de representações, de significados, de valores que criam uma identidade que se manifesta mediante construções compartilhadas socialmente e expressas espacialmente, ou seja, de admitir que a cultura no seu sentido antropológico mais amplo representa todo o modo de vida de uma sociedade, o que não inclui somente a produção e objetos materiais, mas um sistema cultural (valores morais, éticos, hábitos e significados expressos nas práticas sociais), um sistema simbólico (mitos e ritos unificadores) [...]. (ZANNATA, 2008, p. 229).

Mais do que um conjunto de objetos, ferramentas e utensílios, a cultura “é rica em significados, porque é tida como um tipo de resposta, no plano ideológico e espiritual, ao problema do existir coletivamente em determinado ambiente natural, num espaço e numa conjuntura histórica e econômica colocada em causa a cada geração” (BONNEMAISON, 2012, p. 280-281).

Almeida e Ratts (2003) destacam a importância da abordagem fenomenológica nesse processo de renovação da geografia cultural, que tem contribuído e ampliado seus horizontes, permitindo relacionar, em conjunto, o mundo e as significações, proporcionando ainda a inserção de temas que destacassem as relações sociais entre o homem e o espaço que habita: o espaço vivido e a experiência vivida.

Assim, alguns temas, que até então não eram trabalhados pelos geógrafos na geografia cultural tradicional, passaram a ser valorizados e relacionados à perspectiva da nova geografia cultural: festas, patrimônio cultural, música, entre outros, ou seja, aquilo que faz parte do cotidiano dos grupos sociais passou a ser objeto de estudo da nova Geografia Cultural. Portanto, abrindo leque para novos estudos culturais, especialmente àqueles que se referem “às experiências humanas diversas no espaço”, como, por exemplo, as festas, objeto de estudo desta pesquisa (MARIANO, 2007). Deste modo, após esta breve discussão, optamos por seguir o caminho proposto pela nova geografia cultural onde a cultura:

[...] é um reflexo da prática social e simultaneamente um meio no qual essa prática se efetiva e uma condição na qual essa mesma prática tende a se reproduzir. A cultura é, assim, uma construção social, construída e reconstruída, constituinte e reconstituente, porém vivida diferenciadamente pelos diversos grupos sociais, resultantes de uma combinação de traços relativos à classe, gênero, idade, etnia e religião, entre outros aspectos. (CORRÊA E ROSENDHAL, 2012, p.89-90)

Pois a festa, é uma prática social dotada de valores e significados e está relacionada a cultura de uma sociedade. É caracterizada por ser uma construção coletiva que rompe

barreiras sociais, fortalece relações sociais e culturais e o mais importante, ela cria identidades (ALMEIDA, 2011).

1.2. Festa: uma discussão teórica

"Basta olharmos para nossa própria vida, e com bons olhos veremos como ela é uma sequência de situações únicas (o nascimento e a morte), raras (o casamento ou o nascimento de nossos filhos) ou repetidas (a série de aniversários) com que as pessoas da família, da parentela, da vizinhança ou dos círculos de trabalho ou de amizade nos festejam ou nos obrigam a festejar." (BRANDÃO, 1989, p.1).

O ato de festejar/comemorar/celebrar, desde épocas passadas faz parte da vida da sociedade humana. Quando falamos em festa, é comum nós seres humanos pensarmos primeiramente em um momento especial e de descontração, que nos proporciona diversão e alegria, e normalmente vem acompanhado com danças, comidas, músicas e brincadeiras, principalmente quando se comemora uma data especial, seja o aniversário, o ano novo, o(a) padroeiro(a) da cidade, entre outras.

Por se tratar de uma manifestação humana, marcada por proporcionar a coletividade entre os indivíduos, a festa, "pode ser vista como um fenômeno social que possui regras, leis e uma lógica própria que é identificada à cerimônia, ao lúdico, ao extraordinário"(MAIA, 2003, p.161). Ela consiste em um fenômeno essencial e indispensável para a sociedade humana, isso porque, é nela que o homem como ser social alcança os mais altos níveis de solidariedade e sociabilidade (FERNANDES, 2001; 2004). Portanto, a festa se destaca na vida dos seres humanos através do seu papel social e cultural, onde são construídas relações sociais entre o coletivo que dela participa, sendo capaz de despertar emoções, produzir e reproduzir significados, promover encontros, entre outros.

Mas o que podemos classificar como festa? De acordo com Gomes (2008) diversas situações podem ser inseridas nesta concepção, desde aniversários, competições esportivas, rituais e até mesmo determinados tipos de reunião, onde as pessoas homenageiam, por exemplo, seus santos, suas divindades, entre outros:

Na concepção de festa várias situações podem ser incluídas, tais como: eventos comemorativos de distintas ordens como aniversários, competições esportivas; rituais que mantêm vivas as tradições de uma comunidade, preservando o patrimônio histórico, cultural ou religioso; reunião de membros de uma comunidade para homenagear seus santos e divindades; encontro de pessoas para celebrar importantes ciclos da vida (GOMES, 2008, p.44).

Porém existem alguns critérios específicos para essa classificação. Segundo Amaral (1998), um dos critérios fundamentais para classificar se um determinado acontecimento pode ser considerado uma festa, é a participação. Para a autora, a festa, é um ato coletivo marcada pela participação das pessoas, pois é ela que faz com que os indivíduos se incorpore e mantenha uma relação com o momento festivo: "O critério da participação parece ser fundamental na definição das festas [...]. Uma festa com pouca participação [...] não é considerada uma boa festa" (AMARAL, 1998a, p.17). A autora, ainda afirma que a festa, pode ser considerada, um elemento de mediação da humanidade, um fenômeno que promove encontros culturais e reafirma os valores reconhecidos como legítimos entre os indivíduos:

Ela busca recuperar a iminência entre criador e criaturas, natureza e cultura, tempo e eternidade, vida e morte, ser e não ser. A presença da música, alimentação, dança, mitos e máscaras atesta com veemência esta proposição. A festa é ainda mediadora entre anseios individuais e coletivos, mitos e história, fantasia e realidade, passado e presente, presente e futuro, nós e os outros, por isso mesmo revelando e exaltando as contradições impostas à vida humana pela dicotomia natureza e cultura, mediando ainda os encontros culturais e absorvendo, digerindo e transformando em pontes os opostos tidos inconciliáveis. (AMARAL, 1998b, p.51)

Como podemos observar e veremos mais adiante desta breve discussão, a festa não se limita apenas ao sentido de comemoração, ela vai além, pois é um momento de interação social e cultural entre os indivíduos, sendo capaz de despertar os sentimentos mais profundos, pela comunidade e pelo que está sendo festejado. Nas palavras de Lourenço (2014, p.38): "Se na vida cotidiana existe um sentimento de não pertencimento à atual sociedade a festa vem trazer esse sentido de vinculação a um grupo social". Portanto, pode ser vista como uma necessidade na vida social e cultural dos seres humanos onde "[...] os desejos, intenções, sonhos e necessidades são materializados, são virtualizados e, conseqüentemente, também o deslumbramento e o arrebatamento são vividos." (KODAMA, 2009, p.82).

Do ponto de vista científico, a festa é um singular objeto de estudo, adotado nas pesquisas por diversas áreas (antropologia, história, sociologia, ciências sociais, artes, geografia, entre outras) cada uma delas com suas especificidades (FERREIRA, 2005). A geografia, por se tratar de uma ciência que estuda tanto a produção social, quanto as relações sociais, a festa, acompanhada de seus elementos (dança, música, comida, teatro e brincadeiras), pode ser vista como uma prática espacial capaz de estabelecer uma relação inerente entre o homem e o ambiente em vive (FERNANDES, 2004).

Deste modo, Oliveira (2010) afirma, que as festas no sentido geográfico, podem ser estudadas tanto como um fenômeno global ou local, quanto expressão cultural de uma dada sociedade, e o que se deve levar em consideração são suas particularidades. Isso porque, mesmo acontecendo a mesma festa em várias regiões, as suas características se diferenciam umas das outras, e cada uma delas despertam um sentimento diferente em seu povo. Como por exemplo, a Festa do Divino Espírito Santo, Festa de Santos Reis, Festa Junina, entre outras, que são festas populares que acontecem em várias regiões do Brasil, incluindo a cidade de Porto Nacional, área de estudo desta pesquisa.

Maia (1999), também inserindo o conceito de festas no contexto geográfico, define-as como manifestações culturais que tem como característica seu tempo de duração, além de serem responsáveis por atribuir novas funções às formas espaciais, ou seja, as ruas da cidade - que no dia a dia normalmente é utilizada apenas como um ponto de passagem entre um lugar e outro -, os terrenos baldios - que na maior parte do tempo ficam abandonados e que muitas vezes são usados como local de guardar entulhos -, estádio de futebol - que tem como principal função receber jogos esportivos -, quando adotados para o acontecimento de uma festa, ganham essa nova função de abrigá-las, tornando-se palcos durante todo o seu período de ocorrência:

As festas populares consistem em manifestações culturais que se caracterizam, dentre outros aspectos, por serem eventos efêmeros e transitórios, perdurando por algumas horas, dias ou semanas. Grande parte das festas, no seu momento de ocorrência, simplesmente fornecem nova função às formas espaciais prévias que dispõem para a sua realização, como: ruas, praças, terrenos baldios, estádios de futebol transformam-se em palcos para o evento. (MAIA, 1999, p. 204).

Ressalta-se que apesar de ser caracterizada por ser um evento efêmero, como nos mostra Maia (1999), o tempo de duração da festa é vivido com profundidade, isso porque, enquanto manifestação cultural, ela é repleta de significados, sendo uma experiência cultural vivida com intensidade pelo grupo que dela participa (GOMES, 2008).

Di Méo (2012), também com uma visão geográfica sobre a festa, afirma que ela consiste em um código sociocultural, responsável por produzir símbolos espaciais que despertam um sentido coletivo profundo entre os indivíduos e/ou grupos sociais:

Ela constitui uma oportunidade de primeira ordem para compreender a natureza do laço territorial, permitindo orientar os signos espaciais pelos quais os grupos sociais se identificam aos contextos geográficos específicos e fortificam sua singularidade. A festa possui, com efeito, a capacidade de produzir símbolos territoriais cujo uso social se prolonga muito além de seu desenvolvimento. Essa simbólica festiva qualifica e casa com os lugares, os sítios, as paisagens, os monumentos ou simples edifícios." (DI MÉO, 2012, p.27).

Este autor, considera a festa como um "fenômeno social, global e genérico, presente no tempo e no espaço de todo grupo identificado, que se impregna dos valores culturais mais profundos das sociedades que a ocultam" (DI MÉO, 2012, p.29). Assim, mais do que um simples ato de festejar/comemorar/celebrar algo, as festas acima de tudo possuem valores e significados importantes para um povo, pois é o momento em que podem expressar suas crenças, hábitos e/ou costumes e tradições.

Concordando com Di Méo, Almeida (2011), também afirma que as festas, podem ser entendidas como "um código sociocultural e simbólico produzido no espaço geográfico", é uma maneira com que os homens enquanto ser social, se interage e constrói relações uns com os outros e firmam identidades. Conforme a autora, a festa, durante o seu acontecimento tem a capacidade de estabelecer, criar ou renovar os laços entre os indivíduos, além de testemunhar as crenças coletivas, as representações do sagrado de uma determinada comunidade ou da maior parte de seus membros. Ainda para a autora:

[...] a festa é um espaço social privilegiado de realização e representação - real e simbólica - das identidades locais que entram em cena durante a celebração. [...] é uma construção social, composta por objetivos, valores e manifestações culturais que têm força e potencial para referenciar simbolicamente uma identidade (ALMEIDA, 2015, p.108-109).

Percebe-se que alguns autores referem-se a festa, ressaltando não só o seu papel social em meio a sociedade humana, mas também cultural, visto que, ela também está intimamente relacionada a cultura de um povo, podendo ser classificada como uma manifestação, representação e expressão cultural.

Pensando nas festas enquanto categoria da cultura, Ferreira (2005), destaca dois aspectos significativos para que possamos compreendê-la, pois segundo ela, através deles, é possível extrair os elementos representativos da identidade e da cultura de uma determinada sociedade:

O primeiro deles é a capacidade que a festa tem de trazer para a atualidade, desde longínquas épocas, as experiências culturais vivenciadas por determinada população; o segundo aspecto refere-se ao fato de que, mesmo contrariando as práticas intencionalmente concebidas no momento da festa, os usos e costumes mais profundos vivenciados pela cotidianidade e entranhados no inconsciente afloram, mostrando a verdadeira face de um povo, moldada através da cultura. (FERREIRA, 2005, p.72).

Ainda, de acordo com a autora, estes dois aspectos demonstram como a festa pode ser um meio de interação e comunicação social entre os seres humanos, onde tanto o passado como o presente se articulam, resultando na re-significação das identidades (FERREIRA, 2005).

Assim, como aponta Oliveira (2010, p.5): "as festas podem ser consideradas como manifestações da cultura de um povo. Cultura esta que muitas vezes encontra-se encravada no cotidiano das pessoas e também do lugar em que vive".

1.3. O lugar no pensamento geográfico

A discussão deste conceito neste trabalho se deve ao fato das festas se caracterizarem na cidade como um lugar onde são vivenciadas diversas experiências culturais por uma determinada população (FERREIRA, 2005). A festa é o lugar onde são extraídos os elementos de identidade mais significativos da cultura de um povo (FERREIRA, 2005).

Durante décadas, a história do pensamento geográfico vem sendo discutida pelos geógrafos, com intuito de demonstrar como a ciência geográfica desenvolveu e vem desenvolvendo seus temas, teorias e conceitos. O conceito a ser aqui discutido refere-se à categoria de análise lugar.

Há uma infinidade de definições de lugar [...] que varia conforme as teorias e os autores. Umas objetivas e outras subjetivas [...]. Objetivo são aqueles elementos da experiência que persistem mediante todas as mudanças do aqui e agora. Enquanto subjetivo pertence ao sujeito, toda mudança em si, e somente, expressa a determinação particular do aqui e agora. (OLIVEIRA, 2012, p.3-4).

Antes de se tornar um dos conceitos fundamentais nos estudos da ciência geográfica, a noção de lugar já havia sido discutida pelos filósofos, ainda na antiguidade clássica. Entre eles destaca-se a concepção de Aristóteles. De acordo com Ribeiro (1993), este filósofo, em sua obra intitulada Física, define o lugar como o limite que circunda o corpo. Mais tarde, após

essa definição, Descartes, um filósofo francês pertencente a Idade Moderna, complementa essa definição de lugar, introduzindo em uma de suas obras denominada Princípios filosóficos, que, além de delimitar o corpo, ele teria que ser definido em relação à posição de outros corpos (RIBEIRO, 1993).

Tendo como base naquele período a concepção cartesiana, a noção de lugar definida por Descartes estava relacionada a um simples ponto de localização no espaço. Segundo Castriota (2009, p.119), "colocando a questão em termos cartesianos, a simples localização é a visão para a qual a posição seria o que realmente importa em termos de lugar." Assim, como aponta o autor (2009, p.119):

De acordo com esta visão, qualquer pedaço de matéria, isto é, qualquer corpo físico, está onde está, numa região definida do espaço, e numa duração definida e finita de tempo, a parte de qualquer referência essencial das relações daquele pedaço de matéria com as outras regiões do espaço e as outras durações no tempo.

Na filosofia a noção de lugar desde a antiguidade clássica fazia parte da preocupação dos filósofos, permanecendo assim até 1600 (RELPH, 2012).

Na ciência geográfica, pouca importância foi dada aos estudos sobre o lugar, ao longo de sua história. Inicialmente, não era considerado além do seu sentido de localização espacial.

Na origem da geografia, que teve seu surgimento na Grécia antiga, o conhecimento definido como geográfico, antes mesmo do seu reconhecimento como ciência, se encontrava até então disperso, isso porque, o que se definia como geografia naquele momento seriam os relatos de viagem, escritos em tom literário; compêndios de curiosidades, sobre lugares exóticos; áridos relatórios estatísticos de órgãos de administração; catálogos sistemáticos, sobre os continentes e os países do Globo, entre outros (MORAES, 2005). Observa-se que os conteúdos que pertenciam ao conhecimento geográfico, eram bastante diversificados e fragmentados, permanecendo assim até o final do século XVIII, no qual ainda não era possível se falar em algo padronizado, mais especificamente, em uma disciplina como um todo sistematizado (MORAES, 2005).

Porém, a busca por uma sistematização do conhecimento geográfico nesse período já era preocupação do filósofo Immanuel Kant, pois, no século XVIII, a Filosofia encontrava-se em defasagem no tocante ao avanço da ciência (MOREIRA, 2011). Deste modo, como destaca Moreira (2011, p.13):

O avanço da ciência dá-se no campo da interpretação da natureza, que está neste momento sendo redefinida [...]. O novo conceito a reduz às dimensões do inorgânico e das relações matemáticas, excluindo tudo mais, surgindo, assim, uma concepção de natureza-sem-o-inorgânico-e-sem-o-homem [...].

A Geografia que Kant conheceu era considerada um conjunto de conhecimentos empíricos de todos os campos, que estavam organizados em grupos de classificação, ou seja, constituídos através de uma taxonomia do mundo físico, explicada na forma das grandes paisagens da superfície terrestre (MOREIRA, 2011). Seu projeto buscava a organização do conhecimento geográfico, além da inclusão do homem em seu discurso, onde era necessário descobrir um ponto comum de se pensar a natureza e o homem, mas, apesar deste esforço, Kant não conseguiu realizar grandes transformações na Geografia que tomava para si (MOREIRA, 2011).

Assim, até o século XIX, os conteúdos mais próximos do saber geográfico que, até então, passava por um processo de construção seria: a catalogação de fatos, de lugares e protagonistas de descobertas geográficas (GODOY, 2010).

Naquele período inicial dos estudos geográficos, falava-se em lugar ou lugares, referindo-se apenas à localização de um ponto na superfície terrestre, já que eram comuns os estudos descritivos sobre determinadas porções do espaço, não sendo apontado como um dos conteúdos discutidos ou que preocupava os estudiosos daquela época.

No entanto, foi através das ideias de Alexander Von Humboldt e Karl Ritter na Alemanha, que a Geografia se firmou como ciência, sendo eles a fazerem as primeiras colocações no sentido de uma disciplina sistematizada (MORAES, 2005). A partir da contribuição desses dois autores, em 1870, a geografia tornou-se ciência. Sua organização científica pautou-se nos modelos positivistas, o que influenciou para que os geógrafos buscassem orientações gerais nessa concepção filosófica e metodológica, por um longo período (COSTA E ROCHA, 2010).

Quando a Geografia já estava consolidada como ciência, fato que ocorreu através da sua sistematização como disciplina acadêmica, o termo lugar passou a ser utilizado para defini-la. Nas palavras de Holzer (1999, p.67): "na Geografia clássica, do início do século XX, quando o estudo e a confecção de mapas eram um dos fundamentos da disciplina, o lugar em seu sentido locacional era utilizado para definir a Geografia [...]."

O principal responsável por introduzir esta definição, foi o geógrafo francês Paul Vidal de La Blache, afirmando que: "a Geografia é uma ciência dos lugares e não dos homens" (MORAES, 2005, p.24). Segundo Relph (2012, p.17): "essa expressão [...] era

considerada autoevidente, se referindo à descrição de diferentes assentamentos e regiões da Terra."

De acordo com Holzer (2012, p.293), além de La Blache, outra "definição clássica" que também referia-se ao lugar, "ênfatizando suas propriedades locacionais", era a do geógrafo Richard Hartshorn, que afirmava que "a geografia deveria analisar as interações a partir de suas variações de lugar para lugar". Conforme o autor, em ambas as definições, o "lugar tem a propriedade de delimitar pontos, áreas ou volumes a partir de seu conteúdo."

Portanto, na corrente tradicional da geografia, a noção de lugar foi usada para definir esta ciência no seu sentido de localização espacial, o qual, se referia a estudos descritivos sobre determinadas áreas e/ou porções da superfície do planeta Terra, ignorando, até então, as relações de vivência estabelecidas entre os homens e os lugares. Ressalta-se que a Geografia era influenciada pelos padrões positivistas, estando, assim, restrita em ser uma ciência objetiva, onde a busca crescente da objetividade impedia de se pensar este conceito para além do seu sentido locacional (HOLZER, 1999). Deste modo, como afirma Holzer (2012, p.281), lugar "foi por um longo tempo associado ao conceito de locação, relativo à localização de um determinado ponto no espaço (do mapa)."

Entretanto, em meados do século XX, houve um momento em que não havia mais regiões para descobrir e descrever, nesse mesmo período, outras ciências sociais buscavam uma forma de se tornarem mais científicas, adotando assim, leis com base quantitativa em seus estudos, para explicar os processos sociais, foi nesse momento que a Geografia via, como oportunidade se redefinir como ciência espacial (RELPH, 2012). Nesse momento nasceria uma nova corrente da Geografia, mais conhecida como Nova Geografia/Geografia Quantitativa/Geografia Teórica. Ferreira (2002, p.44) afirma que:

A Nova Geografia, ao buscar se organizar como uma ciência teórica, irá desenvolver métodos de verificação a partir da lógica e da matemática.[...]. A análise espacial passa a ser o principal objeto desta Geografia, que se vale da teoria dos sistemas para compreender os fenômenos.

Por ser uma corrente meramente quantitativa, a Geografia nesse momento continuava deixando de lado as questões sociais e culturais: "a história, a estética, a poesia e a maioria das conexões que as pessoas têm com regiões, cidades e ambientes naturais" (RELPH, 2012, p.19). Neste momento, o conceito de lugar como destaca Ferreira: "[...] acabou sendo abandonado em detrimento do espaço, considerado como um simples meio de análise." (FERREIRA, 2002, p.44).

Assim, a Geografia desde a sua constituição como ciência acadêmica, deixava de lado os estudos sobre o lugar, fazendo com que fosse relegado a um plano secundário em seus estudos, permanecendo assim, do final do século XIX até a década de 1970, quando começou a ganhar importância (HOLZER, 2012).

Conforme aponta Relph (2012, p.19): "levou cerca de trezentos anos para que os geógrafos ultrapassassem essa mudança epistemológica e percebessem que sua disciplina poderia ser compreendida em termos de espaço e de relações espaciais." De acordo com autor, o que poderia ter contribuído para que esse atraso ocorresse seria porque este conceito estava destinado a definir a própria disciplina, que por sua vez, "considerava os lugares como partes específicas do mundo"(RELPH, 2012, p.22).

Segundo Marandola Junior (2012, p.14), a importância dos estudos sobre o lugar na Geografia coincidiria com dois processos:

[...] o surgimento de abordagens teóricas que procuravam enfatizar valores humanistas orientados pelas filosofias do espírito, dando atenção à diversidade, à heterogeneidade e à diferença [...]; e o movimento de mundialização que forjou uma oposição entre global - local/ mundo - lugar a partir da subjugação do segundo pelo primeiro. Enraizamento, identidade, sentido de lugar, casa, experiência e percepção são ideias e temas que se destacaram a partir do movimento humanista e cultural. Resistência, fluidez, soberania, empoderamento e territorialidade são ideias e questões discutidas na esteira da mundialização.

O primeiro processo no qual Marandola Junior (2012) descreve refere-se à Geografia Humanista, que surgiu na década de 1970, em contraposição ao positivismo e o neopositivismo, que dominavam os estudos da Geografia até então, como destaca Mello (1990, p.92):

O surgimento da perspectiva humanística ocorre, no início dos anos 70, quando alguns geógrafos desencantados com uma Geografia sem homens começam a buscar nas filosofias dos significados respostas para suas angústias e caminhos para o rompimento com o positivismo e o neopositivismo predominante na ciência geográfica.

Conforme colocado por Mello, a perspectiva humanística "discordando das ideias de que os estudos humanos devam ser baseados nas ciências positivistas" apoiou-se nas filosofias de significado: fenomenologia, o existencialismo, o idealismo e a hermenêutica (MELLO, 1990, p.99).

A experiência vivida destaca-se como a principal ferramenta de trabalho dos geógrafos humanísticos, uma vez que é através da experiência vivida pelas pessoas (indivíduos e grupos sociais) que busca-se compreender o que é o mundo vivido. (MELLO, 1990).

Foi nessa corrente humanista que o conceito de lugar começou a ganhar importância, sendo "utilizado como principal categoria espacial, associado à base filosófica da fenomenologia e do existencialismo" (HOLZER, 1992, apud FERREIRA, 2002, p.44).

Edward Relph teve uma contribuição fundamental no que se refere a recuperação da importância do conceito de lugar na geografia humanista, uma vez que, como já foi aqui destacado, este conceito foi utilizado por um longo período nos estudos tradicionais da ciência geográfica apenas no sentido locacional (FERREIRA, 2002).

Relph afirmava que: "era apropriado que ele [lugar] fosse explicado por meio de uma rigorosa abordagem fenomenológica, que havia sido desenvolvida por Husserl e Heidegger. Uma abordagem que fundamenta o trabalho de Yi-Fu Tuan, David Seamon, Anne Buttimer" e o dele próprio (RELPH, 2012, p, 19). Neste sentido, o lugar passaria a ser considerado além do sentido de localização geográfica, "um fenômeno da experiência vivida".

Nessa corrente do pensamento geográfico, o homem entra como um dos elementos principais em suas análises, pois é ele que dá significado e vive intensamente o lugar, é ele que traz sentido, transforma e dá vida. Assim, nas palavras de Marandola Junior (2013, p.07): "o lugar é construído a partir da experiência e dos sentidos, envolvendo sentimento e entendimento, num processo de envolvimento geográfico do corpo amalgado com a cultura, a história, as relações sociais e a paisagem".

O segundo processo que Marandola Junior (2012) se refere é a Geografia Crítica que, assim como a Geografia Humanista, teve sua origem na década de 1970. Essa corrente surgiu com uma postura crítica sobre a Geografia Tradicional, Nova Geografia, e ao capitalismo, como aponta Corrêa (1990, p.19):

A nova geografia e os paradigmas tradicionais são submetidos a severa crítica por parte de uma geografia nascida de novas circunstâncias que passam a caracterizar o capitalismo. Trata-se da geografia crítica, cujo vetor mais significativo é aquele calcado no materialismo histórico e na dialética marxista.

Os geógrafos dessa corrente, baseados no materialismo histórico e na dialética marxista, tomaram como posição, de acordo com Moraes (2005), a busca por uma

transformação da realidade social, na qual utilizariam o seu saber como instrumento principal desse processo:

Os autores dessa corrente se posicionaram por uma transformação da realidade social pensando o seu saber como uma arma desse processo.[...], pensam a análise geográfica como instrumento de libertação do homem [...] vão além de um questionamento acadêmico do pensamento tradicional, buscando as suas raízes sociais. Ao nível acadêmico, criticam o empirismo exacerbado da Geografia Tradicional, que manteve suas análises presas ao mundo das aparências, e todas as outras decorrências da fundamentação positivista (a busca de um objeto autonomizado, a ideia absoluta de lei, a não-diferenciação das qualidades distintas dos fenômenos humanos, etc.). (MORAES, 2005, p.42)

Essa corrente do pensamento geográfico estende seus estudos para além do que a nova geografia propôs. Portanto, a organização espacial que era analisada por meio da medição numérica, para os geógrafos críticos, passou a ser parte integrante de uma dada sociedade, assim, suas análises seriam dedicadas às relações dialéticas entre as formas espaciais e os processos históricos que modelam os grupos sociais (CORRÊA, 1990).

O conceito de lugar, nessa corrente crítica da geografia, embora não tenha sido tratado como foco principal em seus estudos, passa a ser compreendido de maneira distinta de como era visto pela Geografia Tradicional, pela Nova Geografia e, de certa forma, diferente até de como os geógrafos humanistas a definiu, mas o mais importante é que ambas (Geografia Humanista e Crítica), ultrapassaram o conceito de localização espacial geográfica.

Assim, como destaca Leite (1998, p.15), o lugar nessa corrente crítica da geografia: "[...] é considerado tanto como produto de uma dinâmica que é única, ou seja, resultante de características históricas e culturais intrínseco ao seu processo de formação, quanto como uma expressão da globalidade."

David Harvey, geógrafo ligado a essa corrente crítica da Geografia, segundo Ferreira (2002), definiu o lugar como uma construção social, destacando que sua construção pode ser vista por meio de duas abordagens: a primeira seria o ponto de vista da relação espaço-tempo² e a segunda pelo viés do processo social.

²"A compreensão de tempo-espaço refere-se ao movimento e à comunicação através do espaço, à extensão geográfica das relações sociais e a nossa experiência de tudo isso." (MASSEY, 2000, p.178)

Com relação à primeira abordagem [relação espaço-tempo], Harvey considera que existem dois significados possíveis para o lugar. O primeiro compreende o lugar como uma posição ou localização e pode ser representado por coordenadas em um mapa ou pela nomeação de uma cidade [...]. O segundo considera que o lugar representa algum tipo de permanência em uma dada localidade. A segunda abordagem [pelo viés do processo social] encara o lugar como (1) *locus* de imaginários; (2) institucionalização; (3) configuração de relações sociais; (4) práticas materiais; (5) forma de poder; (6) elementos no discurso [...]. (FERREIRA, 2002, p.61)

Observa-se que, na concepção de Harvey, o lugar não perde o seu sentido locacional, como era definido pela corrente tradicional da Geografia, mas ele vai além, acrescentando que também é uma "construção social" (HARVEY, 1996, apud FERREIRA, 2000; 2002).

Milton Santos (2014) por sua vez, nos chama atenção em relação à diferença entre localização e lugar. Para o referido autor, não devemos confundir a localização com o lugar, pois ele (lugar) pode ser o mesmo, já as localizações mudam. Neste sentido, o lugar, para Santos, pode ser definido como um conjunto de objetos que no transcorrer da história (tempo), suas funções passam a ser modificadas:

O lugar é um conjunto de objetos que têm autonomia de existência, pelas coisas que o formam - ruas, edifícios, canalizações, indústrias, empresas, restaurantes, eletrificação, calçamentos, mas não têm autonomia de significação, pois todos os dias novas funções substituem as antigas, novas funções se impõem e se exercem. (SANTOS, 1988, p.18-19)

Ainda de acordo com Santos, "o lugar se define a partir da funcionalização do mundo, e é por ele (lugar) que o mundo é percebido empiricamente" (SANTOS, 1996, p.35). Deste modo, o lugar, frente ao processo de globalização, torna-se fundamental e não deve ser ignorado, pois é através da articulação das redes que ligam esses lugares que o mundo se funcionaliza. Assim, Santos (1996, p.38) afirma que:

[...] o lugar não pode ser visto como passivo, mas como globalmente ativo, e nele a globalização não pode ser vista como fábula. O mundo, nas condições atuais, visto como um todo, é nosso estranho. O lugar, nosso próximo, nos restitui o mundo: se este pode se esconder pela sua essência, não pode fazê-lo pela sua existência. No lugar estamos condenados a conhecer o mundo, pelo que ele já é, mas também pelo que ainda não é.

Neste sentido, Carlos (2007, p.14), concordando com Santos, destaca que:

[...] a globalização materializa-se concretamente no lugar, aqui se lê/percebe/entende o mundo moderno em suas múltiplas dimensões, numa perspectiva mais ampla, o que significa dizer que no lugar se vive, se realiza o cotidiano e é aí que ganha expressão o mundial. O mundial que existe no local, redefine seu conteúdo, sem todavia anularem-se as particularidades.

Carlos, também ligada a essa corrente crítica da Geografia, define o lugar como: "[...] a porção do espaço apropriável para a vida - apropriada através do corpo - dos sentidos - dos passos de seus moradores, é o bairro é a praça, é a rua [...]" (CARLOS, 2007, p.17-18). Assim, para essa geógrafa o lugar é definido através do modo com que vivenciamos e utilizamos estes espaços.

Carlos destaca ainda que "o lugar só pode ser compreendido em suas referências, que não são específicas de uma função ou de uma forma, mas produzidos por um conjunto de sentidos, impressos pelo uso" (CARLOS, 2007, p.18).

Portanto, o lugar, para Carlos é onde acontece as relações sociais, os laços de identidade entre os habitantes, o encontro com os conhecidos, que se realizam no plano vivido, garantindo uma rede de significados e sentidos (CARLOS, 2007).

Neste trabalho o lugar é visto na perspectiva humanista, onde se concentram as relações sociais e culturais, as representações identitárias, os símbolos, os significados e os valores culturais para os indivíduos e/ou grupos sociais (GOMES, 1996). Neste sentido, o lugar que estamos nos referindo são as festas, que apesar de se caracterizarem por serem um evento efêmero como afirma Maia (1999), são vivenciadas e experienciadas com intensidade (GOMES, 2008).

1.3.1. A resignificação do lugar na Geografia Cultural

A resignificação do conceito de lugar está interligada com a consolidação da fenomenologia na Geografia. Assim, autores como Carl Ortwin Sauer, Eric Dardel, Edward Relph, Yi-Fu Tuan e Anne Buttimer, tiveram uma importância essencial durante esse processo. Vários foram os fatores para que essa busca se tornasse mais intensificada na ciência geográfica, mas o que seria marcante era a inquietação destes autores com relação ao positivismo, que estava cada vez mais ganhando força, passando a ignorar o que eles consideravam fundamental nos estudos geográficos: as relações espaciais.

O conceito de lugar, conforme Holzer (1999; 2003), foi, por um longo período, associado à definição da ciência geográfica no seu sentido de localização espacial, ganhando importância apenas na década de 1970.

Mas, para que a geografia desse esse salto epistemológico, e propusesse uma nova redefinição ao conceito de lugar, a contribuição de Carl Ortwin Sauer, com seus estudos sobre a paisagem envolvendo a fenomenologia na década de 1920, e Eric Dardel³ com a publicação do seu livro *O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica*, utilizando a fenomenologia existencialista no ano de 1952, foram fundamentais (HOLZER, 2003).

Ambos os autores apresentavam em comum suas preocupações com o modo com que a ciência geográfica vinha desenvolvendo seus estudos. Para eles, os estudos geográficos poderiam ir muito além do que uma simples objetivação, podendo se trabalhar a subjetividade contida nos fenômenos, por meio da fenomenologia.

A contribuição de Sauer partiria da publicação de seu artigo intitulado: *A morfologia da paisagem* no ano de 1925, no qual procurava delimitar o campo da Geografia, se apoiando em uma visão fenomenológica da ciência, que ultrapassaria as ideias cartesianas e positivistas que eram impostas naquele momento (HOLZER, 2003; 2012a).

Naquele período, o positivismo estava bastante presente nos estudos clássicos da geografia, valorizando apenas a racionalidade científica, que estava focada no caráter objetivo e afirmativo dos fatos observáveis, o que impedia que a ciência geográfica valorizasse as temáticas relacionadas à cultura, ao simbólico, entre outros.(NIGRO, 2010).

De acordo com Holzer (2003), Sauer, em seu artigo, com uma visão fenomenológica da ciência, diferentemente de muitos geógrafos daquele período (centrados no positivismo), no qual se encontrava, afirmava que "todo o campo do conhecimento é caracterizado por sua preocupação explícita com certo grupo de fenômenos que ele se dedica a identificar e ordenar de acordo com suas relações." (SAUER, 2012, p.182).

Neste sentido, Sauer, levando em consideração que toda ciência, cada uma com suas particularidades, partem de um grupo de fenômenos para realizar seus estudos, incorporaria a fenomenologia, afirmando que "a tarefa da Geografia é estabelecer um sistema crítico que envolva a fenomenologia da paisagem, de modo a captar em todo seu significado e cor a variada cena terrestre". (SAUER, 2012, p.187). Neste contexto, conforme Holzer (2012a), Sauer se referia a um estudo que envolvia as ações dos homens sobre paisagem, transformando-a em seu habitat, que se resultaria na paisagem cultural.

³ Na época um professor secundarista de história e geografia.

De acordo com Holzer (1999), nesse artigo, Sauer passou a trabalhar com o conceito de paisagem cultural, onde alegava que ela estaria vinculada ao estudo da Geografia. Ainda segundo o autor, neste conceito proposto (paisagem cultural) por Sauer, apresentava vários elementos subjetivos que referiam ao conceito de lugar (HOLZER, 1999). Além disso, foi nesse texto que surgiu as primeiras referências à fenomenologia na ciência geográfica (GOMES, P., 1996).

Assim, embora Sauer "não tenha utilizado a expressão fenomenológico para manifestar qualquer engajamento com esta corrente filosófica", foi por meio de seus estudos sobre a paisagem envolvendo a fenomenologia, que a geografia começaria uma longa busca, para que seus estudos fossem vistos além dos preceitos propostos pelos positivistas (GOMES, P., 1996, p.326).

Porém, antes que esse momento ocorresse, "Eric Dardel publicaria, em 1952, sua obra intitulada o Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica", que também contribuiria para a ressignificação do conceito de lugar e fortaleceria a inserção do método fenomenológico na geografia (HOLZER, 1999; 2003; 2010).

Nesse período da publicação de sua obra, Dardel discordava com o método com que a geografia estava desenvolvendo seus estudos. Nas palavras de Holzer (2003, p.114), Dardel, "não aceitava que a geografia fosse vista como disciplina científica nos moldes positivistas. Para ele a geografia se refere à inserção do homem-no-mundo, de modo que não pode lidar apenas com aspectos objetivos ligados a um espaço geometrizado". Dardel (2011, p.2) afirmava que: "O espaço geometrizado é homogêneo, uniforme, neutro [...]. A geometria opera sobre um espaço abstrato, vazio de todo conteúdo, disponível para todas as combinações". Foi seguindo essa ideia, de não aceitação dos padrões positivistas, que Dardel publicou sua obra, tendo como base teórica a fenomenologia existencialista (HOLZER, 2003).

Sobre o conceito de lugar, como destaca Holzer (2010, p.3), embora "Dardel não tenha dedicado um capítulo em sua obra para discuti-lo, ele se apresenta no texto do seu livro, como fundamento para a construção de todas as relações temporais e espaciais de ser-no-mundo". Neste sentido, para Dardel, é no lugar que o homem estabelece todas as suas relações, sendo ele a base principal de sua existência:

Antes de mais nada, há esse "lugar" que não escolhemos, onde as bases de nossa existência mundana e da nossa condição humana se estabelecem. Nós podemos trocar de lugares, mudar, mas isso é ainda a procura de um lugar; precisamos de uma base para estabelecer nossa existência e realizar nossas possibilidades, um aqui a partir do qual descobrir o mundo, um acolá para o ir (DARDEL, 1952, p.63, apud RELPH, 1979, p.16) .

Como descreve Holzer (2010), assim como as ideias de Sauer (sobre a fenomenologia da paisagem), Dardel influenciou geógrafos que estavam em busca de novos caminhos para a geografia, além de contribuir também no resgate do conceito de lugar e na inclusão do método fenomenológico na ciência geográfica:

A partir do lugar, utilizando-se de todos os passos do método fenomenológico husserliano Dardel, melhor do que ninguém, aproximou-se de uma geografia "além da ciência", que os geógrafos culturais procuravam, e o mais importante, referenciado à história a partir das "ontologias" geográficas que permearam as mais diversas épocas e povos. Com certeza estes fundamentos de sua obra atraíram a atenção dos geógrafos norte-americanos que buscavam novos caminhos para a ciência geográfica, e o encontraram na fenomenologia e no conceito de lugar (HOLZER, 2010, p.6).

A partir daí foi que o conceito de lugar passaria a ir além do sentido locacional, e seria redefinido por Relph, que resgatou a obra de Dardel na década de 1970, pois, naquele momento, havia sido esquecida pelos geógrafos (HOLZER, 2003). Relph destacou em um dos seus artigos, que esse livro "era a descrição mais completa das bases fenomenológicas da geografia." (RELPH, 1979, p.2).

Portanto, é nesse período "com a publicação sucessiva de artigos de Relph e de Tuan, que a aplicação dos conceitos da fenomenologia à geografia se manifesta com clareza" (GOMES, P., 1996, p.326).

Foi a partir desse momento que a geografia incorporaria a fenomenologia em seus estudos, e os geógrafos citados anteriormente (Relph, Tuan), além de Buttimer, redefiniriam o conceito de lugar, passando a ir além da sua definição clássica, que remetia apenas ao sentido de localização espacial, como era definido até então pela corrente tradicional da Geografia.

Relph afirmava que o método fenomenológico era apropriado para se trabalhar alguns temas que compõe a Geografia, que não poderiam ser apenas vistos pela mensuração, quantificação ou observação, pois eles remetem a nossas experiências com o mundo:

Fenomenologia tem a ver com princípios, com as origens do significado e da experiência. É concernente a fenômenos tais como ansiedade, comportamento, religião, lugar e topofilia, que não podem ser compreendidos somente através da observação e medição [...]. Tais fenômenos da experiência são substância de nossos envolvimento no mundo e constituem as bases do nosso corpo formal de conhecimento que designamos de Geografia.(RELPH, 1979, p.1)

Entre esses temas, os geógrafos fenomenologistas buscavam revalorizar principalmente o conceito clássico de lugar, que passou a ser visto pelos humanistas como um espaço que concentra significados e valores culturais para os indivíduos (GOMES, P., 1996)

Assim, segundo Holzer (2010a; 2012), Relph valorizava dois aspectos referentes a essa corrente filosófica: o primeiro seria sua crítica ao cientificismo e ao positivismo e o segundo refere-se a sua visão holística e unificada do homem e da natureza. Ainda de acordo com autor, para ele, a fenomenologia era considerada uma filosofia dos mundos vividos através da experiência humana (HOLZER, 2010a). Neste sentido, "a fonte legítima do conhecimento é a explicação centrada sobre as experiências vividas cotidianamente [...]" (GOMES, P., 1996, p.327).

Seria ainda nesse sentido que Relph redefiniria o conceito de lugar. Para ele, não poderia ser visto apenas pelo sentido que remete à localização, mas sim, pela experiência e envolvimento com o mundo: "[...] "lugar" significa muito mais que o sentido geográfico de localização. Não se refere a objetos e atributos das localizações, mas a tipo de experiência e envolvimento com o mundo, à necessidade de raízes e de segurança. [...]" (RELPH, 1979, p.16-17). Assim, para o autor, "lugar é onde conflui a experiência cotidiana, e também como essa experiência se abre para o mundo" (RELPH, 2012, p.29).

Assim como Relph, os trabalhos de Tuan seguem a mesma crítica à ciência objetiva (clássica), afirmando que naquele momento, ela minimizava cada vez mais a importância que a consciência humana tinha para o conhecimento, já a fenomenologia é o contrário, ela torna possível restabelecer o contato entre o mundo e as significações, isso porque dispõe de algo essencial, a verdadeira medida da subjetividade (GOMES, P., 1996).

Tuan, é um dos autores na atualidade que fundamenta o sentido de lugar na ciência geográfica, por meio da fenomenologia, ele utiliza como base principal para conceituá-lo a experiência do homem (esse como elemento principal), pois são eles que estruturam e dão vida ao lugar.

De acordo com Holzer (1999), Tuan alegava que a ciência geográfica estuda o lugar como localização e como artefato único, porém ele se dedicaria à segunda perspectiva, pois o lugar como localização seria apenas uma unidade sem importância e significados:

[...] o lugar é uma unidade entre outras unidades ligadas pela rede de circulação; [...] o lugar, no entanto, tem mais substância do que nos sugere a palavra localização: ele é uma entidade única, um conjunto 'especial', que tem história e significado. O lugar encarna as experiências e as aspirações das pessoas. O lugar não é só um fato a ser explicado na ampla estrutura do espaço, ele é a realidade a ser esclarecida e compreendida sob a perspectiva das pessoas que lhe dão significado (TUAN, 1979, p.387, apud HOLZER, 1999, p.70)

Para Tuan (2013), o lugar é o centro que nós, seres humanos atribuímos valor, é onde nós vivemos e/ou vivenciamos no nosso cotidiano, é nele que são satisfeitas as necessidades biológicas (comida, água, descanso, procriação, entre outras), e, por isso, não pode ser visto apenas no sentido de localização, pois, através das nossas experiências, nós somos capazes de dar significados e dotá-los de valores afetivos: "[...] a experiência implica a capacidade de aprender a partir da própria vivência. Experenciar é aprender; significa atuar sobre o dado e criar a partir dele [...]" (TUAN, 2013, p.18). Ainda de acordo com Tuan, os lugares podem variar de tamanho, indo desde uma poltrona até o estado-nação:

Uma poltrona perto da lareira é um lugar, mas também o é um estado-nação. Pequenos lugares podem ser conhecidos através da experiência direta, incluindo o sentido íntimo de cheirar e tocar. Uma grande região, tal como a do estado-nação, está além da experiência direta da maioria das pessoas, mas pode ser transformada em lugar - uma localização de lealdade apaixonada - através do meio simbólico da arte, da educação e da política. (TUAN, 1985, p.149)

Assim, para esse autor, o lugar "é um mundo de significado organizado", ou seja, é onde, através da experiência, depositamos os nossos sentimentos, afeição, é onde vivemos no nosso cotidiano (TUAN, 2013, p.219).

Segundo Ferreira (2002), Buttimer também se fundamenta na fenomenologia para discutir sua compreensão de lugar, porém, ela busca em seus estudos uma aproximação entre a fenomenologia e o existencialismo e, se baseia na constatação de que ambas buscam além de reunir os valores e os fatos, ou os valores e agentes das ações, procuram compreender os significados e valores.

É neste sentido que Buttimer (2015, p.4) procura compreender o sentido de lugar, afirmando que ele "é construído, significado, recomposto e criado pelas pessoas que nele vivem". Assim, o lugar é constituído de valores e significados que as pessoas atribuem a ele, e isso só é possível ocorrer através de suas experiências que podem ser tanto individuais quanto em grupos.

1.3.2. A Geografia Humanista: espaço e lugar

Existem diferentes maneiras de interpretar o espaço e o lugar, entretanto, na Geografia humanista, ambos são interpretados a partir da experiência, dos valores e dos significados que lhes são acrescentados pelos seres humanos.

A Geografia humanista, de acordo com Mello (1990, p.92), "[...] centraliza no homem, enquanto ser pensante, uma importância vital, visando a compreender e interpretar os seus sentimentos e entendimentos do espaço e, até mesmo, como simbologia e o significado dos lugares podem afetar a organização espacial". Neste sentido, o homem ou a humanidade nessa perspectiva humanista, é o ponto de partida essencial na análise do espaço e lugar (TUAN, 2014).

Sobre a contribuição dos geógrafos ligados a essa corrente da Geografia, no que se refere ao espaço e lugar, Gomes (1996, P., p.329) destaca que "[...] é fundamental e complementar, pois ele busca compreender o mundo humano estudando as relações entre os homens e a natureza, seu comportamento geográfico e seus sentimentos e ideias frente ao espaço e aos lugares".

Assim, o homem, por meio de um conjunto que expressa suas realidades, entendimentos, vivências, experiências e sentimentos, características que resultam na experiência vivida, é considerado um dos elementos principais na análise e interpretação nos estudos humanísticos da Geografia, sobre o espaço e o lugar.

Diferentemente de como eram vistos pelos positivistas, através da análise da organização espacial, em que, a distância, e a medição numérica eram mais importantes, o espaço e o lugar, ganharam destaque para os geógrafos humanistas, desconsiderando o que a ciência objetiva propunha, passaram a ser estudados a partir dos valores humanos, e da experiência vivida cotidianamente pelos seres humanos (HOLZER, 2003).

Como destaca Mello (2012), os espaços e os lugares dos homens é o foco principal dos geógrafos da tendência humanista, o que fez com que fossem adotados como categorias matriciais nessa perspectiva, ambos, são vistos de maneiras distintas: enquanto um (espaço) guarda mistérios, dores e desesperanças, o outro (lugar) demonstra aconchego, possui significados e nos transmite recordações.

Assim como Mello, Tuan afirma que tanto o espaço quanto o lugar não são necessariamente a mesma coisa: o primeiro implica em aventura, novas experiências, porém também oferece riscos. Já o segundo ao contrário, é seguro e familiar (TUAN, 2014). O autor

afirma ainda, que eles possuem uma relação dialética, ou seja, oposta um do outro: o espaço é abstrato, o lugar é concreto (TUAN, 2011). Um exemplo utilizado por Tuan, a partir do corpo e da mente, demonstra a diferença entre espaço e lugar:

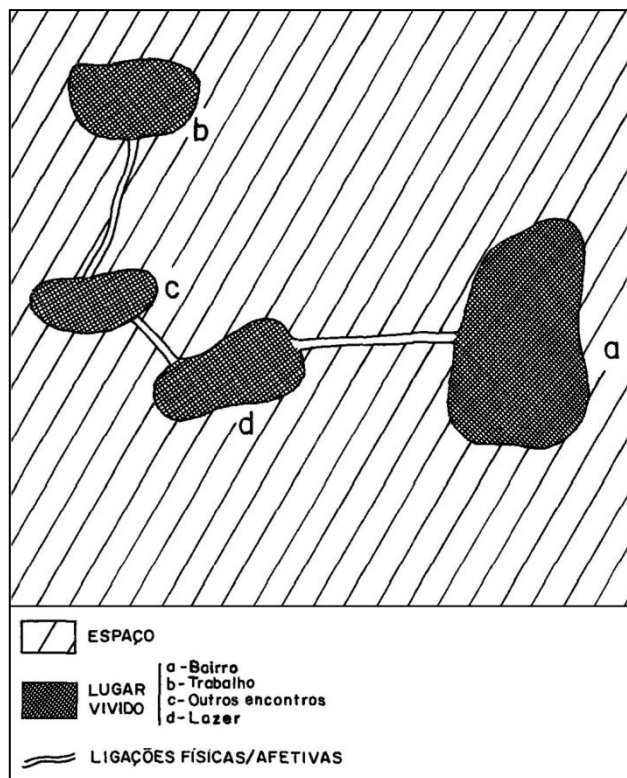
O corpo é equipado com os sentidos do paladar, tato, olfato, audição e visão. Por meio deles fazemos contato com o ambiente e, com o tempo, tornamos-nos fortemente ligados a ele. A esse ambiente familiar chamamos de lar – um lugar íntimo que é necessário para nossa sobrevivência e bem estar. Por outro lado, também temos a mente: com ela somos capazes de perambular imaginativamente em outros mundos e realidades. Nesse sentido, portanto, podemos considerar nosso corpo como lugar e nossa mente como espaço. (TUAN, 2014, p.7-8)

Embora exista uma distinção e sejam vistos de maneiras opostas, não se pode desconsiderar que ambos estão ligados um ao outro, pois, o "lugar encontra-se presente no espaço" (MELLO, 1990). Além disso, o homem, através das suas experiências com o espaço, transforma-o em lugar: "[...] o que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor [...]". (TUAN, 2013, p.14).

Observa-se que, para que o espaço transforme-se em lugar, a experiência é fundamental, pois, só conseguimos definir qual é o nosso lugar a partir da nossa vivência com ele, se é um local que não experienciamos, não o vivenciamos, então ele é apenas um espaço.

Deste modo, como afirma Mello (1990), o bairro, os locais de trabalho, dos encontros e lazer, locais presentes no cotidiano das pessoas são lugares vividos, são carregados de significados e laços afetivos. Já o espaço é extenso, não têm significado, é apenas um espaço qualquer e vazio (Figura 3).

Figura 3. Representação de espaço e lugar



Fonte: Mello, 1990. Adaptado pela autora, 2016.

Portanto, o espaço é amplo, é algo que não tem valor nenhum para o indivíduo. Passamos por ele e não o percebemos, porque simplesmente não estamos habituados a ele. O lugar, ao contrário, é qualquer localidade que tem significado para uma pessoa ou grupo de pessoas, é conhecido, e demonstramos afeição a ele (TUAN, 2011). Assim, como afirma Mello (1990, p.102):

As experiências nos locais de habitação, trabalho, divertimento, estudos e dos fluxos transformam os espaços em lugares, carregam em si experiências, logo, poesia, emoção, sensação de paz e segurança dos indivíduos que estão entre os "seus", tem uma conotação de pertinência por pertencer à pessoa e esta a ele, o que confere uma identidade mútua, particular aos indivíduos.

Além da experiência na transformação do espaço em lugar, o tempo também torna-se importante: "[...] se pensamos no espaço como algo que permite movimento, então lugar é pausa; cada pausa no movimento torna possível que localização se transforme em lugar", é essa pausa no movimento que faz com que uma localidade se torne um centro de reconhecido valor (TUAN, 2013, p.14). Neste sentido, o lugar é tempo lugarizado, pois entre espaço e tempo, por meio da experiência vivida pelo indivíduo, se dá o lugar (OLIVEIRA, 2012).

Deste modo, como destaca Tuan (2011), na experiência vivida, espaço, tempo e lugar são inseparáveis. É através do tempo e da experiência que se cria uma relação entre as pessoas e o espaço, tornando-o lugar, são eles (tempo e experiência) que determinam o quão valioso ele se tornará para a pessoa.

Baseado nos exemplos que Mello (1990) propõe, porém de forma mais simplificada, pensamos em um aluno calouro de uma Faculdade X: na primeira vez que ele chega, aquele espaço é estranho, o ambiente, as pessoas. Com o passar dos dias, ele vai começando a se habituar, a fazer amigos, a começar a passar mais tempo até do que deveria. Nesse momento ele começa a criar laços afetivos e, com o passar dos meses aquele local não é mais estranho para ele, o que faz com que transforme-se em um lugar. Deste modo, "[...] o sentido de lugar é adquirido após um período de tempo, [...] quanto mais tempo permanecemos em uma localidade, melhor a conhecemos e mais profundamente significativa se tornará para nós [...]" (TUAN, 2011, p.14).

Outro exemplo de lugar é a festa, objeto de estudo desta pesquisa. A festa é um lugar onde a participação das pessoas é intensa, isso porque elas vão pelo fato de se sentirem pertencidas à uma determinada cultura. É onde as pessoas mantêm relações umas com as outras, é nela que as pessoas constroem laços de amizade, é um lugar de socialização, é onde o indivíduo vivencia aquilo que representa a sua identidade cultural. Assim sendo, ela é um lugar tornado visível (ALMEIDA, 2011). E tudo isso só acontece devido ao tempo de estar ali todos os anos participando.

Portanto, o tempo, em conjunto com a experiência vivida são responsáveis por essa transição de espaço para lugar. Assim, como destaca Tuan (2011), o lugar é um espaço estruturado, organizado a partir da experiência vivida pelo indivíduo, que, através do tempo, torna-se repleto de valores e significados.

CAPÍTULO 2 - A CIDADE DE PORTO NACIONAL E SUAS FESTAS: ASPECTOS HISTÓRICOS E GEOGRÁFICOS

PORTO NACIONAL

*A cidade no arco dos tempos
Conta histórias nas casas sem nomes,
Pranteadas de cadeiras escurecidas
E velas sob as correntes.*

*Borda o rio das lendas
Da ciranda dos espectros
Nas pedras do convento*

*As ruas seguem para outro mundo,
Quando os sinos dobram em rezas,
E as corujas pousam sóbrias
Nas hastes de suas pedras.*

*A catedral contempla o tempo
E a lonjura de sua jornada
Nas longas luas,
Por séculos atravessadas.*

*A cidade tem sua rua das flores,
De onde tira cores
Para pôr nas janelas das casas.*

*As portas se abrem
Para o rio crepúsculo,
Onde a boiúna deixa
A margem de suas escamas.*

*O povo canta as preces
Em resposta à voz de zinco,
Que se estende no horizonte,
Onde as colinas encontram
As colunas brancas da ponte.*

(SILVA, 2013, p.23)

2.1. Um breve relato sobre a história da cidade de Porto Nacional

Começamos este breve relato sobre a história da cidade de Porto Nacional, destacando as palavras de Durval Godinho, que nos mostra a importância das cidades em seu contexto histórico e cultural:

As cidades são como os seres humanos, têm virtualidades próprias. Refletem personalidades que lhes conferem caracterização inconfundível. Conseqüentemente cada cidade tem na sua história algo que a simbolize [...]. As cidades são mostruários evocadores e testemunhas sobreviventes da vida, obra e luta de nossos ancestrais de cuja bravura e tenacidade decorre, por vezes, a pujança dos dias atuais. As velhas cidades pelo legado de suas lendas, folclore e tradições são eloquentes retratos dos feitos heróicos ou tiranos [...]. As velhas cidades que nem sempre são cidades velhas, são eternos teatros onde se representam todas as cenas da vida (GODINHO, 1988, p.9).

Como explicitado pelo autor, as cidades possuem, em seu plano de existência, virtualidades próprias, sendo, assim, palco de diversos acontecimentos que às caracterizam. Entre eles: políticos, econômicos e principalmente culturais.

Mas por que principalmente culturais? Porque hoje, mais do que nunca, a cidade precisa ser pensada como produtora de significados, tanto individuais quanto coletivos. Significados estes que são frutos das vivências e experiências dos usuários com o espaço. Assim, é preciso pensar a cidade humana, onde as pessoas sejam elementos constituintes dela (PESSOA, 2012).

A gente tem o lugar que a gente mora, que a gente vive, como um lugar que é parte da nossa identidade, e isso acaba se refletindo, por exemplo, na minha obra musical nos meus trabalhos acadêmicos. De alguma maneira eu estou sempre rebuscando Porto Nacional, de modo que Porto representa as minhas raízes, a minha cultura, o lugar onde eu constituo uma referência cultural. É o lugar que eu escolhi para viver [...] (SILVA, 2016⁴).

Portanto, entender o processo histórico da cidade de Porto Nacional é fundamental para compreendermos a sua dinâmica cultural que subsidiará a discussão do nosso objeto de estudo no contexto cultural da referida cidade. A volta ao tempo nos mostrará a sua evolução, como surgiu e se desenvolveu principalmente em aspectos históricos, geográficos e culturais. Neste sentido, optamos por realizar uma periodização, em que procuraremos destacar os marcos históricos e culturais de um lugar, que já foi arraial de Porto Real (a partir do final do

⁴ Ativista cultural da cidade de Porto Nacional. Entrevistado em 11 de outubro de 2016.

século XVIII até 1830), vila e cidade de Porto Imperial (1831 - 1889) e atualmente é a cidade de Porto Nacional (1890 - até os dias atuais).

[...] eu escolhi Porto para morar por causa da questão cultural [...], da arquitetura antiga, da história da cidade, então assim, eu me identifiquei muito com a questão cultural e escolhi Porto por isso, [...] não só aspectos das paisagens, mas das histórias também. Tem muitas histórias interessantes aqui a cerca da própria construção da igreja, algumas lendas, histórias sobre o rio, a questão da navegação [...], e as festas populares, porque o trabalho que eu desenvolvo é justamente pela valorização dessas tradições, que são heranças culturais, e que me chamou atenção [...] (SANTOS, 2016⁵).

O processo de povoação e formação da cidade de Porto Nacional, ou melhor, arraial de Porto Real (conversando conforme o decorrer de sua história) está relacionado ao período de descoberta e exploração do ouro nos sertões de Goiás, que se iniciou na segunda década do século XVIII. Isso porque, naquele período, o ouro se tornava um dos motivos que ocasionava a aglomeração de um povo e, conseqüentemente a formação de pequenos povoados, denominados de arraiais. Nas palavras de Dias e Calaça (2013, p.103):

[...] o desejo pelo ouro era considerado a primeira instância que aglomerava um povo em uma determinada localidade [...]. Quanto mais duradouro era o ouro, mais sólido se tornava o arraial, com predominância de famílias desenvolvendo, inclusive, outras atividades complementares à mineração.

Neste sentido, em função da busca de ouro pelos mineradores, originavam-se os primeiros arraiais próximos às margens de rios e córregos. Destacamos aqui, aqueles que se formaram entre o rio Tocantins e o sertão da Bahia, a partir de 1734: Natividade, S. Félix, Pontal, Porto Real, Arraias, Cavalcante e Pilar (PALACIN; GARCIA E AMADO, 1995).

Embora sua história esteja relacionada com o período de exploração aurífera nos sertões de Goiás, o arraial de Porto Real não se tratava exatamente de um núcleo mineratório, mas sim de um ponto de passagem⁶, uma vez que encontrava-se situado entre dois arraiais, que, naquele momento eram tidos como importantes centros mineratórios na região, sendo eles: Bom Jesus do Pontal e Nossa Senhora do Carmo, o primeiro localizado à esquerda e o segundo à direita do rio Tocantins (OLIVEIRA, 1997). Assim, conforme relata Oliveira (1997) a origem do arraial de Porto Real está intimamente ligada à existência dos dois núcleos

⁵ Ativista cultural da cidade de Porto Nacional. Entrevistado em 11 de outubro de 2016.

⁶ No mapa número 17 do livro escrito por PALACÍN, et. al., (1995, p. 44), intitulado *História de Goiás em Documentos*, publicado no ano de 1995, é possível observar que Porto Real fazia parte dos principais caminhos coloniais que eram percorridos no período de exploração do ouro.

mineratórios aqui citados, principalmente pelo fato de ter sido um ponto de passagem entre eles. De acordo com Aquino (2008), o transporte das pessoas entre os dois centros era realizado por Félix Camoa que, conforme registros historiográficos, foi o primeiro morador do arraial de Porto Real, quando ainda era apenas um ponto de passagem.

Godinho (1988, p.10) complementa que:

O povoado do Porto teve como recuada origem um pobre casebre de passador que explorava o transporte de passageiro em demanda para o importante arraial de Pontal edificado no sopé da serra do mesmo nome, distante três léguas, a ocidente de Porto e dos que buscavam as ricas minas de ouro do arraial do Carmo, localizado no anfiteatro da serra de igual denominação, a oito léguas, a oriente da margem do Tocantins. O ponto escolhido pelo destemido barqueiro Félix Camoa, de origem portuguesa, ficava entre duas ilhas, à margem direita do rio [...].

Godinho (1988) afirma que, logo após Félix Camoa, outras pessoas também adotaram sua ideia e foram se aglomerando no local, desenvolvendo atividades relacionadas à agricultura (já que as terras eram férteis), pesca (pois estava localizada as margens do rio Tocantins), transporte de cargas, entre outras.

Não tardou muito para que a ideia de Camoa fosse aproveitada também por outras pessoas que adotaram a lavoura como profissão, dada a fertilidade das terras adjacentes. E assim, na última década do século XVIII e alvorecer do século XIX, diversos barracões foram aglomerando onde passaram a residir pequenos agricultores, pescadores, fabricantes de barcos para escoamento do ouro para Belém do Pará e transportadores de carga e mercadorias para o Carmo, Pontal e para o presídio de "Matança" instalado próximo de Pontal (GODINHO, 1988, p.10).

Um dos principais fatores que contribuíram para que as pessoas passassem a migrar para onde Félix Camoa encontrava-se instalado foi o declínio do ouro nas minas dos povoados vizinhos, dando início, assim, a um pequeno povoado denominado de arraial de Porto Real, e que anos mais tarde se tornaria a cidade de Porto Nacional.

É comum em cidades interioranas seus habitantes narrarem um pouco sobre sua história para visitantes, estudantes e pesquisadores e em Porto Nacional não é diferente. Brito (2016⁷) relata que, em relação a história da cidade de Porto Nacional, é possível encontrar alguns equívocos que são passados de geração em geração e que acabam virando verdade, como é o caso de a Catedral Nossa Senhora das Mercês ter sido construída por escravos e sobre a origem da cidade que teria nascido após um ataque do povo indígena no arraial do

⁷ Ativista cultural da cidade de Porto Nacional. Entrevistado em 07 de novembro de 2016.

Pontal, que teria feito com que toda sua população migrasse para Porto Real. Este último, encontra-se inclusive em escritos que destacam a história da cidade, como: *Brasiliense* (1954) citado por Oliveira (1997), Godinho (1988) e Rodrigues (2001).

[...] a gente encontra alguns equívocos que são passados de geração em geração e que acaba praticamente virando uma verdade [...]. **Nós já fizemos alguns trabalhos justamente para fazer essa correção, como por exemplo, a da Catedral de Nossa Senhora das Mercês⁸, que ficou na memória das pessoas mais jovens principalmente, que tinha sido construída por escravos e isso foi sendo levado adiante[...], passado para as pessoas e as pessoas foram até petrificando essa informação, quando não é verdade, é um equívoco muito grande [...]. Assim como nós fizemos com [...] **Bom Jesus do Pontal, que são as ruínas que ficam depois do lago, no sentido de Brejinho de Nazaré e que os próprios escritores alimentaram [...] que o povoado foi destruído por um ataque de índios e a população fugiu para o então embrião do que era o início da comunidade, através do Félix Camoa, um passador que fazia a circulação entre os garimpeiros de [...] Carmo e Pontal, disseram que fugiram pra cá [...].** Nós fizemos um documentário para reportar a verdade através da pesquisa do professor Giralдин [...], ele prova que não houve ataque, o que houve foi um ataque localizado no ribeirão Matança, onde tinha dezoito garimpeiros trabalhando e que todos foram mortos. Mas os índios não atacaram a vila, não houve ataque da vila. O que houve na realidade foi uma extinção natural provocada por uma questão econômica. [...]. Como o Marques de Pombal tinha caído e ele tinha proibido a navegação pelo rio Tocantins na questão do contrabando do ouro de cem anos, quando ele caiu do poder, essa resolução caiu também. O pessoal já fazia comércio com Belém. Após a deliberação [...] eles viram que era mais fácil estar mais próximo do rio do que uma distância de aproximadamente vinte quilômetros [...]. (BRITO, 2016⁹, grifo nosso)**

Giralдин (2002) afirma que, de fato, ocorreu um ataque, mas não exatamente no arraial de Bom Jesus do Pontal, e sim no garimpo do ribeirão Matança e que o que acarretou das pessoas migrarem para Porto Real e abandonar Pontal foi o crescimento das atividades comerciais e de navegação pelo rio Tocantins.

No entanto, Oliveira (2007, p.117-118) defende que, embora esses ataques não tenham sido o fator determinante da extinção do arraial de Pontal, ficaram no imaginário da população como justificativa válida para a origem de uma cidade, que iria se destacar como Capital Cultural da região.

Assim, com a decadência do ouro nas localidades próximas e as atividades que começaram a ser exercidas, Porto Real passava a se tornar um "celeiro" na região. Com isso,

⁸ Sobre esse trabalho ver mais no documentário "**Altar de Pedra Canga**", disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=auI48J4rKTw>>.

⁹ Ativista cultural da cidade de Porto Nacional. Entrevistado em 07 de novembro de 2016.

na primeira década do século XIX, entre os anos de 1803 a 1809, o desembargador Joaquim Teotônio Segurado (Ouvidor da Comarca do Norte) começou a realizar os delineamentos de Porto Real, que, no ano de 1810, recebeu o julgado do arraial de Nossa Senhora do Carmo (SILVA E MAIA, 2013).

Essa primeira década do século XIX também foi marcada pela construção da "primeira capela" do arraial de Porto Real, que anos mais tarde se constituiu em uma catedral dedicada à Nossa Senhora das Mercês - padroeira da cidade de Porto Nacional (SILVA E MAIA, 2013). Segundo Godinho (1988), se tratava de uma capela pequena, onde o vigário vinha do arraial do Carmo para celebrar missas três ou quatro vezes por ano, em períodos em que ocorriam as grandes festas religiosas.

De acordo com Giralдин (2002), no ano de 1819, Johann Emanuel Pohl (naturalista austríaco) visitou o arraial de Porto Real, e descreveu algumas de suas características:

[...] o número de casas chegava a trinta (30), sendo que a maioria delas era coberta de palha. Poucas eram cobertas de telhas. A água consumida era trabalhosamente trazida do rio. Contava o arraial com um destacamento de dez soldados, que não recebiam seus soldos havia quatro anos, vivendo de suas plantações à margem do rio [...]. Segundo o naturalista a população da região vivia do cultivo do fumo, de algodão e de mandioca, plantados às margens do Tocantins. O algodão era considerado de excelente qualidade (muito apreciado) sendo preferido em relação aos de outros locais. (GIRALDIN, 2002, p.7)

Conforme Godinho (1988), no ano de 1831, devido ao declínio progressivo da mineração dos arraiais vizinhos, o desaparecimento do arraial do Bom Jesus do Pontal e o crescente desenvolvimento do comércio com Belém do Pará advindos do incremento da navegação pelo rio Tocantins, o arraial de Porto Real foi elevado à categoria de vila, que naquele período implicava na criação dos órgãos de administração municipal, sendo assim, denominado de Vila de Porto Imperial. O autor destaca ainda que, enquanto vila, diversos fatos ocorreram em Porto Imperial, como, por exemplo, o desmembramento da Paróquia do Carmo, sendo criada a sua própria Paróquia com invocação inclusive de Nossa Senhora das Mercês. Além desse acontecimento, também houve, a criação de escolas primárias e a construção da cadeia.

Trinta anos após ter sido elevada a categoria de vila, era visível o desenvolvimento progressivo de Porto Imperial. Portanto o que era apenas um ponto de passagem entre dois arraiais, passou a ser um pequeno arraial, que se transformou em uma importante vila e que, no ano de 1861, foi oficialmente elevada à condição de cidade, passando a se chamar a cidade

de Porto Imperial, que resultou inclusive em desempenhar na região atividades no que diz respeito à educação:

Aqui se criou as primeiras escolas do norte de Goiás, através principalmente da chegada dos dominicanos em 1886¹⁰. A chegada da ordem dominicana de Porto Nacional foi o divisor de águas com relação a questão, tanto da formação como da questão cultural, porque os frades que vieram da França eram homens extremamente preparados com dotes intelectuais em tudo quanto era área¹¹. Porto se tornou uma referência pra uma região muito grande [...], você via gente de Belém do Pará, desses estados todos que fazem limite conosco aqui que vinham estudar, vinha gente até do Rio de Janeiro, porque o ensino tinha uma qualidade muito grande tanto do sexo feminino quanto do sexo masculino [...] (BRITO, 2016¹², grifo nosso).

Assim sendo, enquanto cidade, Porto Imperial recebeu os primeiros freis dominicanos no ano de 1886. Segundo Reis (1989), eles se encarregaram exclusivamente de dar um novo impulso no desenvolvimento da cidade, tanto no sentido espiritual quanto cultural, além de trazer educação escolar e a construção de algumas edificações. Deste modo, entre os seus primeiros trabalhos desenvolvidos, destacaram-se: a fundação de uma escola primária, a formação de uma banda de música, a construção do convento e a colaboração na imprensa local (MESSIAS, 2012).

Anos mais tarde, o país passava por uma transformação política no poder, a Proclamação da República, no ano de 1889, que constituía em uma nova ordem política, ocasionando diversas modificações no país. Na cidade de Porto Imperial, entre as várias mudanças que ocorreram, destacou-se a sua nova denominação. Em 1890 o que era a cidade de Porto Imperial passou a se chamar Porto Nacional. Godinho (1988) destaca essas curiosas mudanças de nome que a atual cidade de Porto Nacional teve no decorrer de sua história:

PORTO REAL recebeu seu batismo administrativo na quadra histórica da ascensão do Brasil da primitiva condição de colônia portuguesa para a dignidade de Reino Unido de Portugal e Algarves. Com o grito do Ipiranga implantando o regime Imperial, Porto se faz presente alardeando o

¹⁰ Sobre a educação em Porto Nacional ver em: DOURADO, Benvinda Barros. **Educação no Tocantins**: ginásio estadual de Porto Nacional. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Educação. Goiânia, 2010.

¹¹ Sobre a ordem dominicana em Porto Nacional ver em: BRESSANIN, César Evangelista Fernandes. **Entre missões, desobrigas, construções e projetos educativos**: a ordem dominicana dos pregadores nos sertões do antigo Norte de Goiás. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Programa de Pós-graduação em História - Cultura e Poder. Goiânia, 2015. Ainda sobre a influência dos dominicanos, diversos fascículos podem ser encontrados na COLEÇÃO MEMÓRIA DOMINICANA, em Belo Horizonte no Arquivo da Província Dominicana no Brasil Bartolomeu de Las Casas do Brasil.

¹² Ativista cultural da cidade de Porto Nacional. Entrevistado em 07 de novembro de 2016.

condizente nome de **PORTO IMPERIAL**. Proclamada a República, novo regime político que consolidou a Nação, eis que a cidade reivindica a consoante denominação de **PORTO NACIONAL** (GODINHO, 1988, p. 213-214, grifo nosso).

No ano de 1894 os dominicanos iniciaram o que seria uma de suas obras, que mudaria completamente a paisagem de uma pequena cidade localizada no antigo Norte Goiano. Começaram então a erguer em Porto Nacional a Catedral de Nossa Senhora das Mercês, com a orientação técnica do Frei Bartolomeu Merino, sendo concluída em 1903. De acordo com Reis (1989) entre as principais características da Catedral (Figura 4), estão as suas colunas e arcos executados em pedra e tijolo, que evoca o estilo românico de Toulouse, região esta de onde vieram seus construtores. Ainda, conforme a autora, a Catedral foi construída no mesmo local em que se encontrava edificada a antiga capela de Nossa Senhora das Mercês (demolida para construção da referida Catedral), em uma praça próxima ao rio Tocantins, também denominada de Praça Nossa Senhora das Mercês.

Figura 4. Catedral de Nossa Senhora das Mercês



Fonte: Thalyta Feitosa, 2016.

Mais tarde após a chegada dos freis dominicanos, chegaram à cidade de Porto Nacional, no ano de 1904, as irmãs dominicanas francesas. Segundo Godinho (1988), elas vieram a Porto com a missão de auxiliar seus irmãos do Convento Santa Rosa de Lima na

educação escolar para meninas. Para isso, construíram um amplo colégio¹³ na rua Coronel Pinheiro. Teixeira (2016) relata que com a chegada das irmãs, a cidade de Porto Nacional era vista como referência em educação e cultura no antigo Norte Goiano:

[...] Com a chegada das irmãs dominicanas e a implantação do Colégio Sagrado Coração de Jesus no antigo Norte de Goiás, isso aqui era uma região muito inóspita para chegar boas escolas, mas para esse tipo de educação. Para esse tipo de educação chegam as irmãs trazendo francês, trazendo latim, trazendo a música para o ensino fundamental. Então [...] as capitais que nós tínhamos [...] na época era cidade de Goiás e Belém do Pará, tudo com mil quilômetros de distância. Então tornou-se uma referência educacional com a chegada das irmãs, com o ensino de outras línguas, teoria musical para os alunos [...]. Então assim, aqui [...] foi referência de educação e cultura para o antigo Norte de Goiás, é visível grande parte pela chegada das irmãs e a implantação do colégio que trouxe esse conhecimento (TEIXEIRA, 2016¹⁴).

Godinho (1988) descreve que, em relação ao ensinamento sobre música, as irmãs dominicanas desejavam transmitir para suas alunas a beleza dos acordes de um instrumento - um piano que adquiriram na França. De acordo com o autor, o transporte deste aparelho até Porto foi um tanto curioso, pois na vinda aportou na cidade de Barreiras, localizada na Bahia, ponto terminal da navegação da bacia do São Francisco, e que foi Frei Reginaldo Tournier que resolveu o problema do transporte do referido piano até a cidade de Porto Nacional: "Na distante cidade de Barreiras fez amarrar o instrumento musical em duas fortes e compridas varas de quatro homens sustentam os ombros marchando à frente do cortejo de um pelotão de rezadores" (GODINHO, 1988, p.76).

Portanto, a presença dominicana trouxe benefícios para Porto Nacional, principalmente no que diz respeito à dinâmica social e cultural da cidade (OLIVEIRA, 1997). Até hoje este fato sobre a chegada dos freis e irmãs dominicanas é lembrado e comentado pelos moradores de Porto Nacional, pois, através deste acontecimento a cidade teve impulso no tocante à religião, educação e cultura.

Não podemos deixar de destacar que os anos de 1891 a 1904 foram marcados também pela fundação de três importantes jornais impressos na cidade: Folha do Norte (1891), O Incentivo (1902) e Norte de Goyaz (1904) que foram os pioneiros no que se refere à iniciação jornalística de Porto Nacional (GODINHO, 1988).

¹³ O referido colégio foi denominado Sagrado Coração de Jesus que hoje tem sua sede instalada em outro local. O prédio construído naquele período para abrigar o colégio, mais conhecido como Caetanato, atualmente, abriga a COMSAÚDE.

¹⁴ Ativista cultural da cidade de Porto Nacional. Entrevistado em 11 de outubro de 2016.

Desses primeiros jornais, O Incentivo, no ano de 1902, já registrava as manifestações religiosas que aconteciam na cidade de Porto Nacional. De acordo com Oliveira (1997), o referido jornal destacou algumas festas, como por exemplo, a de Nossa Senhora das Mercês, que é comemorada anualmente no dia 24 de setembro (mantendo a mesma data até os dias atuais), a do Divino Espírito Santo, que, naquele período era comemorada nos dias 25 e 26 de setembro (atualmente é comemorado no mês de maio) e as festas da Semana Santa, como a Procissão do Senhor Morto, realizada na sexta-feira santa (a data se mantém a mesma atualmente, de acordo com o calendário nacional, mês de março ou abril). De acordo com a autora, além das festas aqui citadas, na cidade também comemorava São Sebastião, Nossa Senhora do Rosário, Virgem da Conceição, as Festas Juninas (São João, Santo Antônio e São Pedro) e São Domingos (OLIVEIRA, 1997).

Oliveira (1997) ainda destaca que, naquele período além das manifestações religiosas, havia também comemorações separadas da igreja, que aconteciam muitas vezes no clube da cidade¹⁵, inaugurado ainda no início do século XX. Nele eram apresentadas diversas atrações, como comédias, dramas e bailes. Portanto, podemos observar que naquela época, Porto Nacional despontava de aspectos de uma vida social e cultural agitada, "principalmente com os institutos de preparo cultural" e os "veículos estimulantes dos arroubos intelectuais e artístico como a própria imprensa", o teatro, a música instrumental e os "clubes literos-sociais" (GODINHO, 1988).

No que diz respeito à vida cultural da cidade de Porto Nacional na atualidade, buscamos evidenciá-la a partir da opinião dos ativistas culturais. Deste modo, fizemos para eles a seguinte pergunta: Como você considera a vida cultural de Porto Nacional? Por quê?. Santos (2016) um dos ativistas culturais entrevistados relata que considera muito aquém, comparada a antigamente:

[...] eu considero muito aquém do que deveria ser [...]. No século passado nós realmente tínhamos essa efervescência, tinha bandas de música, bandas de jazz, [...] em 1912 a gente tem registros de carnavais, uma série de manifestações culturais que não acontecem mais, a própria banda da cidade que era uma banda que foi formada por um frei que tinha formação musical. Então assim, [...] hoje a gente precisa ter uma [...] valorização. Hoje a gente não vê mais grupos de folia, grupos de sússia, como a gente via antigamente [...] aqui. A gente tem uma folia ou outra ou a mesma folia que faz vários giros, de São Sebastião, do Espírito Santo, Folia de Reis, então assim, é uma coisa que se perdeu muito, os grupos foram se desfazendo, não tiveram esse cuidado da valorização da preservação, então isso acaba, as vezes tem que

¹⁵ O referido clube tinha como nome de fundação Club Recreativo Portuense (GODINHO, 1988).

trazer uma folia de outro lugar para poder fazer um giro, para poder fazer uma festa do Divino, por exemplo, aqui em Porto. (SANTOS, 2016¹⁶)

Maia (2016) neste mesmo sentido, relata que a vida cultural de Porto Nacional atualmente é pouco expressiva, apesar de ter demanda:

[...] eu acho ela pouco expressiva, apesar de ter uma demanda. Por a gente não ter ferramentas adequadas, eu acho que a gente propicia pouca manifestação cultural aqui, principalmente na área artística. Então quando a gente coloca cultura entre os afazeres, acho que Porto ainda tem uns costumes de culinária, os costumes tradicionais religiosos, eu acho que ainda esta bem vivo. Agora quando coloca das manifestações artísticas em Porto Nacional, a gente não tem ferramentas, como por exemplo, casas preparadas para dança, para teatro, nós não temos ferramentas que proporcionam manifestações, como na área do cinema, por exemplo. Apesar de ter uma demanda, nem sempre só de jovens mas de adultos que tentam se envolver com a área, por exemplo, do cinema e a gente vê que não consegue ter um andamento para isso ai (MAIA, 2016¹⁷)

Para Moura (2016), Porto tem um potencial cultural, mas a vida cultural encontra-se estagnada, quando se trata da produção cultural:

Porto tem um potencial cultural, você tem na verdade, eu poderia chamar de resistências, mas eu costumo dizer que é brechas. Por exemplo, o Sarau da Comsaúde é um espaço diferenciado, você traz músicos culturais de músicas boas e de qualidade [...], é um Sarau que foi crescendo e virou um evento que as pessoas vem, participam, comem, bebem, encontra os amigos. Claro que é um grupo mais seletto, não seletto do ponto de vista social ou econômico, mas do ponto de vista cultural, é um pessoal que vem para cá gostando de estar junto das pessoas, de conversar, de trocar ideias, de pensar cultura. É um público diferenciado. Então isso eu diria que é uma brecha que precisa ser renovada dentro da cultura de Porto. Culturalmente Porto tem potencial, mas a vida cultural de Porto está um pouco estagnada na produção de coisas. Você tem os Tambores do Tocantins, mas assim, é uma pessoa só que forma gente, mais no campo da educação e cultura, viaja o Brasil todo, mas por exemplo, cadê os festivais? Você precisa cantar, mas para isso, você precisa ter o espaço para poder [...]. Eu acho que Porto precisa impor, nós somos Capital da Cultura, mas ta faltando, ta faltando ter uma biblioteca exemplar. Tudo que Porto Nacional tem que fazer, tem que ser exemplar em relação a cultura, para que seja modelo para todos [...]. (MOURA, 2016¹⁸)

Já para Silva (2016), a vida cultural da cidade de Porto nos dias atuais oferece uma gama de opções de atrações culturais, tanto na arquitetura que o centro histórico da cidade apresenta, quanto no artesanato, na música e na dança.

¹⁶ Ativista cultural da cidade de Porto Nacional. Entrevistado em 11 de outubro de 2016.

¹⁷ Ativista cultural da cidade de Porto Nacional. Entrevistado em 08 de outubro de 2016.

¹⁸ Ativista cultural da Cidade de Porto Nacional. Entrevistado em 31 de outubro de 2016.

Porto é uma cidade que oferece diversas opções de atrações culturais, desde o centro histórico, que oferece um conjunto arquitetônico em arquitetura Colonial, arquitetura românica como é o caso da Catedral, além do patrimônio arquitetônico, tombado como Patrimônio Histórico Nacional, Porto também oferece uma gama de opções culturais, que variam desde o artesanato com Associação dos artesãos, e também diversos outros artesãos, que, embora não sejam associados, mas que estão produzindo aqui na cidade [...]. Na música, a gente tem aí uma infinidade de projetos musicais, desde os músicos que faz aquela coisa da noite, no barzinho da MPB, até os músicos criadores, compositores como Everton dos Andes, como a banda Mestre André, como o grupo Tambores do Tocantins, com a banda D'vinil e tantos outros companheiros da música que produzem aqui nessa cidade já há um bom tempo [...]. Na dança, nós temos aí vários grupos de dança. Nós temos o teatro que, embora ultimamente o teatro, que já foi uma matriz cultural muito forte aqui, tanto que as primeiras referências de teatro que Palmas teve foram com os grupos de Porto Nacional, com o grupo Chama Viva, que foi formado aqui [...] enfim, Porto tem diversas opções culturais para pessoa experimentar, inclusive a comida típica, que é muito rica Porto Nacional [...] (SILVA, 2016¹⁹)

Como podemos observar, entre as opiniões dos ativistas culturais entrevistados, existem duas definições: a dos que abordam poucas oportunidades de vivências e experiências culturais e a dos defensores de uma diversidade de opções de cultura.

Além das manifestações culturais que aconteciam em Porto Nacional no século XX, que tinham um apego, um valor cultural para a cidade, não podemos deixar de destacar a construção do Coreto na Praça Nossa Senhora das Mercês. De acordo com Silva e Maia (2013), o Coreto passou a fazer parte da paisagem urbana da cidade de Porto Nacional na década de 1940. As autoras afirmam que o que teria motivado o poder público a construí-lo teria sido a efervescência da cultura musical da cidade, já que Porto não tinha um espaço público específico para que desse maior visibilidade para os músicos locais. Assim, com a construção do Coreto, a cidade passava a ter um espaço onde aconteciam manifestações artísticas e culturais, sendo também um espaço de convívio social entre seus moradores (SILVA E MAIA, 2013). A figura a seguir mostra os moradores reunidos ao lado do Coreto na Praça Nossa Senhora das Mercês ainda na década de 1970 (Figura 5).

¹⁹ Ativista cultural da cidade de Porto Nacional. Entrevistado em 11 de outubro de 2016.

Figura 5. Moradores reunidos próximo ao Coreto na Praça Nossa Senhora das Mercês



Fonte: Arquivo pessoal. Edith Lotufo, década de 1970.

Porém, logo no início do século XXI, o Coreto da Praça Nossa Senhora das Mercês foi demolido. Conforme Silva e Maia (2013), a história da demolição do Coreto, ocorrido no dia 08 de fevereiro de 2001, está inserida no contexto da modernização do Centro Histórico de Porto Nacional, decorrente da construção da Usina Hidrelétrica Luiz Eduardo Magalhães. As autoras afirmam que este fato trouxe grande revolta na cidade, resultando em diversas manifestações realizadas pelos moradores e por grupos que frequentemente estavam ali.

Ainda na década de 1940, Brito (2016) relata que Porto Nacional já apresentava um cinema chamado Cine Tocantins, dirigido por seu avô Luís Neiva Moreira, que posteriormente foi vendido para Dona Santa, passando a se chamar Cine Rios, funcionando na cidade por mais de 30 anos:

[...] o meu avô foi o primeiro exibidor do cinema nessa região no início dos anos 40, foi o cara que tocou a primeira sala de cinema em Porto Nacional, conhecido como Cine Tocantins [...]. Luís Neiva Moreira [...] era um comerciante que chegou aqui no início dos anos 40 e que por uma questão de visão de futuro, ele foi ao Rio de Janeiro na casa fotótica que existia até pouco tempo atrás, lá ele comprou um projetor, fez um curso, uma oficina, aprendeu a operar o projetor e veio para Porto Nacional e fundo da loja dele tinha um salão, onde ele transformou em um cinema. Posteriormente ele vendeu para Dona Santa, o nome virou para Cine Rios e ela ficou mais de 30 anos como exibidora [...]. (BRITO, 2016²⁰)

²⁰ Ativista cultural da cidade de Porto Nacional. Entrevistado em 07 de novembro de 2016.

Na década de 1970 foi criada a escola de samba Acadêmicos do Tocantins²¹ (ACATO) de Porto Nacional (SILVA E MAIA, 2013). Silva e Maia (2013) destacam que a escola tinha como participantes vários estudantes do Norte Goiano (atual estado do Tocantins) e os motivos que os inspiravam a fazer parte seria: "[...] o ideal e o desejo de difundir cultura, com vistas a promover o turismo no norte goiano [...]. Outra finalidade da ACATO era cultivar o samba, tornando-o principal veículo, não apenas de compartilhamento, mas também de exaltação dos valores materiais e imateriais do Tocantins" (SILVA E MAIA, 2013, p.45). O desfile da escola de samba acontecia nas ruas da cidade de Porto Nacional, obedecendo ao calendário nacional em comemoração ao carnaval (Figura 6). Brito (2016²²) narra brevemente um pouco de como funcionava a dinâmica das apresentações dessa escola de samba durante o seu período de existência e os motivos que fizeram com que ela se extinguisse:

Nós fundamos aqui em Porto Nacional uma escola de Samba em 1976, chamava-se Acato - Acadêmicos do Tocantins. Nós durante 4 anos fizemos essa apresentação durante 1 dia do carnaval. Nós saíamos daqui desse lugar [centro histórico] e percorríamos [...], passávamos aqui em frente a Catedral, subia a Rua Grande [hoje denominada como Rua Dr. Francisco Ayres da Silva], ia até a praça do centenário, contornava e retornava [...]. Por quatro anos a gente fez isso. Depois por questões de estudo o pessoal foi saindo [...], formaram, foram cuidar de suas vidas, e acabou [...]

Figura 6. Desfile da escola de samba ACATO nas ruas da cidade de Porto Nacional



Fonte: Arquivo pessoal. Edith Lotufo, década de 1970.

²¹ Sobre a escola de samba ACATO, ver em: SILVA, Eli Pereira da; MAIA, Maria Zoreide Britto. **Coreto da Praça Nossa Senhora das Mercês: história, memória e representações sociais**. Palmas: Nagô Editora, 2013.

²² Ativista cultural da cidade de Porto Nacional. Entrevistado em 07 de novembro de 2016.

No ano de 1980, foi criada em Porto Nacional pelo poder público a Semana da Cultura. Esse evento é promovido pela Prefeitura Municipal, que busca valorizar as manifestações artísticas e culturais da cidade. Conforme Messias (2012, p.136) "A Semana da Cultura consiste em uma importante manifestação de afirmação da identidade dos portuenses e que até os dias atuais continua sendo celebrada". Lira (2016²³) relata que "[...] é um evento que tem várias festas dentro [...]". A expressão "várias festas dentro" se refere às apresentações e festivais que acontecem dentro deste evento, como por exemplo, a apresentação de artistas locais, regionais e nacionais e festival da canção.

Já o século XXI é marcado por diversos acontecimentos que trouxeram modificações na vida social e cultural da cidade de Porto Nacional. Entre eles estão: a implementação da Usina Hidrelétrica Luís Eduardo Magalhães (UHE), que ocasionou a derrubada do Coreto da Praça Nossa Senhora das Mercês (como já foi aqui mencionado), a remodelação da Praça Nossa Senhora das Mercês e a criação da Avenida Beira Rio, além do tombamento do centro histórico da cidade.

A cidade de Porto Nacional, no decorrer de sua história, manteve uma intensa relação com o rio Tocantins, que por muito tempo, foi utilizado como meio de transporte, comunicação, trabalho e lazer, pelos seus moradores (OLIVEIRA, 1997). A implementação da UHE, no ano de 2001, fez com que a cidade de Porto Nacional, uma das atingidas pelo lago, sofresse perdas. Entre elas destacam-se a antiga Praia Porto Real, que era apreciada não só pelos moradores, mas também por pessoas que iam visitar a cidade e parte do centro histórico de Porto Nacional, que foram submersos (MESSIAS, 2012). Já a Praça Nossa Senhora das Mercês passou por um processo de modernização, o que acarretou, além da derrubada do Coreto, a demolição de alguns casarões, que estavam situados próximos a praça, e faziam parte do núcleo urbano antigo da cidade, o centro histórico (LIRA, 2010). Esses acontecimentos aqui citados trouxeram para os moradores da cidade de Porto Nacional um profundo sentimento de perda, a perda do patrimônio, pois eram lugares que a população tinha um apego afetivo e emocional (MESSIAS, 2012).

Nas entrevistas realizadas com os ativistas culturais ouvimos alguns relatos a respeito da construção da UHE. Nas palavras de Santos (2016²⁴):

²³ Ativista cultural da cidade de Porto Nacional. Entrevistado em 08 de outubro de 2016.

²⁴ Ativista cultural da cidade de Porto Nacional. Entrevistado em 11 de outubro de 2016.

[...] Porto com a criação da Usina do Lajeado [...], perdeu muito, a cidade ficou descaracterizada, a ligação das pessoas com o rio era diferente do que é hoje. Hoje as pessoas não acessam mais o lago, porque a relação era diferente na questão da subsistência da pesca, porque o rio tinha uma vida, ele enchia e tinha vazante, então você tinha seis meses no rio volume pequeno e então aparecia as praias, que a cada ano era diferente pelas correntezas do rio. E tinha os lugares emblemáticos que são a escadinha, o campinho de futebol, a beira rio, o Porto da Balsa, tinha o porto da tia Júlia. Então tinha vários lugares onde você tinha ligação com o rio, você chegava e podia entrar dentro d'água e nadar, fora as praias e a praia natural que o rio tinha que foi submersa. Então essas questões mudaram muito o aspecto cultural da cidade. Porto perdeu algumas coisas justamente por falta dessa ligação com o rio que sempre existiu, é como se tivesse tirado o rio das pessoas. Ficou o lago, e as pessoas não sabem mais usar ele do mesmo jeito, porque mudou tudo, até a pesca. Os caras povoaram com outros tipos de peixe. Então essa evolução que veio com a usina, a construção da avenida beira rio, bagunçou o coreto²⁵. Então as pessoas perderam a relação, a vida da cidade mudou em relação a construção da usina [...] em aspectos culturais perdeu [...]. (SANTOS, 2016)

Para Manduca (2016), o impacto do lago em relação ao rio fez com que ele enquanto morador e ativista cultural da cidade de Porto Nacional, criasse uma música, em que um dos seus trechos diz:

Rio que conta uma história, atravessa a memória de um coração, rio naufragado no lago, projeto desilusão. Entre os vãos da escadinha cacimba d'água tornou n'água. Ainda me versa minhas prosas meus poetas, ainda me versa o meu triste zumbido, o zumbido do coração, ainda me versa a dor. (MANDUCA, 2016²⁶)

O ativista cultural explica que essa música expressa o rio que tinha vida, mas que morreu após a criação da UHE:

O que eu quis dizer com a letra dessa canção, foi o seguinte [...]: o rio era vivo e esse rio morreu, porque ele naufragou dentro do lago, embora sejam águas, nesse caso as águas da vida, ela faleceu dentro das águas da morte. Alguns vêm o lago de um modo diferente como um local bonito, um local de práticas de esportes. Mas pra quem viu um porto anterior, esse porto submerso é muito triste, não trás uma boa imagem. (MANDUCA, 2016²⁷)

²⁵ Expressão utilizada pelos portuenses quando se referem a derrubada do Coreto que existia na Praça Nossa Senhora das Mercês.

²⁶ Ativista cultural da cidade de Porto Nacional. Entrevistado em 04 de novembro de 2016.

²⁷ Ativista cultural da cidade de Porto Nacional. Entrevistado em 04 de novembro de 2016.

No ano de 2008 foi aprovado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN o tombamento do centro histórico da então centenária cidade de Porto Nacional, recebendo o título de Patrimônio Cultural Brasileiro:

O Conselho Consultivo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional do IPHAN se reuniu no Rio de Janeiro, no dia 27 de novembro, para aprovar o tombamento do Centro Histórico de Porto Nacional (TO) e o registro do modo de fazer a Renda Irlandesa produzida pelas rendeiras de Divina Pastora (SE). Estes bens têm agora o título de Patrimônio Cultural do Brasil (IPHAN, 2008).

Portanto, podemos observar que Porto Nacional ao longo de sua história, desempenhou um importante papel social e cultural para o antigo Norte Goiano e atual estado do Tocantins:

Da importância social de porto de passagem para os viajantes da época, situado entre dois centros mineradores, Bom Jesus do Pontal e Monte do Carmo, até se afirmar como centro de religiosidade católica, [...] Porto Nacional vai se caracterizar também como capital intelectual e cultural do norte (MESSIAS, 2012, p.22).

2.2. As festas da cidade de Porto Nacional

As festas, como já mencionado, fazem parte da vida da sociedade humana desde épocas passadas e sempre se destacaram por ser um elemento cultural capaz de envolver/interagir e promover o encontro de pessoas. Segundo Brandão (1989), inserindo este fenômeno no contexto das cidades brasileiras, cada uma delas tendem a festejar alguns acontecimentos e situações com mais ênfase que outras, e o que diferencia a intensidade com que cada uma irá comemorá-los é a sua cultura. O autor (1989, p.1) exemplifica sua fala, mostrando essa diferença a partir das festas realizadas em cidades pequenas (e povoados do interior), médias e grandes, afirmando que:

Nas cidades médias e grandes as festas cívicas, históricas e profanas conquistam um lugar de crescente importância, como: o primeiro de Janeiro, o Carnaval, o Dia do Trabalho, o Vinte e um de Abril e o Sete de Setembro; enquanto nas pequenas cidades e nos povoados do interior elas ocupam um segundo plano, e os festejos locais e religiosos povoam quase todo o calendário, como: o Dia de Santos Reis, a festa do Padroeiro, a Semana Santa, as festas Juninas.

Enquanto parte integrante da vida urbana das cidades, as festas têm sido consideradas um fenômeno fundamental, ocupando um lugar significativo. Através delas, seus habitantes/moradores se socializam, celebram suas experiências sociais, culturais e representações identitárias locais (BEZERRA, 2008). Neste sentido, as festas, de um modo geral, são importantes componentes para vida urbana das cidades, pois elas representam momentos de socialização e coletividade, além de demonstrar e expressar aquilo que consideram como parte representante da sua cultura.

Em Porto Nacional, cidade localizada no interior do estado do Tocantins e área de estudo desta pesquisa, foi possível observar que há um grande número de festas e suas comemorações são diversificadas, encontrando-se, portanto, festas, de cunho religioso, a celebrações cívicas e profanas. É importante ressaltar que não foi nosso intuito realizar um mapeamento de todas as festas da cidade, mas sim evidenciar, aqui neste trabalho, aquelas que acontecem atualmente e que são consideradas importantes no âmbito cultural, a partir da opinião dos ativistas culturais da cidade. Assim, conforme as entrevistas realizadas, dezoito festas foram mencionadas por eles, porém treze foram analisadas e descritas neste trabalho:

- | | |
|--------------------------------------|-----------------------------------|
| 1. Calourada Cultural da UFT | 8. Festa do Cristo Operário |
| 2. Carnaval Porto Folia | 9. Festa do Divino Espírito Santo |
| 3. Expoagro (Pecuária) | 10. Procissão da Semana Santa |
| 4. Feira da Cultura Negra | 11. Sarau da Cabaça Cultural |
| 5. Feira Cultural do Buracão | 12. Semana da Cultura |
| 6. Festa de Nossa Senhora das Mercês | 13. Temporada de Praia |
| 7. Festa de Santos Reis | |

Além dessas festas, foram também mencionadas o Aniversário do Henrique, o Carnaval do Pau D'óleo, o Festival da Canção, o Festival de Cinema e o Recital Poemúsica, que não foram aqui analisadas pelos seguintes motivos: a primeira por se tratar de uma festa particular, a segunda por não ocorrer mais, a terceira por não acontecer há 3 anos, a quarta por não ocorrer assiduamente e o quinto por se tratar de um projeto particular onde seus participantes são os alunos de uma escola de música.

Dentre as festas citadas pelos ativistas culturais da cidade de Porto Nacional e aqui analisadas, se sobressaíram em relação as outras a de Nossa Senhora das Mercês e a Semana

da Cultura, seguidas da festa do Divino Espírito Santo e o Cabaça Cultural, conforme pode ser visualizado no quadro a seguir (Quadro 1).

Quadro 1. Festas que acontecem na cidade de Porto Nacional, citadas como importantes

Festas citadas	Número de ativistas culturais que consideram a festa importante
Calourada Cultural da UFT	1
Carnaval Porto Folia	4
Expoagro (Pecuária)	2
Feira da Cultura Negra	3
Feira Cultural do Buracão	1
Festa de Nossa Senhora das Mercês	10
Festa de Santos Reis	6
Festa do Cristo Operário	3
Festa do Divino Espírito Santo	9
Procissão da Semana Santa	1
Sarau da Cabaça Cultural	8
Semana da Cultura	10
Temporada de Praia	3

Fonte: Dados coletados da pesquisa, 2016.

Conforme o quadro anterior (Quadro 1), pôde-se observar que, tanto a festa de Nossa Senhora das Mercês, como a Semana da Cultura foram mencionadas por dez dos treze ativistas culturais entrevistados. Os motivos que podem ter contribuído para que este fenômeno ocorresse podem ser explicados pelo fato de que a primeira comemora o dia da padroeira da cidade e acontece "há mais de 100 anos" (BALSAN E MAIA, 2016). Já que festejar o dia do santo(a) padroeiro(a) é um momento de reforçar a devoção aos santos da fé, e, por isso muitas cidades, durante o período dessa festa, assumem uma identidade religiosa, e ela (a festa) ganha um lugar de destaque (ALMEIDA, 2015). Ferreira (2016²⁸) ativista cultural entrevistado relata a importância da festa de Nossa Senhora das Mercês afirmando que:

Nossa Senhora das Mercês é a padroeira de Porto Nacional. Porto Nacional é uma cidade muito católica, muito religiosa, principalmente por causa da educação dominicana, então é uma festa de extrema importância. É a típica festa de igreja, onde acontece missa, quermesse, leilão [...].

E a segunda (Semana da Cultura) ocorre há 36 anos na cidade e uma de suas finalidades é valorizar a cultura portuense, o que inclui suas manifestações artísticas e

²⁸ Ativista cultural da cidade de Porto Nacional. Entrevistado em 04 de outubro de 2016.

culturais. Para Lira (2016²⁹), essa festa proporciona a visibilidade dos "sujeitos da cultura portuense". Em suas palavras, a Semana da Cultura:

[...] é muito importante principalmente, para a cultura, apresenta a possibilidade da visibilidade dos sujeitos da cultura portuense: músico, teatrólogo, poetas, cantores, claro que esse espaço, ele acontece de forma diversificada, época ele é mais aberto, mais fechado, [...] mas ela é importantíssima, sem ela a cultura teria problema, por isso que a gente luta para ter ela de qualquer forma [...].

Apesar de essas festas terem sido mencionadas pelos ativistas culturais, entre tantas outras existentes na cidade, foram apresentados alguns comentários, principalmente em relação à forma com que elas vêm acontecendo. O carnaval Porto Folia, por exemplo, foi relatado por um dos ativistas culturais entrevistado. O ativista relata que essa festa deveria contemplar mais as tradições da cultura portuense, e não só o que vem de fora, pois, segundo ele, não condiz com a realidade de Porto Nacional. Vejamos no trecho da entrevista a seguir:

Nosso carnaval [...] é um carnaval popular [...]. **Em Porto, deveria ser uma festa que contemplasse mais esses aspectos culturais. A gente ter um carnaval mais voltado para as nossas tradições, uma coisa assim, do que um carnaval que não tem nada a ver com a nossa realidade, que é um carnaval importado "a Banda da Bahia". Nós somos tocantinenses, portuenses, então dá para ter um carnaval, vamos dizer assim, mais democrático.** Pode ter isso, mas [...], por exemplo, o carnaval do [...] Maranhão, [...] você vai ouvir boi, você vai ouvir tambor de crioula, cacuriá [...]. E no Pernambuco você vai ouvir Maracatu, Ciranda. Então assim, é a valorização da cultura deles (SANTOS, 2016³⁰, grifo nosso).

Para Ferreira (2016), o carnaval da cidade de Porto Nacional se tornou uma festa "pirotécnica", não se tratando mais de um carnaval característico da cidade. Os "blocos não se fantasiam", não se tem mais "matinê", é uma festa que atualmente ao mesmo tempo que "reúne pessoas ela afasta". Ainda de acordo com esse ativista cultural, se tornou um "lugar de pouca diversão do ponto de vista cultural":

²⁹ Ativista cultural da cidade de Porto Nacional. Entrevistado em 08 de outubro de 2016.

³⁰ Ativista cultural da cidade de Porto Nacional. Entrevistado em 11 de outubro de 2016.

[...] hoje o carnaval em Porto é [...] **pirotécnico, é um carnaval onde as pessoas ficam trancafiadas, eu gosto de falar trancafiadas debaixo de uma lona, escutando som de carro automotivo, os blocos não saem, os blocos não se fantasiam, o trio elétrico [...] fica rodando um pequeno circuito [...]. Não tem mais aquele típico carnaval, famílias não vão hoje mais para o carnaval, porque não tem mais nem matinê.** Então é um carnaval [...] que junta muitas pessoas, muitos jovens, mas ao mesmo tempo ele afasta muitos outros, porque as pessoas não se sentem seguras, não se sentem representadas, não vê mais uma alegria como o carnaval tem que ser geralmente. **Virou um lugar de muita bebedeira e muito som automotivo e pouca diversão do ponto de vista cultural** (FERREIRA, 2016³¹, grifo nosso).

Outra festa comentada por alguns dos ativistas culturais da cidade foi a de Nossa Senhora das Mercês. Lira (2016) conta que apesar de ser uma festa "importante em função da religião", e dizerem que "envolve a comunidade portuense", ele acredita que, na verdade, "envolve mais a elite urbana", isso porque, pela sua "localização", algumas pessoas acabam não indo, fazendo portanto com que a "população periférica" não participe:

No ponto de vista da igreja ela é a mais importante **porque envolve a comunidade da cidade, eles dizem que envolvem um todo. Eu não acredito, mas eles dizem que envolvem, eu acho que envolve mais a elite urbana, e aí essa população periférica nem participa, embora não tenha discriminação, qualquer um pode participar, mas em função da localização, no centro [...], algumas pessoas nem vem,** ela inclusive está no calendário, ela é feriado municipal, dia da Senhora das Mercês, então institucionalmente é a mais importante (LIRA, 2016³², grifo nosso).

Nesse mesmo sentido que Lira nos relata sobre a Festa de Nossa Senhora das Mercês, Moura (2016) afirma que "quanto mais uma festa é periférica, mais ela é melhor para o povo" e "quando ela se torna muito ligada a uma hierarquia, ela fica estatizada", citando o caso da festa em questão. Pois, segundo ele, tinha um "Bispo na cidade chamado Dom Alano Maria Du Noday" que havia proibido durante a festa algumas coisas que estavam relacionadas ao povo:

³¹ Ativista cultural da cidade de Porto Nacional. Entrevistado em 04 de outubro de 2016.

³² Ativista cultural da cidade de Porto Nacional. Entrevistado em 08 de outubro de 2016.

Essa festa [...] era a melhor [...], a que tinha barraquinha ao redor, era animado, essa festa [...] de Nossa Senhora das Mercês, a padroeira da cidade [...]. Tem umas barraquinhas que o pessoal vende comida, aqui [...] eu não sei se vende cerveja, eu não me lembro se já foi aceita a cerveja aqui, mas como é um espaço mais fora, eu não sei. Porque **aqui tinha um Bispo muito importante chamado Dom Alano Maria Du Noday, e ele era um homem que veio da igreja, veio da Europa, ele era muito visionário, criou colégio, criou o colégio Dom Pedro. Mas esse negócio de povo ele proibiu tudo [...]. Quanto mais uma festa é periférica, mais ela é melhor para o povo, para as pessoas gostarem [...] quando ela se torna muito ligada a uma hierarquia ou ela fica estatizada ou ela fica eclesiástica [...]** (MOURA, 2016³³, grifo nosso).

A Festa do Divino Espírito Santo também foi comentada pelo ativista cultural entrevistado. Moura (2016) alega, que essa festa une "tanto religiosidade como cultura popular" e que "antigamente" era possível encontrar, durante o seu acontecimento, elementos como bebidas e forró, porém "a igreja erradicou". Segundo ele, com esse acontecimento, o "povo acabou perdendo o seu lugar na festa". Podemos observar sua fala no fragmento a seguir extraído da entrevista realizada:

[...] é uma festa que junta religiosidade e um pouco de cultura popular, ela une os dois. Antigamente todas as barracas tinham pingas, cervejas, forró, agora erradicou isso, **é uma festa extremamente religiosa, não é uma festa do povo, [...] é da igreja [...]. A Festa do Divino Espírito Santo tem o imperador, tem tudo para fazer a festa, mas são de origem popular que a igreja púlpito para ela, para ficar com a esmola, com tudo. Então perdeu aquela coisa da cachaça, da bebida "a isso é pecado" [...], mas ao invés da festa sair da igreja e ir para o lugar só dela a igreja púlpito o que ela tem de melhor que é a religiosidade, as esmolas e tudo, e proibiu aquilo que o povo gostava, o forró, a festa, a cerveja, o que ficou nessas festas é o leilão, [...], o povo perdeu o seu lugar na festa [...]** (MOURA, 2016³⁴, grifo nosso)

Sobre a Semana da Cultura, os comentários apresentados pelos ativistas culturais estão em torno do poder público e da falta de um projeto que esquematize a forma com que seja organizada e realizada, uma vez que, como foi destacado no tópico anterior, ela foi criada pela Prefeitura Municipal de Porto Nacional e instituída por lei. Sendo, portanto, responsável por realizá-la todos os anos. Vejamos em alguns trechos das entrevistas:

É uma festa que para mim foi uma das mais importantes ou a mais importante do município, porque eu acredito que é lá que sim, mostra o que Porto teve. A ideia é que a Semana da Cultura portuense de Porto Nacional, o objetivo acredito eu, é mostrar porque esse título de capital cultural tanto

³³ Ativista cultural da cidade de Porto Nacional. Entrevistado em 31 de outubro de 2016.

³⁴ Ativista cultural da cidade de Porto Nacional. Entrevistado em 31 de outubro de 2016.

artístico, político e educacional, também. **Então eu vejo uma importância grande dessa festa, que agora de uns quatro anos pra cá foi perdendo a importância, foi deixada de lado. Foi o que eu falei, a ausência do poder público acarreta isso, você não tem uma escola de arte e educação para jovens, então acabam os jovens não aprendendo nenhum instrumento musical, nem aprendendo a fazer teatro, nem aprendendo a escrever, nem aprendendo a fazer pintura. Então, isso acaba matando um pouco essa questão cultural na cidade. Mas é uma festa que eu acredito ainda ser de grande importância para cidade e que ta perdendo seu valor aos poucos** (FERREIRA, 2016³⁵, grifo nosso).

[...] a Semana da Cultura era um momento onde a gente sempre teve uma programação muito legal [...] do que é produzido em Porto de músicos, poetas, lançamento de livro e também músicos artistas de renome nacional. Então é um evento que [...] é uma vitrine da produção cultural portuense. É porque Porto tem vários ícones da literatura, teatro, pessoas que são reconhecidas nacionalmente e mundialmente [...]. **a Semana da Cultura era uma vitrine, mas agora ela ta mais "capenga", não desmerecendo essa categoria, mas, ela ta mais para uma feira de ciências do ensino fundamental e do ensino médio, do que um evento cultural com a pompa que ela deveria ter, com todo respeito, e também é o espaço para que todos esses grupos tenham um espaço, deveria, abraçar toda essa cultura dos grupos de folias, dos grupos de suscia, os mestres, os artesãos, os artistas contemporâneos, todo mundo, é a maior festa do município. Então ela tem que abraçar todo mundo e não existe, por exemplo, um projeto para esse evento que as pessoas construam com a comunidade artística. Assim, todo ano os caras tem a ideia, as vezes [...] não da certo ai eles fazem qualquer coisa. Então precisa de uma política publica, o maior problema nosso é a falta das políticas publicas para cultura. Que vão garantir que esses eventos, que a gente considera importante, as tradições que a gente sabe que é importante serem valorizadas [...]** (SANTOS³⁶, 2016, grifo nosso).

Eu acredito que a ideia da Semana da Cultura era fazer uma convergência de várias manifestações culturais, concentradas durante uma semana para que a população pudesse reviver, lembrar o passado e essas manifestações que ocorriam, alimentação, artesanato, música, teatro, dança, tudo acontecia durante a Semana da Cultura. Eu já participei [...] como produtor, exibíamos nossos trabalhos, mas **se perdeu muito, ela não tem mais aquele caráter educativo, ela se tornou uma coisa de entretenimento, que não era a característica dela, não era só entretenimento, ela tinha um caráter cultural de transmitir sabor e saberes, e hoje ela não é mais isso ela é simplesmente um entretenimento [...]. Ela perdeu a sua característica como formadora, como transmissora de conhecimento [...]. Ela não tem uma linha, não tem um projeto, não existe um projeto para Semana da Cultura, existe apenas a ação, [...] de cumprir aquela demanda e ai se faz de qualquer jeito, só para cumprir a tabela, mas que ela é um vetor de transmissão de conhecimento que ela poderia ser, ela não é [...]**. (BRITO³⁷, 2016, grifo nosso)

³⁵ Ativista cultural da cidade de Porto Nacional. Entrevistado em 04 de outubro de 2016.

³⁶ Ativista cultural da cidade de Porto Nacional. Entrevistado em 11 de outubro de 2016.

³⁷ Ativista cultural da cidade de Porto Nacional. Entrevistado em 07 de novembro de 2016.

Como podemos observar, apesar de terem sido referenciadas pela sua importância no âmbito cultural, os ativistas culturais não deixaram de destacar seu ponto de vista em relação ao modo com que algumas festas vêm acontecendo. Fernandes (2004, p.54) destaca que fazer festa "é transformar a vida social dos moradores de uma cidade em vida pública", é um momento em que todos os interessados se reúnem em um só lugar, com um único propósito, celebrar algo em comum. Para o autor, "[...] é coisa de quem tem muito que fazer, dos que desejam promover ou influenciar a produção da identidade de um grupo social". Neste sentido, fazer uma festa é despertar em cada indivíduo que dela participa a memória por algo que muitas vezes, há anos, é celebrado entre a sociedade que se encontra inserido. É a responsabilidade de assegurar um momento que para muitos ultrapassa o sentido de lazer e diversão, é garantir, portanto, que será vivenciado novamente.

A maior parte das festas mencionadas pelos ativistas culturais da cidade de Porto Nacional é realizada por entidades religiosas e entidades públicas, conforme podemos observar no quadro a seguir (Quadro 2).

Quadro 2. Realizadores das festas da cidade de Porto Nacional, mencionadas pelos ativistas culturais

Realizadores das Festas			
Entidades Privadas/ONG'S	Entidades Públicas	Entidades Religiosas	Outros
Expoagro (Pecuária)	Calourada Cultural da UFT	Festa de Nossa Senhora das Mercês	Feira de Cultura Negra
Feira Cultural do Buracão	Carnaval Porto Folia	Festa de Santos Reis	-
Sarau da Cabaça Cultural	Semana da Cultura	Festa do Cristo Operário	-
-	Temporada de Praia	Festa do Divino Espírito Santo	-
-	-	Procissão da Semana Santa	-

Fonte: Dados coletados da pesquisa, 2016.

Entidades Privadas/ONG'S refere-se às festas realizadas por instituições privadas e Organizações Não Governamentais - ONG'S: Associação de Capoeira e Cultura Raízes, Sindicato Rural de Porto Nacional e COMSAÚDE (ONG). Entidades Públicas inclui aquelas

executadas por instituições públicas, neste caso: Prefeitura Municipal e Universidade Pública. Entidades Religiosas abrange as festas realizadas por instituições religiosas como: as Paróquias e suas Comunidades Paroquiais. A categoria "Outros" compreende a festa realizada por um ativista cultural (particular).

Quando falamos em festas específicas de uma determinada cidade, é importante destacar o espaço onde elas acontecem. Baseado em Balsan (2005), os espaços em que ocorrem as festas da cidade de Porto Nacional, aqui mencionadas pelos ativistas culturais, foram classificados em três tipos: espaços públicos, privados e religiosos. Assim, como podemos observar no quadro 3, a maioria das festas acontecem em espaços públicos e religiosos.

Quadro 3. Tipo de espaço onde acontecem as festas mencionadas pelos ativistas culturais³⁸

Tipo de espaço onde acontecem as festas		
Espaços Públicos	Espaços Privados	Espaços Religiosos
Calourada Cultural da UFT	Expoagro (Pecuária)	Festa de Nossa Senhora das Mercês
Carnaval Porto Folia	Sarau da Cabaça Cultural	Festa de Santos Reis
Feira Cultural do Buracão	-	Festa do Cristo Operário
Feira de Cultura Negra	-	Festa do Divino Espírito Santo
Semana da Cultura	-	Procissão da Semana Santa
Temporada de Praia	-	-

Fonte: Dados coletados da pesquisa, 2016.

Os espaços públicos consistem naqueles administrados pelo poder público municipal e federal. O quadro anterior mostra que seis das treze festas acontecem nesse tipo de espaço: Calourada Cultural da UFT, Carnaval Porto Folia, Feira Cultural do Buracão, Feira de Cultura Negra, Semana da Cultura e Temporada de Praia. Os espaços privados são aqueles que pertencem à iniciativa privada e a ONG. Apenas duas festas são realizadas nesses espaços: Expoagro (Pecuária) e Sarau da Cabaça Cultural. Já os espaços religiosos referem-se aos de domínio das igrejas, neste caso cinco das treze festas ocorrem nesse tipo de espaço: Festa de

³⁸ Classificação baseada em: BALSAN, Rosane. **Espaços de turismo e lazer dos idosos em Rio Claro - SP**. Rio Claro: UNESP, 2005. Tese (Doutorado), Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, 2005.

Nossa Senhora das Mercês, Festa de Santos Reis, Festa do Cristo Operário, Festa do Divino Espírito Santo e Procissão da Semana Santa.

Segundo Lobato (2008), as festas, quando acontecem, constroem nesses espaços um cenário único, que vai de acordo com suas características, mas o importante de tudo isso são os símbolos da tradição, que despertam nas pessoas a vontade de estar ali todos os anos participando, seja através da dança, do canto ou até mesmo da vestimenta. Além disso, "[...] aproxima pessoas, acentua relações emocionais e contatos afetivos, propiciando a abertura recíproca entre os membros da coletividade" (GOMES, 2008, p.48). A figura 7 mostra a localização dos espaços na malha urbana da cidade de Porto Nacional, onde ocorrem as festas apontadas pelos ativistas culturais³⁹.

³⁹ A figura 7 mostra o mapa de localização dos espaços na malha urbana da cidade de Porto Nacional, onde acontecem as festas destacadas pelos ativistas culturais. Ressalta-se que ao longo dos anos as festas podem sofrer alterações e mudarem de local onde acontecem.

Figura 7. Localização dos espaços na malha urbana da cidade de Porto Nacional, onde ocorrem as festas destacadas pelos ativistas culturais

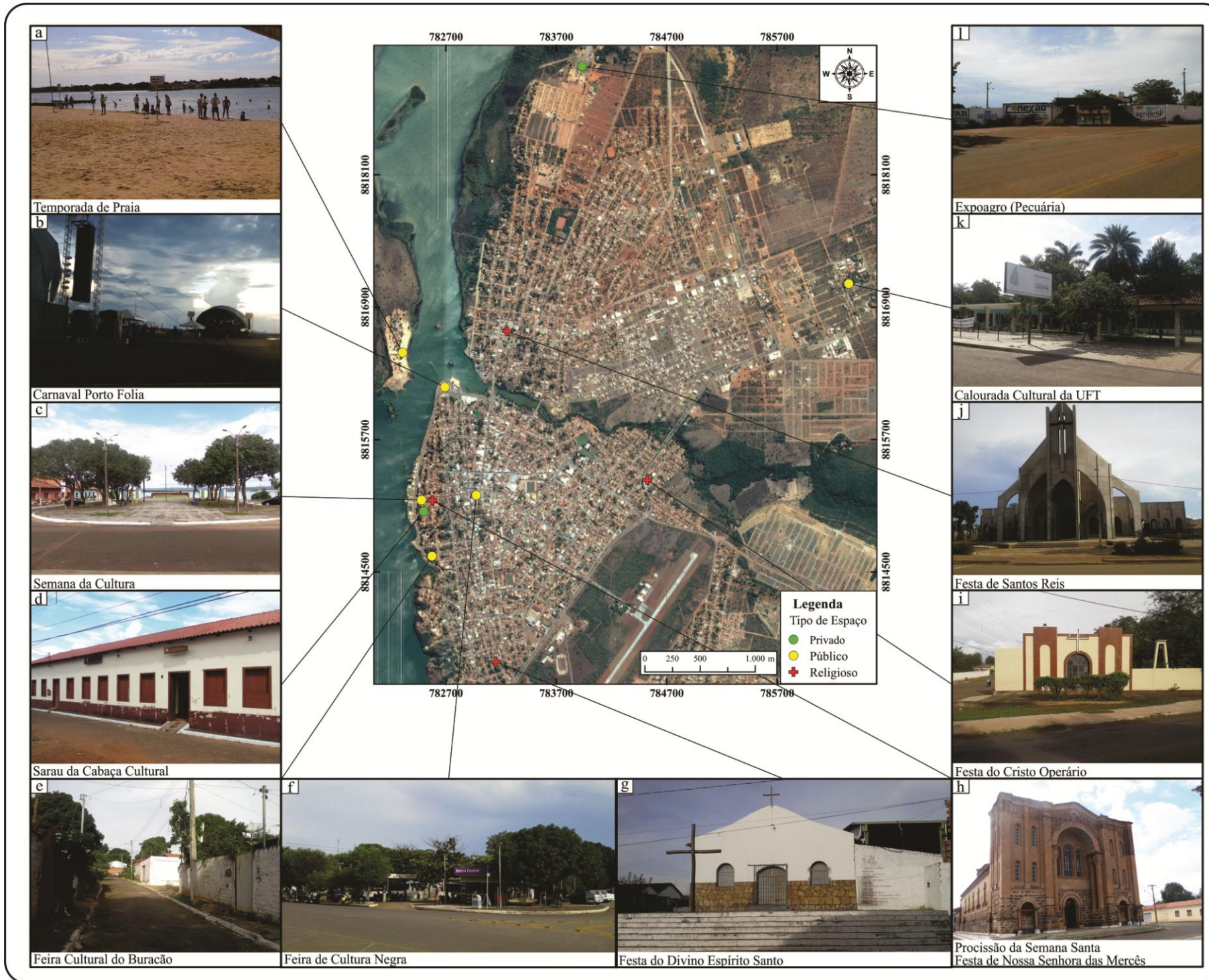


Foto a. Ilha Porto Real*

Foto b. Espaço Cultural Beira Rio (antigo Kart)**

Foto c. Praça Nossa Senhora das Mercês***

Foto d. COMSAÚDE (Caetanato)***

Foto e. Rua Santa Rita (Rua do Buracão)**

Foto f. Praça do Centenário**

Foto g. Paróquia do Divino Espírito Santo**

Foto h. Catedral Nossa Senhora das Mercês***

Foto i. Capela Cristo Operário**

Foto j. Paróquia dos Santos Reis**

Foto k. Universidade Federal do Tocantins - UFT**

Foto l. Parque de Exposição Agropecuária**

Fonte das imagens

*Rosane Balsan, 2014

**Thalyta Feitosa, 2017

***William da Luz, 2014

Fonte: Dados da pesquisa, 2016. Elaborado por Gilney Pereira.

A partir dos dados coletados durante a pesquisa, observamos que uma das festas realizadas por entidade privada/ONG acontece em espaço público, é o caso da Feira Cultural do Buracão na Rua Santa Rita (conhecida como Rua do Buracão). A Feira de Cultura Negra executada por um ativista cultural (particular) também ocorre em espaço público, na Praça do Centenário.

Após essa discussão geral sobre as festas da cidade de Porto Nacional, citadas como importantes no âmbito cultural pelos ativistas culturais, iremos apresentar uma breve descrição apontando as características gerais de cada uma delas.

2.2.1. Uma breve descrição sobre as festas

2.2.1.1. Calourada Cultural da UFT

Realizada duas edições por ano, de acordo com o calendário acadêmico, tendo como foco principal o início do semestre letivo, a Calourada Cultural da UFT acontece desde 2009 no campus universitário da cidade de Porto Nacional. Segundo Fonseca (2017⁴⁰), que fazia parte do Diretório Acadêmico (DA) do campus e da organização da festa, ela surgiu com intuito de abolir o trote violento com os alunos recém-ingressados na universidade:

A Calourada Cultural surgiu em 2009, a primeira edição foi no dia 20 de março de 2009. Por que ela surgiu? No campus de Porto a biologia sempre fazia um trote violento e além do trote ela fazia uma festa no centro da cidade chamada Biofest. E essa festa sempre cobrava um valor na entrada [...]. Então o campus mesmo [...] não tinha uma festa sua, e naquele momento nós tínhamos dois agentes da cultura [...], ambos do curso de história. Eles eram ativistas culturais e músicos da COMSAÚDE e tocavam também no Tambores do Tocantins. Entre um diálogo com os estudantes do curso de letras, geografia e história, nós resolvemos fazer uma festa no hall de entrada onde fosse aberto ao público, e no lugar do curso principalmente [...] de história e de letras fazerem o trote violento [...], a gente ia fazer uma festa para poder dar boas vindas e nela ia trabalhar a música local, a cultura local. E uma das bandas que foram percussoras nisso foi a Banda Mestre André [...] e os Tambores do Tocantins [...].

Tradicionalmente conhecida por integrar em um só ambiente a música, arte e cultura, não só com a comunidade acadêmica, mas com iniciativas culturais já existentes na universidade e com a comunidade em geral, a festa foi uma iniciativa dos próprios alunos e é

⁴⁰ Ex - presidente do D.A Pedro Tierra da Universidade Federal do Tocantins, campus de Porto Nacional, 2010-2011. Entrevistado em 01 de maio de 2017.

caracterizada por ser um momento que não só faz parte da identidade cultural do campus, mas também da cidade, isso porque a festa ultrapassa os limites da universidade e isso se resultou em ser um dos difusores de arte, cultura e conhecimento para a sociedade portuense (DIRETÓRIO ACADÊMICO, 2014).

Fonseca (2017) recorda que na primeira edição foram tocadas músicas regionais por bandas da cidade de Porto Nacional, e que os participantes gostaram. Ele ainda conta que muitas bandas que iam tocar durante o acontecimento da festa tocavam músicas autorais, já que a ideia também era proporcionar um espaço aberto, dando oportunidade para que elas pudessem divulgar o seu trabalho. Fonseca (2017) relata que, apesar de ser um espaço de oportunidade, eles seguravam para que não fossem tocadas durante a festa músicas que faziam parte da "cena comercial":

A gente sempre segurava para não tocar o funk, o sertanejo universitário, porque isso daí o pessoal já ouve nas cenas de Porto comercial, na cena musical comercial [...]. Então assim o evento também era para gente ouvir uma boa música, sem pressão de ter que pagar banda, ter que pagar cachê, tudo numa relação [...] entre a gente mesmo, entre amigos [...]. O valor cultural e a valorização da diversidade de um campus formado por várias pessoas, a gente conseguia reunir o que cada um tinha de melhor na parte cultural. Então a gente conseguia e ficava atento com vários músicos e vários artistas que tinham essa habilidade e a gente conseguia que essas pessoas fossem somar num palco ou até mesmo somar no apoio e na colaboração. A gente conseguiu reunir essas pessoas respeitando a habilidade de cada um e conseguiu fazer uma ponte com diálogo, com um ponto de cultura chamado Tambores do Tocantins. Ele o Tambores do Tocantins mostrava que música boa tinha em Porto e precisava de espaço e a universidade era o espaço democrático, ela é [...] essa ponte.

De acordo com Fonseca (2017), durante o período em que fazia parte da organização da Calourada Cultural, a programação contava com oficinas, palestras que envolviam debates relacionados ao interesse da comunidade acadêmica e ao público em geral (Figura 8). Incluindo também a venda de comidas típicas.

Figura 8. Cartaz de divulgação da programação da Calourada Cultural, 2012.



Fonte: Arquivo pessoal. Anderson Fonseca, 2017.

Atualmente a Calourada Cultural continua sendo realizada no campus, contando com programações diversificadas a cada edição realizada e, como a maioria das festas, também sofreu algumas modificações. Neste ano, contou com apresentações culturais, incluindo atrações musicais e, diferente do formato que vinha acontecendo, a última edição foi temática, à fantasia.

2.2.1.2. Carnaval Porto Folia

O carnaval Porto Folia acontece todos os anos na cidade de Porto Nacional de acordo com o calendário nacional, onde são concentrados cinco dias de festa. Esse evento é organizado pela Prefeitura Municipal da cidade em conjunto com a Secretaria Municipal de Cultura e Turismo e acontece no Espaço Cultural de Eventos (antigo Kart), localizado na Orla da Avenida Beira Rio (SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA E TURISMO, 2011).

Durante todo o período de festa, acontecem várias apresentações artísticas, shows, tanto do âmbito regional quanto nacional, incluindo a apresentação dos Bonecos Gigantes e a Cobra Buiuna. Na última edição realizada este ano (2017), sua programação (Figura 9) contou

com apresentações gospel, shows artísticos, e o resgate do desfile dos Bonecos Gigantes e a Cobra da Buiuna.

Figura 9. Cartaz de divulgação do carnaval Porto Folia, 2017.



Fonte: Prefeitura Municipal de Porto Nacional, 2017.

A programação teve início com show gospel realizado no primeiro dia e, durante os outros dias, ela foi dividida em dois circuitos: Popular e Beira Rio. O circuito popular foi realizado nas ruas da cidade com blocos infantis, da terceira idade e dos Bonecos Gigantes e Cobra Buiuna (Figura 10) e o da Beira Rio na Orla Beira Rio com shows artísticos nacionais e regionais e blocos infantis (JORNAL G1 TO, 2017).

Figura 10. Desfile dos Bonecos Gigantes e da Cobra Buiuna no Circuito Popular do Carnaval Porto Folia, 2017.



Fonte: Thalyta Feitosa, 2017.

2.2.1.3. Expoagro (Pecuária)

A Exposição Agropecuária é realizada durante o mês de setembro no Parque de Exposição Agropecuária de Porto Nacional. Tradicionalmente conhecida em todo o estado do Tocantins, essa festa acontece há 36 anos e tem sua história ligada à criação do Sindicato Rural, responsável por sua realização.

De acordo com Mascarenhas (2017⁴¹), antes de o Sindicato Rural se consolidar, os produtores rurais de Porto Nacional se organizaram, ainda na década de 1950, com intuito de fundar uma Associação Rural no município que abarcasse seus interesses. Anos mais tarde, em 1955, após uma reunião entre os produtores rurais, essa associação tornou-se o Sindicato Rural, tendo como seu primeiro presidente Joaquim Maia Leite.

[...] Através dos produtores rurais de Porto Nacional que se organizaram na época dos anos 50 [...] foi fundada a Associação Rural de Porto Nacional [...] que mais tarde tornou-se Sindicato Rural [...]. Em 1955 foi fundado o Sindicato Rural de Porto Nacional, diga-se de passagem na residência do Joaquim Maia Leite, que foi o primeiro presidente do Sindicato Rural de Porto Nacional. Essa reunião foi realizada na residência dele e foi fundado o Sindicato [...] ele foi eleito o primeiro presidente [...].

⁴¹ Ex - presidente do Sindicato Rural de Porto Nacional, 1999-2007. Entrevistado em 18 de maio de 2017.

A partir da criação e consolidação do Sindicato Rural, foi criada a Exposição Agropecuária de Porto Nacional. Mascarenhas (2017) relata que a primeira edição foi realizada na década de 1960, onde atualmente encontra-se a o clube da AABB⁴² (Associação Atlética Banco do Brasil), isso porque, naquele período, neste mesmo local funcionava o Sindicato Rural. Ele ainda conta detalhes de como eram realizadas as primeiras edições do evento:

[...] Com o desenvolvimento e progresso da cidade, ali foram realizadas as primeiras Exposições Agropecuárias, [...] os currais eram feitos apenas de madeira, e tudo de uma forma muito rústica [...], não tinha a vaquejada, eles só faziam os currais de madeira roliça e colocavam os animais ali para comercializar, não tinha shows [...].

No final da década de 1970 a início dos anos 1980, o evento foi transferido de localidade e passou a ocorrer no Parque de Exposições Agropecuárias, área pertencente ao próprio Sindicato Rural, onde permanece acontecendo até hoje (MASCARENHAS, 2017).

Sobre o período de ocorrência, Mascarenhas (2017) diz que a Expoagro deixou de acontecer alguns anos: "[...] teve alguns anos ela deixou de acontecer [...] por varias situações. Às vezes, por um momento econômico, ou por uma decisão da própria diretoria do Sindicato na época, e a falta de condições para realizar um evento à altura que a sociedade exige."

Atualmente a programação da Expoagro conta com o rodeios em touros e cavalos, shows regionais e nacionais, exposição de máquinas e implementos agrícolas, parque de diversões, palestras de negócios, provas de laço, entre outros. (CLEBER TOLEDO, 2014; NASCIMENTO, 2014). Ainda sobre sua programação, na gestão do ex-presidente Olímpio Mascarenhas (1998-2008), foi inserida a cavalgada (Figura 11), que marcava a abertura do evento, porém, na última edição, que teve no ano de 2016, ela não ocorreu⁴³. A figura 12 mostra o cartaz de divulgação de uma das edições realizadas na cidade de Porto Nacional (Figura 12).

⁴² A avenida onde está localizada a AABB é denominada Associação Rural devido antigamente este mesmo local abrigar a Associação Rural que logo se tornou Sindicato Rural. (MASCARENHAS, 2017).

⁴³ Conforme Mascarenhas (2017), a suspensão da cavalgada durante o acontecimento da última edição da Expoagro ocorreu devido a uma doença chamada "mormo" que acomete os cavalos e é transmissível ao homem. Ainda de acordo com ele, como havia casos no sul do estado e outras regiões, tornou-se prudente não realizar essa cavalgada. [...] A adoção dessa medida foi tomada pela ADAPEC (Agência de Defesa Agropecuária do Estado do Tocantins).

Figura 11. Cavalgada da Expoagro.



Fonte: Arquivo pessoal. Olímpio Mascarenhas, s.d.

Figura 12. Cartaz de divulgação da última edição realizada da Expoagro, 2016.



Fonte: Arquivo digital. tocantinseventos.blogspot., 2016.

Uma de suas principais atrações é o rodeio. Conforme Mascarenhas (2017): "[...] o

rodeio é atração muito forte no evento, ai tem a estrutura, tem um cenário, um teatro que é feito um espetáculo [...] com o rodeio. O rodeio mexe com sentimento da pessoa [...] é muito interessante [...] é uma festa, um momento [...] dentro da exposição."

2.2.1.4. Feira de Cultura Negra

A Feira de Cultura Negra é uma festa que acontece nos dias 13 de maio e 20 de novembro, na Praça do Centenário, e atualmente está em sua terceira edição. De acordo o organizador e idealizador do evento, desde sua criação, a Feira tem como objetivo principal evidenciar as manifestações da cultura negra presentes em Porto Nacional:

Essa Feira, no que diz respeito à cultura, ela tem o sentido de [...] mostrar as produções no seguimento da cultura afro-brasileira e, no sentido do debate, ela é um momento de reflexão, para se discutir a questão do racismo, preconceito e desigualdades sociais. (SILVA, 2016⁴⁴).

Desde a sua primeira edição, a Feira, só deixou de ser realizada em 20 de novembro do ano de 2016, devido a greve que estava acontecendo nas escolas públicas, já que o público alvo são os alunos. Em suas palavras:

[...] a Feira de Cultura Negra é um evento destinado ao estudante, voltado aos estudantes de um modo geral, é o nosso público alvo, porque a gente pretende com a Feira de Cultura Negra, abrir um espaço para que a escola possa mostrar tudo aquilo que ela produz no âmbito da cultura afro brasileira e das questões raciais das discussões em torno do preconceito e racismo no Brasil [...]. Em 2015 foi a primeira edição, em 13 de maio de 2016 nós realizamos a segunda edição da Feira, que tem um calendário definido, que é 20 de novembro e 13 de maio. No entanto, em 20 de novembro de 2016 nós não realizamos a Feira de Cultura Negra em razão da greve que estava acontecendo, as escolas estavam paralisadas e nosso publico alvo é o estudante de ensino fundamental e médio, principalmente. Como se encontrava em greve as escolas, e só retornaram já no finalzinho em meados do mês de novembro a gente resolveu não fazer essa edição em 20 de novembro. Já retornamos agora com a terceira edição em 13 de maio de 2017 [...] (SILVA, 2017⁴⁵).

Essa festa encontra-se em sua terceira edição e, assim como outras que acontecem na cidade de Porto Nacional, ela possui uma programação diversificada, que conta com apresentações culturais com artistas portuenses, músicos, poesia, capoeira, além da presença

⁴⁴ Ativista cultural e idealizador da Feira da Cultura Negra. Entrevista realizada em 11 de outubro de 2016.

⁴⁵ Ativista cultural e idealizador da Feira da Cultura Negra. Entrevista realizada em 01 de fevereiro de 2017.

de artesãos e comidas típicas (SILVA, 2016). As figuras 13 e 14 a seguir mostram o cartaz de divulgação e o momento das apresentações culturais realizadas na primeira edição da Feira de Cultura Negra no dia 20 de novembro de 2015.

Figura 13. Cartaz de divulgação da Feira da Cultura Negra, 2015.



Fonte: Arquivo digital (Facebook). Everton dos Andes, 2015

Figura 14. Momento das apresentações culturais da Feira de Cultura Negra, 2015.



Fonte: Thalyta Feitosa, 2015.

Conforme o seu idealizador, a Feira também apresenta uma revista como veículo de comunicação, chamada Revista Afro Brasil, onde apresenta várias matérias, inclusive com informações da Feira anterior, fotos e artigos científicos. (SILVA, 2016⁴⁶)

2.2.1.5. Feira Cultural do Buracão

A primeira edição da Feira Cultural do Buracão foi realizada no ano de 2014. Com o tema "Valorizando a cultura e identidade do povo portuense" ela surgiu com o intuito de fazer uma integração da comunidade do bairro São Judas Tadeu (popularmente conhecido como Buracão) com a sociedade portuense de um modo geral, pois, de acordo com um de seus organizadores:

[...] o Bairro São Judas Tadeu [...] é muito discriminado. Eu fui nascido e criado aqui e vi essa dificuldade dos políticos e demais autoridades da cidade e do estado de não fazer algo diferente aqui nessa comunidade, era só discriminação. Como que a gente vai tirar a marginalidade, o tráfico, a prostituição, se não ampliar um trabalho social dentro dessa comunidade para melhorar a qualidade de vida dessa sociedade [...]. Ai tivemos a ideia de começar a fazer uma feirinha para trazer essa comunidade à sociedade. Aqui muitas pessoas são viciadas em drogas, então a gente tentou mostrar pra eles que tem outro lado bom da vida [...] (RODRIGUES⁴⁷).

Embora a primeira edição da Feira tenha sido realizada no mês de junho, atualmente ela ocorre em julho, e conta em sua programação, apresentações culturais (capoeira, samba de roda, roda de súa, entre outras), shows musicais com artistas locais, barracas com exposições de produtos artesanais, barracas de comidas típicas e bebidas (Figura 15). Ela acontece na Rua Santa Rita, popularmente conhecido como Rua do Buracão.

⁴⁶ Ativista cultural e idealizador da Feira da Cultura Negra. Entrevista realizada em 11 de outubro de 2016.

⁴⁷ Um dos organizadores da Feira Cultural do Buracão. Entrevista realizada em 17 de março de 2017.

Figura 15. Folder de divulgação da última edição da Feira Cultural do Buracão, 2016.



Fonte: Arquivo digital (Facebook). Associação de Capoeira e Cultura Raízes, 2016.

Uma das características que chama a atenção na Feira Cultural do Buracão, diferente de muitas festas profanas, é que não são comercializadas bebidas alcoólicas, e a forma com que os barraqueiros montam suas barracas e os artistas cantam suas músicas, é livre, sem exigências da organização:

Essa Feira tem as barraquinhas, tem as comidas típicas, apresentações. A gente não aceita bebidas alcoólicas [...], cada artista, cada barraqueiro coloca sua barraca do seu jeito [...] a gente não exige [...], fica disponível. Todo mundo fica conversando, um canta duas, três músicas, depois outro [...] e assim vai desenvolvendo a característica da Feirinha, uma coisa bem natural para não ficar aquela coisa monótona. (RODRIGUES, 2017).

Apesar de ser organizada pelos membros da Associação de Capoeira e Raízes, toda a comunidade do bairro se envolve e participa durante o processo de preparação, que vai desde a limpeza da rua até a pintura dos muros. Nas palavras de um dos organizadores entrevistados: "[...] toda a comunidade participa da Feira, da limpeza da rua, da pintura dos muros, de instalar as lâmpadas, tudo isso a comunidade participa" (RODRIGUES, 2017).

A Feira também busca destacar a importância de alguns elementos que estão presentes e compõem parte da cultura portuense, como, por exemplo: "[...] a capoeira, a sùcia, o samba de roda, a poesia que o próprio pessoal da comunidade fala, poesia antiga, as cantigas de roda [...]" (RODRIGUES, 2017). A figura 16 mostra uma das apresentações culturais realizada na primeira edição (Figura 16).

Figura 16. Uma das apresentações culturais realizada na primeira edição.



Fonte: Arquivo digital (Facebook). Alex Penugem, 2014.

2.2.1.6. Festa de Nossa Senhora das Mercês

Realizada entre os dias 15 e 24 de setembro, na Catedral Nossa Senhora das Mercês, ela se tornou uma tradição para os moradores da cidade de Porto Nacional, principalmente por se tratar de uma festa religiosa, onde é comemorado o dia de sua santa padroeira.

Celebrar o dia do(a) santo(a) padroeiro(a) é um meio que os sujeitos encontram de agradecer e/ou reconhecer a proteção dada, fazer e pagar promessas e fazer pedidos. Em Porto Nacional, a festa de Nossa Senhora das Mercês é uma referência para seus moradores devotos a santa, principalmente no que diz respeito a sua fé. Segundo Balsan e Maia (2016), ela acontece há mais de 100 anos e, devido a sua importância religiosa, histórica, cultural e social, no ano de 2014, foi declarada Patrimônio Cultural do Estado do Tocantins. Um dos ativistas culturais entrevistados se recorda que no passado a programação da festa contava com diversas atrações, como barraquinhas de alimentação e brincadeiras:

No passado era uma festa brilhante, muito bonita, em que toda a comunidade se envolvia. É tanto que cada dia era um grupo de famílias que assumia, então você tinha barraquinhas com alimentação, brincadeiras, o famoso correio eletrônico, que antigamente era um papelzinho [...], você tava interessado em alguém, aí tinha um grupo de pessoas encarregadas de fazer esse tramite [...]. Então você mandava o bilhete pra pessoa que estava interessado e recebia a resposta, era um negócio muito legal. Para as criança e para o jovem adolescente, era uma festa maravilhosa era uma coisa muito sadia, com muitas brincadeiras bandas de músicas, na época tinha as bandas de musicas [...], é uma festa muito bacana, além dos ritos religiosos que era muito interessante, os corais e tudo mais, era uma cerimônia longa e tinha todo aquele clima, a festa envolvia a comunidade [...]. Os leilões, as brincadeiras, as pescarias, era uma coisa fantásticas (BRITO, 2016⁴⁸).

Atualmente, de acordo com Balsan e Maia (2016), a programação da festa (Figura 17) inicia-se com as novenas, que começam no dia 15 e vão até o dia 23 de setembro. Durante esse período de 9 dias, são realizadas missas, batizados, leilões e bingos. No dia 24 é realizada a missa principal e a procissão em comemoração ao dia de Nossa Senhora das Mercês (Figura 18).

Figura 17. Folder de divulgação e programação da festa de Nossa Senhora das Mercês, 2016.



Fonte: Arquidiocese de Porto Nacional, 2016.

⁴⁸ Ativista cultural da cidade de Porto Nacional. Entrevistado em 07 de novembro de 2016.

Figura 18. Festa de Nossa Senhora das Mercês, 2016.



A) Missa principal em comemoração ao dia de Nossa Senhora das Mercês. Fonte: Arquivo pessoal. Daniel Cavalcante, 2016.

B) Procissão realizada no encerramento da festa. Fonte: Arquivo pessoal. Everlandio Lima, 2016.

2.2.1.7. Festa de Santos Reis

A festa de Santos Reis acontece na cidade de Porto Nacional todos os anos entre o final do mês de dezembro e início de janeiro, na Paróquia dos Santos Reis, localizada no bairro Vila Nova. É uma festa religiosa da igreja católica realizada em várias regiões do Brasil, onde é celebrado o nascimento e a visita dos três Reis Magos a Jesus Cristo. Brandão (1985, p.98) destaca que essa festa é uma das "mais difundidas no território brasileiro", onde "Santos Reis é considerado um santo muito poderoso". Ainda de acordo com este autor: "como uma pessoa, os três magos são venerados, tidos como facilmente milagrosos e, portanto, como santos de devoção."

No Tocantins, estado onde está localizada a cidade de Porto Nacional, existe uma tradição com relação à devoção aos Santos Reis Magos. Nas cidades em que essa festa ocorre, os mais velhos e devotos acreditam que os Santos Reis Magos, além de proteger contra as pestes, as pragas nas lavouras, são eles os responsáveis pela prosperidade e fartura (TOCANTINS, 2017).

Segundo Brandão (1985), a programação dessas festas religiosas em comemoração aos santos e organizadas pela Igreja Católica com auxílio da comunidade que dela fazem parte são regidas por rezas de novenas (nove dias de orações coletivas), leilões, entre outras atividades. Na cidade de Porto Nacional, como já mencionado, a Festa de Santos Reis é realizada todos os anos. Organizada pela Paróquia dos Santos Reis, em conjunto com seus membros, estes

denominados de Festeiros⁴⁹, sua programação é diversificada, contando com missas, quermesse e bingos, incluindo um de seus momentos principais, que é a Folia de Reis (Figura 19).

Figura 19. Parte da programação da Festa de Santos Reis da cidade de Porto Nacional, 2016/2017.

PROGRAMA-CONVITE

Temos a imensa satisfação em convidar você e toda sua família para participarem dos nossos festejos.

Dia 28/12 – Quarta Feira

05hs Alvorada Festiva saindo da Paróquia Santos Reis, logo após, café da manhã.

19h30m - Celebração Eucarística, Novena, Levantamento do Mastro

Atuação Litúrgica: Paróquia Nsa. Sra das Mercês.
Celebrante: Pe Lucimar Ribeiro

Promoção Social: Prefeito Ottoniel Andrade e Família, Funcionários Municipais, Vereadores, Ver. Miúdo e Família, Secretariado Municipal e Festeiros dos Santos Reis 2015/2016.

Dia 29/12 – Quinta Feira

Atuação Litúrgica: Paróquia Nossa Sra de Fátima.
Celebrante convidado: Pe Alexsandro

Promoção Social: Padre Cicero Leilão, Manezinho do Leilão, Marcelo Cintra, ADAPEC, Niltec Estofados, Comercial Irmãos Unidos, Casa das Baterias Nossa Senhora Aparecida, Mercosul, Casa Rural, Casa do Fazendeiro, Casa do Criador, Agroboi, Frigorífico Jatobá, Sindicato dos Trabalhadores Rurais e Assentamento Santo Antônio

Dia 30/12 – Sexta-feira

Atuação Litúrgica: Comunidades São Pedro, Santa Luzia e Sabastião
Celebrante: Mons. Juraci

Promoção Social: família Schuk, Rede de Supermercado Catarinense, Cerealista Amigão, Tocantins Parafusos, Droga Vila, Prensadão, Churrascaria do Trevo e Churrascaria do Gaúcho, Família Guarese.

Dia 31/12 – Sábado

Atuação Litúrgica: Comunidade São Judas
Celebrante: Mons. Jacinto

BÊNÇÃO DA SAÚDE E PAZ PARA 2017
Trage Branco e vela.

Dia 01/01 – Domingo

Atuação Litúrgica: Pastoral do Dizimo e Catequese
Celebrante convidado: Pe Edmilson C. Benício

Promoção Social: Empresários e Empresárias dos diversos setores e Serviços, Passarela Modas, Rede Minas Calçados, Macy Material de Construção, Paraminas Construções, Vison Novidades, Casa do Pedreiro, Trabalhadores da Construção Civil, AGETRANS, Família Venturini.

Dia 02/01 – Segunda Feira

Atuação Litúrgica: Paróquia São João Batista.
Celebrante convidado: Pe Edisley Batista

Promoção Social: Prefeito Joaquim Maia, Vice-Prefeito Ronivon Maciel, Vereadores Eleitos em 2016, Secretariado Municipal, Funcionários Municipais, Distribuidora Barreira.

Dia 03/01 – Terça

Atuação Litúrgica: Paróquia do Divino Espírito Santo
Celebrante convidado: Pe Jackson Souza

Promoção Social: Flutuante Maria II, Oficina do Deni, Ideal Tecidos, Casa do Serrote, Auto Elétrica Globo, Comercial Santa Isabel, Supermercado Primavera, Mega Supermercado, Deja Auto Peças, ND Locações, Agro-Porto.

Dia 04/01 – Quarta Feira

Atuação Litúrgica: Comunidade Coração de Maria, Renovação Carismática
Celebrante convidado: Mons. Jones

Promoção Social: Bayscon Moto Peças, Família Goffi, Hotel Ideal, Hotel Veredas, Festeiros de Nossa Senhora Aparecida, São Pedro e Santa Luzia 2016.

Cada um contribua segundo prepôs, no seu coração, não com tristeza, nem por constrangimento; porque Deus ama ao que dá com alegria.

MISSA-VERTANEJA
Trage Sertanejo

Saída da Folia dos Santos Reis

11/11/17

Fonte: Arquivo pessoal. Padre Edmilson Benício, 2017.

A função da Folia de Reis, conforme descreve Gomes e Cruz (2016, p.51) "[...] é sair de casa em casa levando fé e emoção, a celebrar a visita dos Reis Magos ao Menino Jesus. A visita é à noite, presumindo-se que os reis viajaram ao anoitecer guiados pela Estrela de Belém". Na cidade de Porto Nacional, segundo Benício (2017), ela acontece entre os dias 01 a 06 de janeiro, marcando sua saída e chegada, respectivamente. Ainda segundo o autor ela "[...] herda cânticos e costumes da cultura goiana. Tradicionalmente, a Folia visita as casas no período noturno, sendo acolhida pelas famílias com ofertas de comida, bebidas e dinheiro que é entregue a Igreja".

⁴⁹ "Os Festeiros são aqueles responsáveis pela organização do festejo e arrecadadores de donativos para a festa e manutenção da Igreja. São eles o Rei e Rainha, Capitão do Mastro e Rainha do Mastro, Reis e Rainhas Mirins." (BENÍCIO, 2017)

2.2.1.8. Festa do Cristo Operário

A festa do Cristo Operário acontece todos os anos, entre os dias 22 de abril e 1 de maio, na Capela Cristo Operário, localizada no setor Jardim Querido na cidade de Porto Nacional. Essa festa religiosa surgiu com a construção da Capela Cristo Operário, ainda na década de 1970, e é realizada em comemoração a São José Operário, considerado o santo que protege além das famílias, os trabalhadores que ali participam e congregam (PARÓQUIA SÃO JOÃO BATISTA, 2017).

As festas religiosas são frequentemente realizadas para celebrar e/ou comemorar o dia dos santos, considerados importantes para uma determinada comunidade e, por isso, esse momento festivo é visto como uma forma de agradecimento e de fé. Normalmente faz parte de suas programações as novenas, as quermesses e os leilões.

Inicialmente a festa do Cristo Operário era comemorada na última semana do mês de maio, e, como a maior parte das festas de cunho religioso, era acompanhada de novenas e leilões. Algum tempo depois, foram inseridos em sua programação os bailes de quadrilha e forró, onde toda a renda adquirida era destinada à Capela, especificamente para ajudar no seu processo de construção (PARÓQUIA SÃO JOÃO BATISTA, 2017). Essa inserção de novos elementos em sua programação trouxe uma nova característica à festa, que, ao longo de sua existência, foi passando por algumas modificações, tanto no seu período de ocorrência, quanto em sua programação.

Com intuito de resgatar aquilo que faz parte da cultura daqueles que dela participavam, em sua maior parte, os trabalhadores advindos do campo, que, além da fé, carregavam consigo usos e costumes da vida rural, foi inserido o mastro como parte do momento festivo no ano de 1984, além do primeiro Capitão e Rainha (PARÓQUIA SÃO JOÃO BATISTA, 2017). O ano de 1992 foi marcado com a mudança do período de realização da festa, passando da última semana do mês de maio, para a última semana do mês de abril, terminando no dia 1º de maio, dia do São José Operário, santo homenageado. Em 1999, para sua divulgação foi criada a Folia das Mulheres e, em seguida a Folia dos Homens, como forma de complementação da festa. Em 2002, com uma nova coordenação, é criado o cargo de Padrinhos da festa⁵⁰, que assume, junto com o capitão do mastro, a rainha e a comunidade, a responsabilidade de organizar todo o festejo (PARÓQUIA SÃO JOÃO

⁵⁰ "Os padrinhos da festa representam a família de Jesus e dos trabalhadores, por isso deve ser sempre um casal." (PARÓQUIA SÃO JOÃO BATISTA, 2017).

BATISTA, 2017). O quadro a baixo destaca os momentos que marcaram a história da festa do Cristo Operário (Quadro 4).

Quadro 4. Momentos que marcaram a história da festa do Cristo Operário

Ano	Momentos que marcaram a história da Festa do Cristo Operário
1970	Construção da Capela Cristo Operário e surgimento da festa
1984	Inserção do mastro na festa
1992	Mudança no período de realização da festa
1999	Criação da folia das mulheres como divulgação do festejo
2002	Criação dos padrinhos da festa

Fonte: Paróquia São João Batista, 2017. Organizado pela autora, 2017.

Atualmente a programação da festa do Cristo Operário (Figura 20) é iniciada no dia 22 de abril com a Alvorada Festiva e o Levantamento do Mastro, seguido de missa, barraquinhas, leilões e atividades culturais, encerrando no dia 1º de maio com a celebração da missa solene em homenagem ao santo São José Operário, além de contar com sorteio dos festeiros, derrubada do mastro, e por fim, a confraternização com almoço, marcando o encerramento da festa (Figura 21).

Figura 20. Programação do Festejo de Cristo Operário, 2017.

FESTEJOS DE CRISTO OPERÁRIO
De 22/04/2017 à 01/05/2017
PARÓQUIA DE SÃO JOÃO BATISTA
COMUNIDADE CRISTO OPERÁRIO
SETOR JARDIM QUERIDO
PORTO NACIONAL - TO
Pároco: Padre Edisley Batista da Silva

TEMA:
"Maria, a serva obediente que nos trouxe Jesus".

FESTEIROS:
Padrinhos 2017: Jadas Martins da Mata; Alessandra de Oliveira Silva.
Capitão do Mastro: Josimar Pereira Guimarães.
Rainha do Mastro: Domingas Thyse Pereira.
Rainhas Mirins: ANA LUIZA FERREIRA ALVES. Pai: Marcos José Alves. Mãe: Jaírene Ferreira da Silva. RENNATA CRISTINNY GOMES. Pai: Wesley Pereira Barbosa. Mãe: Inne Gomes Alves. ANNA HELOISA DE S. MARTINS. Pai: Marcos Geovani Martins Silva. Mãe: Cristiane de Santana Lopes.
Reis Mirins: DAVI NORONHA SOUSA. Pai: Lourival Batista Noronha. Mãe: Julia Batista Pinto Sousa Noronha. LUCAS RODRIGUES BARREIRA. Pai: Sued Rodrigues. Mãe: Maria José Barreira Rodrigues.

PROGRAMAÇÃO:
+ 22/04/2017 às 04h30min - Alvorada Festiva (Com café da manhã);
+ 22/04/2017 às 19h - Levantamento do Mastro;
+ 29/04/2017 às 08h - Saída da Folia (Exatidão Geral);
+ 29/04/2017 às 15h - Preparação do Sacramento do Batismo;
+ 30/04/2017 às 09h30min - Sacramento do Batismo;
+ 30/04/2017 - Coroação dos Reis e Rainhas Mirins;
+ 01/05/2017 às 08h - Missa Solene do Padroeiro, Sorteio dos Festeiros
2018, derrubada do mastro e confraternização;
+ 01/05/2017 às 17h - Corrida do Trabalhador; Inscricão com Carlinhos (63) 98419-8888.

Todos os dias às 19:00h o Santo Terço em seguida Santa Missa e logo apos: Quermesse, Atividades Culturais, Atrações Artísticas e Leilões...

6º BINGÃO
ABERTURA DA CASALTA (19:30,00)

APÓIO
PREFEITURA DE PORTO NACIONAL
COMUNIDADE VIVA TODOS
BAZAR TOCANTINS
(63) 3363-1666

Fonte: Arquivo digital (Facebook). Capela Cristo Operário, 2017.

Figura 21. Momentos de encerramento da Festa do Cristo Operário, 2017.



A) Derrubada do mastro. Fonte: Arquivo pessoal. Poliana Cunha, 2017.

B) Almoço de encerramento da festa. Fonte: Arquivo pessoal. Albano Silva, 2017.

2.2.1.9. Festa do Divino Espírito Santo

Tradicionalmente conhecida em várias cidades do território brasileiro, a festa do Divino Espírito Santo da cidade de Porto Nacional acontece no mês de maio na Paróquia do Divino Espírito Santo, localizada no setor Jardim Brasília.

De acordo com Silva (2015), essa festa tem como propósito homenagear o Espírito Santo, terceira pessoa da Santíssima Trindade:

"[...] é realizada em homenagem à terceira pessoa da Santíssima Trindade. E o Espírito Santo, fonte de amor e sabedoria, é representado pela pomba branca e por línguas de fogo, as que pousaram sobre os apóstolos reunidos no cenáculo em Pentecostes cinquenta dias após a Ressurreição." (SILVA, 2015, p.19).

Na cidade de Porto Nacional a festa do Divino Espírito Santo é realizada todos os anos e é considerada uma tradição pelos moradores, além de ser um momento de muita fé e coletividade. Dentre os personagens que compõe a festa estão: o Imperador, Imperatriz, Capitão do Mastro e Rainha do Mastro. Sendo que o Imperador, de acordo com Brandão (1978, p.27, apud Amaral, 2015, p.81) "é o principal, isso porque, ele tem o papel de representar e conduzir a festa, é o único cuja atribuição envolve a coordenação geral de todos os acontecimentos relevantes da festa".

Sua programação conta com a Alvorada Festiva, levantamento do mastro, saída e chegada das folias, missas, leilões, bingos e barracas com comidas típicas (Figura 22). O levantamento do mastro que tem como principal responsável o Capitão do Mastro "[...]

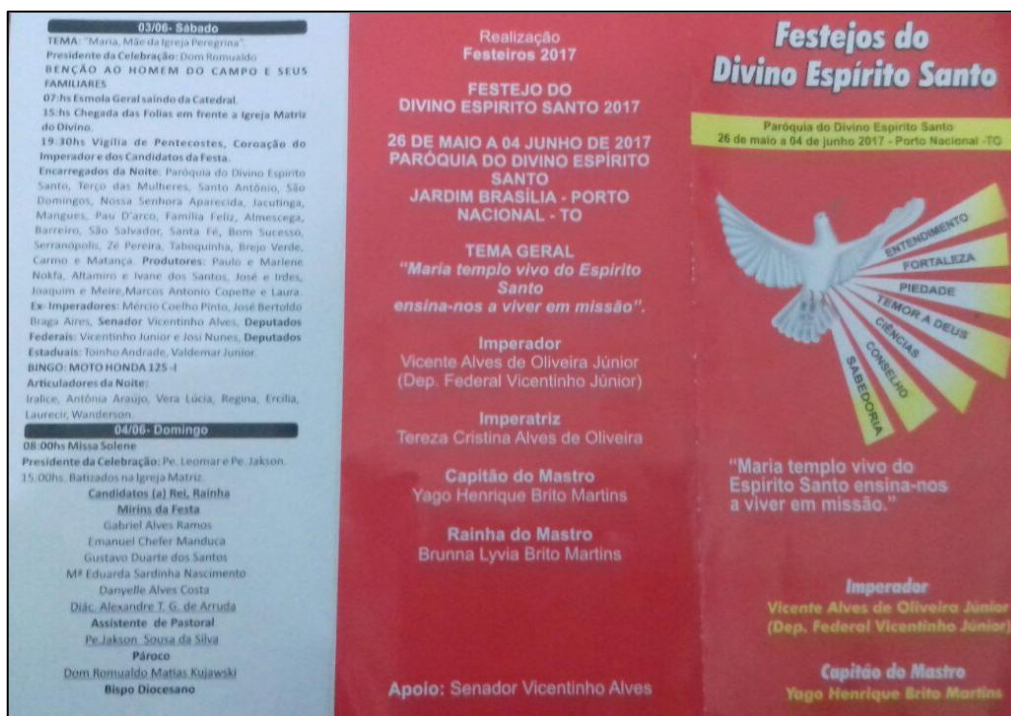
anuncia o início das festividades em honra ao Divino Espírito" (ALVES, 2014, p.3, apud AMARAL, 2015, p.81).

Sobre a dinâmica da festa Barros (2017⁵¹) relata que:

Depois das orações e cânticos entoados nas missas, as pessoas preenchem o espaço reservados com barracas de bebidas, comidas típicas como: espetinho, pastel, caldos, doces e cachorros quentes. Em todas as noites vários prêmios também são leiloados assim como as realizações de bingos para arrecadação de dinheiro para custos da festa e paróquia.

Ainda durante a festividade acontece a Folia do Divino que tem como principal missão percorrer a cidade (zona urbana e rural) durante 08 dias carregando a bandeira do Divino e "anunciando a presença do Espírito Santo" (TOCANTINS, 2017). A figura 23 mostra alguns momentos da saída da Folia (Figura 23).

Figura 22. Parte do folder com a programação e divulgação da Festa do Divino Espírito Santo, 2017.



Fonte: Paróquia do Divino Espírito Santo, 2017.

⁵¹ Frequentador da festa. Entrevistado em 22 de maio de 2017.

Figura 23. Momentos da saída da Folia, 2017.



A) Participantes da Folia dentro do salão da Paróquia do Divino Espírito Santo pedindo proteção para a saída. B) Saída da Folia. Fonte: Arquivo pessoal. Rosane Balsan, 2017.

2.2.1.10. Procissão da Semana Santa

Tradicionalmente celebrada todos os anos em várias cidades não só do Brasil, mas do mundo, a Semana Santa é um período marcado por encerrar a Quaresma (tempo de penitência e preparação dos católicos para suas celebrações), e entrar em um momento onde se relembra os acontecimentos da paixão, morte e ressurreição de Jesus (PEREIRA, 2009). Para os fiéis, especialmente os católicos e autoridades eclesiais, a Semana Santa, além de ser um acontecimento religioso, trata-se de um dos momentos cerimoniais mais importantes do calendário litúrgico (BRANDÃO, 1989). De acordo com SANTOS (2017⁵²), a Semana Santa:

[...] representa no universo da comunidade, de toda a cidade sobretudo [...] nos municípios menores, uma grande mudança de comportamento. [...] Embora hoje com bem menos intensidade do que antigamente, [...] a Semana Santa [...] coloca toda a cidade numa atmosfera diferente.

Como o próprio nome diz, a Semana Santa tem duração de uma semana e um dia, iniciando-se no Domingo de Ramos e encerrando-se no Domingo de Páscoa, cada dia tendo um significado. Conforme Chaves (2011, p.94-95):

⁵² Padre. Entrevistado em 04 de maio de 2017.

O Domingo de Ramos abre a Semana Santa, remetendo a entrada de Jesus Cristo em Jerusalém; segunda feira é o dia em que é lembrada a caminhada de Jesus rumo ao calvário; a terça feira corresponde às sete dores de Maria; quarta feira é o dia em que se encerra o período de Quaresma; quinta feira é o dia em que é celebrada a última ceia; sexta feira, também é conhecida como Sexta Feira da Paixão, é o dia da morte de Cristo; o Sábado de Aleluia o dia de luto; e o domingo de Páscoa o dia da ressurreição de Jesus.

Durante esse período, são realizadas nas igrejas missas e procissões. Na cidade de Porto Nacional a Semana Santa é celebrada todos os anos em período móvel, de acordo com o calendário católico. Oliveira (1997), aponta em sua dissertação de mestrado chamada "Um Porto no Sertão: cultura e cotidiano em Porto Nacional 1880/1910" que tem-se registros sobre essa comemoração no ano de "1902", por um dos jornais da época:

Na quarta-feira, começavam os exercícios de via-sacra; quinta-feira havia missa solene; sexta-feira santa, havia a procissão do Senhor Morto. No sábado, missa solene, No domingo de Ressurreição, realizava-se a procissão do Santíssimo Sacramento, depois da qual havia missa solene [...] (O INCENTIVO, n. 11, 1992, apud OLIVEIRA, 1997, p.135).

Atualmente, assim como em várias cidades, em sua programação acontecem além das missas, as Procissões do Encontro e do Senhor Morto, sendo a primeira na quarta feira santa e a segunda na sexta feira santa ou Sexta Feira da Paixão. Ambas são realizadas pela Paróquia Catedral Nossa Senhora das Mercês e fazem parte das celebrações da Semana Santa.

Como mencionamos anteriormente, a Procissão do Encontro acontece na quarta feira santa, e representa o encontro de Maria com Jesus quando carregava a cruz até o calvário. Santos (2017⁵³) relata que, para a comunidade, pensando em uma versão mais espiritualizada:

Ela visa narrar naquela encenação, [...] o encontro doloroso de Jesus com Maria, o encontro dos dois. Para comunidade tem uma grande expressão é onde nós sentimos também que nós não estamos sozinhos na caminhada. Nas nossas caminhadas de dores Deus está conosco, tem pessoas também embora não sejam Deuses, mas estão conosco nos ajudando a superar.

Na cidade de Porto Nacional, essa procissão é caracterizada por ter dois pontos de partida. Tendo como ano de referência 2017 o ponto de partida e/ou início da procissão aconteceu na Capela Coração de Maria, conhecida como Capela das Mães e na Igreja São Judas Tadeu. Na primeira se reuniram as mulheres, onde partiram carregando a imagem de Nossa Senhora das Dores e na segunda partiram os homens carregando a imagem do Senhor

⁵³ Padre. Entrevistado em 04 de maio de 2017.

dos Passos. Ambas as procissões com as imagens se encontraram na Praça do Centenário, simbolizando o encontro de Maria com Jesus, e seguiram para a Catedral Nossa Senhora das Mercês, onde foi realizado o encerramento com algumas palavras do Bispo e a bênção final (Figura 24).

Figura 24. Procissão do Encontro na cidade de Porto Nacional, 2017.



A) Mulheres carregando a imagem de Nossa Senhora das Dores; **B)** Homens carregando a imagem do Senhor dos Passos; **C)** Encontro das imagens simbolizando o encontro de Maria com Jesus no caminho até o calvário; **D)** Encerramento da Procissão do Encontro na Catedral Nossa Senhora das Mercês. Fonte: Thalyta Feitosa, 2017.

A Procissão do Senhor Morto acontece na sexta feira santa ou Sexta Feira da Paixão, ela simboliza o momento da morte de Jesus. Santos (2017⁵⁴) conta que:

A Procissão do Senhor Morto tem um sentido de acompanhar Jesus na sua dolorosa morte e é seguida de algumas vigílias (orações), até a noite da solenidade da Páscoa. Quando se celebra a ressurreição e vitória sobre a morte.

⁵⁴ Padre. Entrevistado em 04 de maio de 2017.

Na cidade de Porto Nacional, ela tem como ponto de partida e/ou início a Catedral Nossa Senhora das Mercês, onde é carregada a imagem do Senhor Morto e de Nossa Senhora das Dores, passando pelas ruas do centro histórico fazendo o contorno na rua próxima a Praça do Centenário e retornando para a Catedral, onde acontece o seu encerramento. A figura 25 mostra o momento que a procissão percorre as ruas do centro histórico da cidade de Porto Nacional (Figura 25).

Figura 25. Procissão do Senhor Morto nas ruas do centro histórico da cidade de Porto Nacional, 2017.



Fonte: Arquivo digital (Facebook). Herton Brito, 2017.

2.2.1.11. Sarau da Cabaça Cultural

Realizado periodicamente na cidade de Porto Nacional, o Sarau da Cabaça Cultural é uma festa que acontece há mais de 10 anos, na COMSAÚDE (Caetanato), que tem sua sede localizada na Rua Coronel Pinheiro (mais conhecida como Rua do Cabaçaco) e tem como principal objetivo a mostra de artistas regionais, consagrados ou iniciantes, além de abrir portas para músicos, poetas e artesãos mostrarem aquilo que produzem, referente à cultura regional (COMSAÚDE, 2014).

Essa festa é organizada pelo grupo Cabaça Cultural que faz parte da COMSAÚDE em Porto Nacional, e surgiu através da ideia de manter uma ação cultural voltada para os jovens e, por este motivo, foi criado o Sarau da Cabaça Cultural. De acordo com um dos organizadores:

O Cabaça Cultural nasceu para manter uma ação do Comjovem, que foi um setor da juventude dentro da COMSAÚDE que cada um foi mudando, o pessoal que era da equipe e os remanescentes, para não ficar sem uma ação cultural, sem uma ação voltada pra juventude, resolveu fazer o Sarau Cabaça Cultural que a princípio era com palco aberto, um sistema de compartilhamento, você levava alguma coisa para compartilhar, e funcionou durante um tempo assim, [...] entre 2011 e 2013 funcionou dessa forma. E aí em 2013 [...] a gente pensou em fazer algo mais sustentável com programação fechada, uma festa mesmo (TEIXEIRA, 2017⁵⁵).

Diferente de algumas festas que ocorrem na cidade de Porto Nacional, o Sarau da Cabaça Cultural não possui data específica para acontecer. São contabilizadas pelos organizadores em torno de cinco edições por ano. Nas palavras de um dos organizadores: "[...] o Sarau não tem datas fixas, ele é pensado em meses especiais, tipo abril, com relação ao dia do índio, então a gente tenta fazer um Sarau indígena, novembro consciência negra, a gente tenta fazer uma mesclagem com as datas, os dias, os meses de ta representando algo" (FERREIRA, 2016⁵⁶). Ele ainda destaca que o público dessa festa vai de "crianças de colo até pessoas idosas".

Por serem realizadas várias edições durante o ano, sua programação é diversificada, com atrações culturais que vão desde a música até exposições de artesanatos. A figura 26 apresenta o cartaz de divulgação de uma das edições do ano de 2014 (Figura 26).

⁵⁵ Organizador do Sarau da Cabaça Cultural. Entrevistado em 16 de março de 2017.

⁵⁶ Organizador do Sarau da Cabaça Cultural. Entrevistado em 04 de outubro de 2016.

Figura 26. Cartaz de divulgação de uma das edições realizadas do Sarau da Cabaça Cultural, 2014.



Fonte: Arquivo digital. Grupo Cabaça Cultural, 2016.

2.2.1.12. Semana da Cultura

A Semana da Cultura é realizada na cidade de Porto Nacional desde o ano de 1980. Como já mencionado, esse evento cultural foi criado pelo Poder Público da cidade de Porto Nacional e instituído pela Lei Municipal nº 862, em 12 de março de 1980 (MESSIAS, 2012).

Atualmente acontece na cidade no mês de junho. Mas, durante a sua existência, ela passou por algumas mudanças em seu período de ocorrência. Inicialmente, acontecia na última semana do mês de maio, depois passou a ser no mês de julho e hoje acontece em junho, este último conforme citado. Segundo Messias (2012), no ano de 1983 ela passou a ser realizada em julho devido aos festejos comemorativos do aniversário da cidade, sendo realizada, portanto, uma semana antes. Algum tempo depois, ela novamente passou por uma mudança no período em que ocorria e passou a ser realizada no mês de junho. O motivo dessa última alteração pode ser vista nas palavras de um dos ativistas culturais da cidade entrevistado:

[...] ela acontecia durante o aniversário da cidade, que é dia 13 de julho, então a festa começava uma semana antes para terminar no dia 13, no dia do aniversário da cidade [...]. E depois por questões do pessoal criar mais um evento no calendário, eles separaram. Eles pegaram e colocaram a Semana da Cultura em junho e o aniversário da cidade ficou outro evento e antes era uma coisa só que culminava com o aniversário da cidade (SANTOS⁵⁷).

Seu público é diversificado desde alunos das escolas, universidades e comunidade em geral. No que diz respeito a sua programação, Silva (2016, p.18) descreve que ela "contempla vários segmentos, como música, teatro, dança, artesanato, artes visuais, audiovisual, festas juninas, praça de alimentação e festival gastronômico". Portanto, oferecendo apresentações culturais, exposição de artesanato, oficinas e shows. A figura 27 diz respeito a divulgação da programação da Semana da Cultura que aconteceu no ano de 2015 (Figura 27).

Figura 27. Divulgação da programação da 34ª Semana da Cultura, 2015.



Fonte: Secretaria Municipal de Cultura e Turismo, 2015.

2.2.1.13. Temporada de Praia

A Temporada de Praia acontece todos os anos em Porto Nacional, no mês de julho. Ela ocorre atualmente na Ilha Porto Real, onde se encontra localizada a Praia da cidade.

Essa festa é comemorada na cidade durante anos, e, ao longo de sua existência, várias mudanças foram ocorrendo. Conforme Messias (2012), até o início dos anos 2000, a

⁵⁷ Ativista cultural da cidade de Porto Nacional. Entrevistado em 11 de outubro de 2016.

Temporada de Praia da cidade de Porto Nacional acontecia na Ilha Honorato Moura (hoje submersa), onde estava localizada a Praia de Porto Real e ambas "marcavam a identidade dos portuenses". A autora descreve que no momento em que chegava o período da temporada, montava-se toda a estrutura da praia, já que "[...] era desmontada anualmente, pois no período chuvoso as águas cobriam toda a praia":

Na praia de Porto Real eram montadas, pela prefeitura municipal e demais parceiras, uma infraestrutura de instalações para atendimento aos portuenses e aos turistas. A infraestrutura compreendia a instalação de bares; sorveterias; danceterias; restaurantes; churrascarias; estabelecimentos comerciais; campo de futebol; posto telefônico; área para salva-vidas; apoio para as travessias de barcos, que transportavam pessoas e equipamentos; vários estandes de apoio à assistência social e à saúde; etc. (MESSIAS, 2012, p.95).

Como toda festa, a Temporada de Praia, naquele período, tinha sua programação com várias atrações, entre elas: shows musicais, apresentações culturais, competições esportivas, entre outras. (MESSIAS, 2012).

Atualmente a Temporada de Praia da cidade de Porto Nacional, como já mencionado, acontece não mais na Ilha Honorato Moura, mas sim na Ilha Porto Real, isso porque, no ano de 2001, segundo Messias (2012), houve a construção da UHE, o que acarretou a submersão da Ilha (Honorato Moura) juntamente a Praia de Porto Real. Conforme relata um dos ativistas culturais entrevistado, a antiga Ilha "[...] foi submersa pela formação do lago [...], para compensar, a gente recebeu essa outra Ilha artificial [...]". (SILVA, 2016⁵⁸). A Ilha artificial que o ativista cultural refere-se é a de Porto Real.

Hoje em dia a Ilha que recebe a Temporada de Praia da cidade de Porto Nacional conta com "elementos fixos e móveis em sua infraestrutura", afirma Sousa (2013, p.80):

Essa nova Ilha, foi estruturada de maneira diferente [...], pelo fato de não haver mais os períodos de secas e de cheias do rio, a Ilha Porto Real passou a ter ora uma infraestrutura fixa, ora uma estrutura móvel. Esta compreende alguns quiosques comerciais de veraneio, algumas barracas com a representação de órgãos institucionais e o palco para shows e eventos, instalados somente na alta temporada.

Sua programação é composta por apresentações culturais, shows musicais com artistas local, regional e nacional, jogos de vôlei e futebol de areia, ginástica, dinâmica com o público, sorteios de brindes, entre outros (SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA E TURISMO,

⁵⁸ Ativista cultural da cidade de Porto Nacional. Entrevistado em 11 de outubro de 2016.

2011). A figura a seguir mostra a programação dos shows realizados no ano de 2015 durante a Temporada de Praia (Figura 28).

Figura 28. Programação dos shows realizados durante a Temporada de Praia, 2015.



Fonte: Partiu.com, 2015

2.2.2. Os benefícios socioeconômicos e culturais das festas

De acordo com os ativistas culturais, as festas trazem diversos benefícios para a cidade de Porto Nacional, que foram aqui categorizados em três tipos: culturais, econômicos e sociais. Assim, buscamos analisar cada um deles, destacando as opiniões dos entrevistados.

As festas são consideradas parte integrante da cultura, a partir delas os indivíduos e/ou grupos sociais compartilham aquilo que muitas vezes os representam. É uma criação coletiva onde são transmitidos saberes, conhecimentos e valores culturais de uma determinada comunidade, isso acontece principalmente naquelas festas consideradas tradicionais.

Nas cidades, por se tratarem de uma "dimensão cultural da vida urbana", as festas são "percebidas como uma experiência cultural e coletiva" entre seus moradores, capazes de proporcionar inúmeros benefícios, principalmente no que diz respeito a cultura (SOUZA, 2010, p.5). Em Porto Nacional, dos treze ativistas culturais entrevistados, quatro consideram que as festas proporcionam benefícios culturais para cidade (Quadro 5):

Quadro 5. Benefícios culturais das festas citados pelos ativistas culturais

Benefícios culturais
"[...] essas festas acabam de alguma forma produzindo música, poesia, bolo, dança e canto. [...]. Ela traz benefício cultural [...] muito grande." (PEDREIRA, 2016 ⁵⁹).
"[...] culturais porque [...] para você produzir uma festa, você realiza uma série de ações, você tem uma apresentação artística, você tem um rito religioso, você tem um rito visual, as pessoas fazem uma cenografia, você tem um rito de figurino, porque as pessoas, elas usam figurino para encenar uma dança, um teatro, uma missa ou um culto [...]." (SILVA, 2016 ⁶⁰)
"[...] destacar esse legado da cultura essa parte de patrimônio cultural [...]. Culturalmente faz parte desse legado da cultura da cidade, e sem elas não haveria o patrimônio cultural. Estaria incompleto o patrimônio cultural e memorial da cidade [...]." (LIRA, 2016 ⁶¹)
" [...] manter as raízes culturais." (MANZANO, 2016 ⁶²).

Fonte: Dados coletados da pesquisa, 2016.

Entre os benefícios culturais que podemos observar na fala dos ativistas culturais apresentadas no quadro 5 estão: a produção de elementos culturais (música, poesia, bolo, dança e canto); realização de diversas ações culturais (apresentação artística, rito religioso, rito visual, cenografia e o rito de figurino); o destaque do legado da cultura da cidade e seu patrimônio cultural e manter as raízes culturais.

Levando em consideração que a cidade de Porto Nacional teve seu centro histórico tombado pelo IPHAN no ano de 2008, considerada, portanto, Patrimônio Cultural Brasileiro, entre os benefícios culturais especificados, chama atenção quando um dos ativistas culturais relata que as festas "destacam o legado da cultura da cidade e sem ela o patrimônio cultural e memorial estaria incompleto" (LIRA, 2016⁶³). Isso se explica pelo fato de a festa ter a capacidade de nos transmitir e informar a nossa herança cultural. Ela nos ensina que "[...] a arte de viver e compreender a vida que nos envolve está na perfeita integração entre o velho e o novo. Sem o novo, paramos no tempo. Mas sem o velho nos apresentamos ao presente e ao futuro de mãos vazias." (PESSOA, 2005, p.39, apud PESSOA, 2007, p.6). Deste modo, concordamos com Brandão (1989) quando ele afirma que a festa é uma fala, uma memória e uma mensagem.

Por se tratarem de uma necessidade na vida da sociedade humana (FERNANDES, 2004), as festas, durante seu acontecimento, além de proporcionar benefícios direcionados à cultura de uma determinada sociedade, também contribui economicamente não só para o lugar, mas também para a própria comunidade. Assim, sobre os benefícios econômicos das

⁵⁹ Ativista cultural da cidade de Porto Nacional. Entrevistado em 22 de outubro de 2016.

⁶⁰ Ativista cultural da cidade de Porto Nacional. Entrevistado em 11 de outubro de 2016.

⁶¹ Ativista cultural da cidade de Porto Nacional. Entrevistado em 08 de outubro de 2016.

⁶² Ativista cultural da cidade de Porto Nacional. Entrevistada em 14 de outubro de 2016.

⁶³ Ativista cultural da cidade de Porto Nacional. Entrevistado em 08 de outubro de 2016.

festas para a cidade de Porto Nacional, oito dos treze ativistas culturais afirmam que elas geram algum tipo de favorecimento neste sentido, principalmente quando se trata da compra e venda de produtos (alimentícios e artesanais). O quadro 6 apresenta fragmentos das entrevistas em que os ativistas culturais mencionam os benefícios econômicos que as festas trazem para a cidade de Porto Nacional.

Quadro 6. Benefícios econômicos das festas mencionados pelos ativistas culturais

Benefícios econômicos
"[...] gera emprego, gera recursos, porque [...] as festas são mantidas pela comunidade. A comunidade organiza o sistema de festa onde as pessoas investem, mas também ganha. As festas são feitas para isso também, não é só para marcar aquela data, ela também é importante para gerar economia para cidade." (BRITO, 2016 ⁶⁴)
"[...] benefícios financeiros porque as pessoas vão para vender os seus produtos e tem pessoas que vão para comprar." (FERREIRA, 2016 ⁶⁵)
"[...] Elas contribuem muito porque você gera a rede hoteleira, você gera o turismo local, você gera a promoção do talento [...]." (MOURA, 2016 ⁶⁶)
"[...] elas trazem [...] benefício financeiro porque ali movimenta compra e venda de algumas coisas." (PEDREIRA, 2016 ⁶⁷)
"[...] você não vai para uma festa sem passar um batom, sem arrumar o cabelo, sem comprar um calçado, uma roupa, [...] isso faz parte de uma cadeia produtiva [...]. Toda festa mobiliza a cadeia produtiva da economia, porque, desde o vendedor ambulante, que vai lá e vende um espetinho, ao grande empresário que vende lá no supermercado, que os intermediários vão lá, compram comida e bebida e vão vender na festa. Então a festa tem uma conotação cultural, mas ao mesmo tempo econômica, porque ela movimenta capital, movimenta recurso, gera renda e trabalho para as pessoas." (SILVA, 2016 ⁶⁸)
"[...] vamos supor, os barraqueiros que trabalham na praia são os mesmos que trabalham na Semana da Cultura. Então para eles está gerando lucro, para o pessoal da música também que está trabalhando, está ganhando [...]." (SILVA, 2016a ⁶⁹)
"[...] o único benefício que eu vejo que traz a festa, é a questão financeira porque ela movimenta todo um recurso entre as barraquinhas e o artesanato [...]." (SOUZA, 2016 ⁷⁰)
"Só para você ter ideia vamos para o lado da música, quando você realiza um evento [...], você tem o gasto com o cabo de som, a manutenção, você tem que comprar a corda para o violão, guitarra, contra-baixo. Então [...] isso gera renda para o comercio local [...]. Na área de alimentação e bebidas, isso vai permitir que por exemplo a senhora [...] vender o arroz [...] e assim várias outras pessoas, várias áreas. Acaba que a festa além de ser um evento que vai trazer a memória, o entretenimento, vai trazer também renda para o comercio local e de pessoas profissionais liberais." (MANDUCA, 2016 ⁷¹)

Fonte: Dados coletados da pesquisa, 2016.

Observa-se que, além da compra e venda de produtos, estão entre os benefícios econômicos apontados pelos ativistas culturais: a geração de emprego; geração de renda; geração do turismo local e a promoção de talentos.

⁶⁴ Ativista cultural da cidade de Porto Nacional. Entrevistado em 07 de novembro de 2016.

⁶⁵ Ativista cultural da cidade de Porto Nacional. Entrevistado em 04 de outubro de 2016.

⁶⁶ Ativista cultural da cidade de Porto Nacional. Entrevistado em 31 de outubro de 2016.

⁶⁷ Ativista cultural da cidade de Porto Nacional. Entrevistado em 22 de outubro de 2016.

⁶⁸ Ativista cultural da cidade de Porto Nacional. Entrevistado em 11 de outubro de 2016.

⁶⁹ Ativista cultural da cidade de Porto Nacional. Entrevistado em 11 de outubro de 2016.

⁷⁰ Ativista cultural da cidade de Porto Nacional. Entrevistado em 14 de outubro de 2016.

⁷¹ Ativista cultural da cidade de Porto Nacional. Entrevistado em 04 de novembro de 2016.

Além daqueles já apresentados (culturais e econômicos), foram também observados nas falas dos ativistas culturais os benefícios sociais. Nas festas, por fazerem parte da vida social da sociedade humana, acontecem encontros entre famílias e amigos, portanto, sendo um momento responsável por criar, estabelecer e restabelecer laços sociais entre as pessoas que dela participam (BRANDÃO, 1989; ALMEIDA, 2011). Em relação aos benefícios sociais, seis dos treze ativistas culturais relataram essa contribuição das festas para a cidade de Porto Nacional (Quadro 7).

Quadro 7. Benefícios sociais relatados pelos ativistas culturais

Benefícios sociais
"[...] Através das festas você pode conhecer a história da cidade [...]." (BRITO, 2016 ⁷²)
"[...] Tem também o benefício social, benefício da pessoa, principalmente os jovens se sentirem reconhecidos e o que [...] Porto Nacional representa, porque [...] Porto Nacional foi considerada capital cultural do estado do Tocantins? Muitos jovens não sabem responder. Porque muitos jovens não tem acesso a esse tipo histórico. E as festas [...] tem [...] essa ideia de informar o cidadão [...], por que Porto Nacional é capital cultural, por que isso acontece aqui em Porto, então eu acho que tem importância nesse viés de informar o cidadão [...] que contexto cultural ele está inserido, e as festas tem esse poder." (FERREIRA, 2016 ⁷³).
"Eu acho que para os jovens são importantes, porque todo movimento é importante para o desenvolvimento deles, para o crescimento e eles atuam durante a sua participação, na hora de fazer a festa [...]." (MANZANO, 2016 ⁷⁴).
"[...] a questão social é muito importante, você agrega pessoas, porque nas festas religiosas tem uma vantagem você vê a o idoso, o jovem, a criança o tempo todo junto. Essas festas agregam muito [...]." (MOURA, 2016 ⁷⁵).
"O primeiro benefício é você reinformar a comunidade todos os anos quais são os hábitos culturais daquele lugar, aquele canto, aquela dança, aquela comida, ficam se repetindo todos os anos até alcançar séculos [...]." (PEDREIRA, 2016 ⁷⁶).
"[...] Então acredito que incentiva muito principalmente a formação de cidadãos que valorizam a cultura, seja a tradicional, seja a cultura contemporânea, patrimonial." (TEIXEIRA, 2016 ⁷⁷).

Fonte: Dados coletados da pesquisa, 2016.

Vários foram os benefícios sociais indicados pelos ativistas culturais no quadro anterior (Quadro 7), sendo eles: conhecer a história da cidade; informar ao cidadão o contexto cultural em que ele está inserido; agregar pessoas; informar à comunidade todos os anos os hábitos culturais do lugar e a formação de cidadãos que valorizam a cultura.

No entanto, Santos (2016), um dos ativistas culturais entrevistado, mesmo afirmando que as festas trazem benefícios à cidade, conta que elas precisam ser reorganizadas, para dizer

⁷² Ativista cultural da cidade de Porto Nacional. Entrevistado em 07 de novembro de 2016.

⁷³ Ativista cultural da cidade de Porto Nacional. Entrevistado em 04 de outubro de 2016.

⁷⁴ Ativista cultural da cidade de Porto Nacional. Entrevistado em 14 de outubro de 2016.

⁷⁵ Ativista cultural da cidade de Porto Nacional. Entrevistado em 31 de outubro de 2016.

⁷⁶ Ativista cultural da cidade de Porto Nacional. Entrevistado em 22 de outubro de 2016.

⁷⁷ Ativista cultural da cidade de Porto Nacional. Entrevistado em 11 de outubro de 2016.

que estão contribuindo e todo mundo tendo acesso, pois, segundo ele, as últimas que tiveram não foram "legais" e não abraçaram todo mundo. Santos (2016⁷⁸) traz em seu relato um exemplo de sua realidade:

[...] a Semana da Cultura, por exemplo, acontece, mas o pessoal lá do Parque Eldorado⁷⁹ [...] não tem acesso, não tem transporte na cidade para trazer no lugar que a festa está acontecendo, então acaba não tendo a participação de todo mundo, fica uma coisa restrita para quem tem acesso, falta acessibilidade, isso que eu quero dizer, para que todos possam participar.

Embora a maioria dos ativistas culturais considerem que as festas da cidade de Porto Nacional tragam algum tipo de benefício, Maia (2016⁸⁰), um dos entrevistados, relata que a festa tem que trazer o desenvolvimento social e humano, mas que, do jeito que elas estão se transformando, não estão proporcionando, apesar de ter ainda pontos de resistência, como o Sarau da Cabaça Cultural e as festas religiosas.

⁷⁸ Ativista cultural da cidade de Porto Nacional. Entrevistado em 11 de outubro de 2016.

⁷⁹ Bairro da cidade de Porto Nacional

⁸⁰ Ativista cultural da cidade de Porto Nacional. Entrevistado em 08 de outubro de 2016.

CAPÍTULO 3 - CULTURA E LUGAR: UMA DUALIDADE PRESENTE NAS FESTAS

As festas contribuem para manter viva a cultura e a memória das comunidades [...]. Por tratar-se de um lugar de encontro, celebração, compartilhamento e cumplicidade [...], a festa torna-se realidade comum a todos, outorgando um sentido ao grupo e em última instância à vida (GOMES, 2008, p.44-45).

3.1. A relação dos ativistas culturais com as festas da cidade de Porto Nacional

Tendo como grupo focal desta pesquisa os ativistas culturais da cidade de Porto Nacional, procuramos investigar suas relações com as festas aqui mencionadas por eles como significativas, no que diz respeito à cultura local. Ao analisarmos suas falas, notamos as diferentes maneiras com que se relacionam com esses momentos festivos, indo desde colaborador, observador, pesquisador e, até mesmo, vínculos afetivos.

É importante ressaltar que, quando tratamos da relação de um determinado grupo social com os momentos festivos, não podemos deixar de destacar o quesito participação, pois, de acordo com Guarinello (2001, p. 971):

As festas envolvem a participação [...] de um determinado coletivo, seja ele a sociedade em seu conjunto, ou grupos dentro dela, com maior ou menor expressão ou força legitimadora, distribuindo-se os participantes dentro de uma determinada estrutura de produção [...], na qual ocupam lugares distintos e específicos.

A participação e a relação com a festa encontram-se entrelaçadas. Ou seja, por meio da participação, a relação entre os indivíduos e o momento festivo se materializa. Quando perguntamos aos ativistas culturais se eles costumam participar das festas aqui citadas por eles como importantes no contexto cultural da cidade de Porto Nacional, doze dos treze entrevistados informaram que sim. Ainda indagamos quais eles tem o hábito de participar e por quê. Podemos observar algumas respostas nos trechos das entrevistas no quadro a seguir (Quadro 8).

Quadro 8. Participação dos ativistas culturais nas festas da cidade de Porto Nacional, consideradas importantes no que diz respeito à cultura local.

Participação dos ativistas culturais nas festas da cidade de Porto Nacional
<p>Costumo participar, uma porque eu sou ativista cultural. Como ativista cultural eu não sou obrigado a ir, mas eu tenho que ir [...], para ver se eu também posso ajudar. As festas que eu vou é a Semana da Cultura [...], como eu falei anteriormente é uma festa que eu acredito que seja a mais importante que tem em Porto. É [...] onde você une artista, onde você une o pessoal da gastronomia [...]. E o Sarau Cabaça Cultural que é o que eu organizo também, esse não tem como eu deixar de ir porque eu organizo, então eu vou (FERREIRA, 2016⁸¹).</p>
<p>Sim, de todas elas [...]. Porque eu acho que cultura é vivência, cultura não é um discurso, uma retórica, cultura é experiência, e a gente experiencia as coisas participando e é por isso que eu gosto de estar nas festas, se possível tocando, cantando (SILVA, 2016⁸²).</p>
<p>A Folia do Divino eu participo mais [...]. Da Semana da Cultura eu participo diretamente como protagonista porque eu faço parte da banda da Mestre André, todo ano a gente toca lá somos convidados a gente toca, a banda é uma proposta que eu acho que é cultural e o retorno de um grupo universitário que estudou fora e voltaram [...]. (LIRA, 2016)</p>
<p>Sim. O Cabaça, uma porque eu sou um dos organizadores e outra porque é o lugar onde você consegue encontrar resistência. A resistência cultural se encontra, é onde o artesão consegue mostrar, porque é um lugar que agrega tudo, tem música, tem poesia, tem artesanato, tem comida, tem as pessoas que gostam disso, tem um público [...] uma tribo ali mesmo. A Semana da Cultura eu vou para valorizar meus amigos que estão se apresentando, já me apresentei [...] (TEIXEIRA, 2016⁸³).</p>
<p>Sim. Adoro participar das festas [...], é onde eu encontro uma trupe que é diferenciada, sempre alternativa. Temos dois tipos de evento, uns que eu chamo de comercial e outro cultural, o comercial eu nunca tive jeito com elas, na minha juventude ainda tentei, ensaiei participar de algumas, mas foi só ensaios mesmo depois eu percebi que não tinha muito jeito com a coisa. Eu gostava da cultura porque é onde eu encontrava uma galera mais alternativa. Essa galera alternativa elas aproveitam o espaço para trocas de coisas muito mais interessantes do que por exemplo, só o consumo da bebida ou só a dança, como é o caso dos eventos comerciais além de ta levando também uma troca de sentimentos [...]. Eu poderia falar a cabaça cultural porque eu acho que [...] esse é um evento que ainda traz essas possibilidades que eu falei do encontro das trocas de ideias das trocas de sentimentos mais do que o consumo (MAIA, 2016⁸⁴).</p>
<p>Sim, participo [...]. Do carnaval, da Folia do Divino, da Semana da Cultura [...]. A gente participa como grupo [...] artístico. Eu procuro [...] participar, conhecer, tudo que pra mim é desconhecido e nesse processo que a gente desenvolve com os Tambores⁸⁵, eu pude me aproximar muito [...] (SANTOS, 2016⁸⁶).</p>

Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

Apenas um ativista cultural entrevistado afirmou não participar das festas. Um dos motivos especificados por ele é a questão do que é oferecido, o que é tocado, quem vai e o

⁸¹ Ativista cultural da cidade de Porto Nacional. Entrevistado em 04 de outubro de 2016.

⁸² Ativista cultural da cidade de Porto Nacional. Entrevistado em 11 de outubro de 2016.

⁸³ Ativista cultural da cidade de Porto Nacional. Entrevistado em 11 de outubro de 2016.

⁸⁴ Ativista cultural da cidade de Porto Nacional. Entrevistado em 08 de outubro de 2016.

⁸⁵ Grupo Tambores do Tocantins.

⁸⁶ Ativista cultural da cidade de Porto Nacional. Entrevistado em 11 de outubro de 2016.

que está expondo, pois, em sua opinião, tudo o que está vendo atualmente acontecer está relacionado à cultura de massa. Apesar de hoje não mais participar, ele afirma que antigamente costumava participar (SOUZA, 2016⁸⁷).

Após descrevermos sobre a participação, iremos aqui destacar as relações dos ativistas com as festas da cidade de Porto Nacional. O quadro 9 apresenta as respostas de alguns ativistas culturais entrevistados relatando sua relação com as festas (Quadro 9).

Quadro 9. As relações dos ativistas culturais com as festas que acontecem na cidade de Porto Nacional, consideradas importante no que diz respeito à cultura local.

As relações dos ativistas culturais com as festas que acontecem na cidade de Porto Nacional
Minha relação é sempre de colaborador [...] , seja como profissional quando sou contratado às vezes, para fazer shows, ou como vou como voluntário. De alguma maneira a gente se envolve, seja nas festas da Semana da Cultura, seja nas festas religiosas, onde tem envolvimento, a gente contribui. Seja às vezes tocando lá no coral da Igreja, dando uma contribuição lá na parte da banda, seja fazendo shows na parte externa, quando tem a festa, vamos dizer a parte profana, que a parte ritualística acontece dentro da Igreja, normalmente e, quando você sai, aí tem o, vamos dizer, o forró, as apresentações culturais, que é o que é chamado de parte profana. E eu participo de todas as categorias como colaborador [...]. (SILVA, 2016, grifo nosso)
Olha a gente faz de tudo. Desde o músico que toca até o que ajuda a montar o cabo a limpar o quintal, não tem cargo, não tem hierarquia. Somos [...] colaboradores. (MANDUCA, 2016, grifo nosso)
Minha relação é que eu sou um ativista [...], o que eu puder ajudar, eu ajudo. A gente coloca o que a gente tem a disposição [...], tudo que a gente pode fazer para ajudar [...], a gente acaba buscando coisas, sempre procurando um jeito de ajudar a valorizar essas tradições, as festas, os mestres, que é a nossa missão, que é o nosso papel enquanto grupo não é só se apresentar e fazer show. Então a gente tem um trabalho de valorização que é todo dia. [...] a cada lugar que a gente vai a gente fala do tambor, fala do mestre, fala da dança. [...] nós somos agentes de valorização e de busca de caminhos para gente conseguir superar essas dificuldades [...]. (SANTOS, 2016, grifo nosso)
A minha relação é de observador, conhecedor e de estudar cada dia mais essas manifestações, conhecer mais, respeitar [...] todas elas e algumas vezes utilizar essas manifestações [...] dentro da minha arte e da escrita. (PEDREIRA, 2016, grifo nosso)
[...] Eu faço pesquisa [...], faz parte da minha linha de pesquisa que eu atuo na universidade. As comunidades tradicionais, os festejos populares. A própria Folia, os ritmos que são apresentados nessas festas [...] tem participação fundamental na minha atuação profissional , tanto no campo musical que [...] eu pesquiso o som dos tambores dos foliões dos cantos e folias dos pandeiros que eles tocam, e nessa parte também das comunidades tradicionais. (LIRA, 2016, grifo nosso)
É total. Essas festas foram criadas pela minha comunidade, meus pais participaram na época deles, meus avós participaram na época deles, a minha relação vem natural. Eu já nasci dentro delas, eu participo [...] delas e quando eu me vejo portuense, com aquela expressão do "pé rachado" é aquela que vem daquelas características das próprias manifestações culturais que sempre apareceram por aqui e as festas sempre tiveram participações nos meus álbuns de fotografia, mas também no meu dia a dia, no meu jeito de ser, no meu jeito de viver. (MAIA, 2016, grifo nosso)

Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

⁸⁷ Ativista cultural da cidade de Porto Nacional. Entrevistado em 14 de outubro de 2016.

Podemos observar dentre as respostas apresentadas, como apontado no início deste tópico, as diversas relações entre os ativistas culturais e as festas, que vão desde colaborador, observador, pesquisador e até mesmo vínculos afetivos.

Nas falas de Silva (2016) e Manduca (2016) percebe-se que, de maneira direta, os ativistas culturais relatam que sua relação é de colaboradores das festas, no sentido de estar sempre contribuindo/ajudando no que é e/ou for preciso.

Nas fala de Santos (2016), apesar de não explicitar de forma direta em suas palavras, nota-se uma relação de colaborador e ao mesmo tempo uma ligação afetiva, no sentido de sempre ajudar a valorizar e tentar mostrar a importância das festas como um todo.

Pedreira (2016) cita que sua relação com as festas é de observador e conhecedor, no sentido de estudá-las e contemplá-las em sua escrita, nos seus trabalhos. Indiretamente podemos observar também um vínculo de pesquisador, a partir do momento em que afirma "[...] estudar cada dia mais essas manifestações [...]" e um elo afetivo quando relata "[...] respeitar [...] todas elas [...]", aqui podemos observar um sentido de admiração que o ativista tem sobre as festas.

A relação que Lira (2016) relata ter com as festas é de pesquisador. Podemos observar em suas palavras a maneira com que ele discorre sobre esse vínculo com as festas, frisando fazer parte da sua linha de pesquisa na universidade e, conseqüentemente, na sua atuação profissional.

Nas respostas aqui explicitadas pelos ativistas culturais sobre sua relação com as festas que acontecem na cidade de Porto Nacional, chama atenção a de Maia (2016) quando afirma que "é total". Observa-se que em sua fala, apresentada no quadro 9, ele demonstra ter um laço afetivo e familiar, um sentimento de pertencimento por essas manifestações, por terem sido criadas pela sua comunidade e seus pais e avós terem participado e influenciado no seu jeito de ser e viver. Nessa fala do ativista cultural, podemos observar aquilo que Guarinello (2001) denomina como "Fenomenologia da festa", onde seus participantes evidenciam seus sentimentos, afetos e suas emoções pelos momentos festivos.

3.2. As festas como lugar e como elemento fortalecedor da cultura

3.2.1. As festas como lugar de valor cultural

A cultura de acordo com Tuan (2013, p.13) " [...] é desenvolvida unicamente pelos seres humanos. Ela influencia intensamente o comportamento e os valores humanos". Iniciamos este tópico com a citação de Tuan, porque o autor destaca a importância da cultura no que diz respeito à construção do lugar. Isso porque ambos encontram-se interligados: o lugar é culturalmente construído, e sua construção se dá a partir da experiência vivida, responsável por gerar emoções, significados e valores que lhes são atribuídos e o intermediário para que isso aconteça é o homem. Conforme Tuan (2013) as pessoas atribuem significado ao lugar a partir da cultura, esta como sendo fator explicativo para que tal valor (significado) se constitua.

O lugar é definido a partir dos sentidos que atribuímos a ele, seja a partir da experiência do viver, do habitar, do falar e dos ritmos e transformações (OLIVEIRA, 2012).

O lugar é aquele espaço que para nós por alguma circunstância, se torna familiar. É o espaço vivido e experienciado onde depositamos os nossos sentimentos. É aquele espaço que, de alguma maneira, denota uma importância, seja particular ou em grupo (CAVALCANTI, 1998).

Na cidade, a festa é caracterizada por ser um lugar onde seus moradores vivem um tempo diferente do cotidiano, em que todos os problemas e tensões que envolvem a sociedade são esquecidos por um momento e são vividos e revividos os aspectos presentes em sua cultura (as crenças, saberes, valores e costumes). É um lugar expressivo, onde se vive um tempo de exaltação dos sentidos sociais e culturais (GUARINELLO, 2001). É o lugar em que as pessoas se encontram, se socializam, é onde seus participantes vivenciam a vontade e o desejo de estar ali todos os anos cultuando aquilo que representa sua identidade cultural. Vimos que, apesar de a cidade de Porto Nacional possuir um grande número de festas, como mencionado no tópico "As festas da cidade de Porto Nacional", poucas delas foram citadas e aqui destacadas pelos ativistas culturais como referência cultural para a cidade de Porto Nacional. De acordo com Silva (2016⁸⁸), ativista cultural entrevistado:

⁸⁸ Ativista cultural da cidade de Porto Nacional. Entrevistado em 11 de outubro de 2016.

Elas são importantes, porque elas representam os momentos de sociabilidade, então é nessas festas que as pessoas se encontram, é nessas festas que as pessoas conhecem o que é produzido em termos de cultura, seja ela cultura popular, seja cultura religiosa, seja ela qualquer expressão que seja da cultura. São nesses momentos de festas que a gente consegue visualizar tudo que Porto produz, então as festas se tornam importantes por isso. Além de ser um espaço em que as pessoas podem se encontrar, se conhecer, conversar, é onde também elas podem apreciar o que há de mais interessante na nossa cidade.

Ferreira (2005, p.73) afirma que, dentro das cidades, a festa "é um lugar simbólico através do qual são veiculados os valores e crenças do grupo, transformando-se, portanto, no principal lugar" onde são firmados os sentimentos de pertencimento a uma determinada sociedade. Para Santos (2016⁸⁹), as festas são referências no que diz respeito ao aspecto cultural de Porto Nacional e dá como exemplo a Semana da Cultura e a Festa do Divino Espírito Santo, duas festas mencionadas pelos ativistas culturais como importantes no âmbito cultural da cidade:

[...] Seriam a grande referência [...], nesse aspecto cultural. A Semana da Cultura, porque convergem todos os artistas, todas as tradições em um palco só em todas as tendências, literatura, música e dança. E na parte mais tradicional [...] a festa do Divino Espírito Santo porque converge todo o outro aspecto das tradições, da história oral, de tudo que você aprende fazendo tradicionalmente, que é passado de pai para filho, que você aprende através da vivência, da oralidade que não vai aprender num livro da escola, você só vai aprender se você vivenciar. Então essa pra mim é a maior referência para Porto Nacional, é resgatar esse aspecto tradicional, ter uma valorização pra que os grupos possam voltar a existir de uma forma mais forte como era no passado [...].

As festas são lugares que denotam sons, cheiros, sabores e cores diferentes, para aqueles que a vivenciam, é onde o olhar das pessoas se fixam nos signos e símbolos presentes e que simbolizam o momento festivo, é onde os sentimentos e/ou emoções e afetos há uma determinada cultura se afloram. Neste sentido, Manzano (2016⁹⁰) afirma que para a cidade de Porto Nacional as festas são "[...] importantes para gente manter as raízes culturais, a identidade cultural do povo [...]". Não muito diferente de Manzano, Pedreira (2016⁹¹) relata que "[...] as festas [...] mantêm a tradição de um povo. Então a importância das festas é de manter viva a tradição [...]".

⁸⁹ Ativista cultural da cidade de Porto Nacional. Entrevistado em 11 de outubro de 2016.

⁹⁰ Ativista cultural da cidade de Porto Nacional. Entrevistado em 14 de outubro de 2016.

⁹¹ Ativista cultural da cidade de Porto Nacional. Entrevistado em 22 de outubro de 2016.

De acordo com Gomes (2008), a festa é um lugar de encontro, onde a visão de mundo da coletividade mantém a harmonia em grupo, é onde se celebra os aspectos mais significativos da cultura. Ainda para autora:

Por tratar-se de um lugar de encontro, celebração, compartilhamento e cumplicidade, palco de atualização da memória coletiva, a festa torna-se realidade comum a todos, outorgando um sentido ao grupo em última instância à vida [...]. Na festa acontece uma espécie de reencantamento da vida, um jogo espontâneo de faz-de-conta, como se a memória do grupo fosse um acervo vivo de experiências a serem reinventadas a cada momento. (GOMES, 2008, p. 45).

Portanto a festa é um lugar de memória, onde são revividas as histórias do passado de uma determinada sociedade. Para Brito (2016⁹²), as festas da cidade de Porto Nacional e aqui citadas como referências da cultura portuense, são importantes, porque são onde seus moradores tem a oportunidade de reconhecer o passado e o que pode ser o futuro. Ainda para o ativista cultural as festas:

[...] marcam um tempo, um tempo de vida, através das manifestações você conhece a história de um povo, como é que você vai conhecer a história de um povo se você não se reporta ao passado, é impossível e as festas [...] carregam no seu DNA todas essas informações e podem ser processadas para frente também. Quer dizer, é uma via de mão dupla, tanto para lá, quanto para cá.

Deste modo, podemos afirmar que enquanto parte integrante da vida urbana, as festas são lugares carregados de sentidos e valores culturais. Nelas o passado é lembrado e as memórias são ativadas, sendo portanto "um lugar que transmite recordações" (MELLO, 2012). Sendo assim, as festas são lugares carregados de sentido para aqueles que as frequentam (CLAVAL, 2007).

Souza (2016⁹³) e Maia (2016⁹⁴) relatam que as festas são onde as pessoas consomem cultura, onde elas se encontram e trocam relações. Em suas palavras:

[...] falando da importância dessas festas [...], é por conta de não só criar o espaço das pessoas consumirem a cultura local. As festas [...] tendem a ser [...] onde as famílias se vêem, conversam, trocam informações, têm relações entre si, é um momento [...] onde o artista pode mostrar sua cultura [...]. (SOUZA, 2016)

⁹² Ativista cultural da cidade de Porto Nacional. Entrevistado em 07 de novembro de 2016.

⁹³ Ativista cultural da cidade de Porto Nacional. Entrevistado em 14 de outubro de 2016.

⁹⁴ Ativista cultural da cidade de Porto Nacional. Entrevistado em 08 de outubro de 2016.

[...] É onde a gente se encontra, é onde a gente começa a se socializar, se Porto Nacional ainda é uma cidade que pessoas se encontram nas esquinas às vezes a gente força um pouco mais, a gente se encontra [...], nas Semanas da Cultura, nos Sarais [...]. (MAIA, 2016)

O lugar é tranquilidade e segurança (FRÉMONT, 1980, p.50, apud MELLO, 1990). Levando em consideração o contexto social das cidades, as festas são vistas como refúgio das tensões e conflitos sociais. São lugares que transmitem segurança e aconchego para seus moradores (TUAN, 2014). Para Teixeira (2016⁹⁵), na cidade de Porto Nacional:

As festas [...] são o que tem segurado a barra, seja o Cabaça, [...] os festejos tradicionais. É o que alegra. Tem um ditado que eu escutei, uma frase que escutei que acho bem pertinente, que é "onde não se tem cultura, a violência torna espetáculo" [...], principalmente as festas religiosas que tem esse cunho de fé, de compartilhar, de fraternidade, e é o que movimenta ainda a cidade, é um festejo aqui, é um festejo acolá, é o Sarau aqui [...].

Procuramos evidenciar a importância das festas para a cidade de Porto Nacional. Observamos que, no decorrer do texto, as falas dos ativistas estão intrinsecamente ligadas à cultura. O sentido de lugar envolve significados, simbolismo, emoções e valores e tudo isso podemos encontrar nas festas. Portanto podemos afirmar, a partir dos relatos dos ativistas culturais, que as festas são lugares que denotam importância e valor cultural para a sociedade portuense.

3.2.2. As festas como elemento fortalecedor da cultura local

De acordo com Ferreira (2005), as festas são consideradas um dos aspectos mais significativos da cultura de uma sociedade. Para a autora e conforme já mencionado, enquanto categoria da cultura, elas tem a capacidade de trazer do passado para o presente as experiências culturais vivenciadas pelos habitantes/moradores de uma determinada cidade. Sendo, portanto, uma prática social e cultural carregada de significados para aqueles que dela participam, onde desperta não só um sentimento de coletividade, mas de pertencimento a uma dada cultura.

O sentido de festa ultrapassa aquilo que muitas vezes costumamos chamar de um período de descontração, isso porque ela nos proporciona momentos de interação, tanto social quanto cultural. Ela está presente em nosso meio, e, ao mesmo tempo que é caracterizada por

⁹⁵ Ativista cultural da cidade de Porto Nacional. Entrevistado em 11 de outubro de 2016.

reunir pessoas, se destaca por ser uma expressão e representação cultural, onde vivenciamos e compartilhamos aqueles elementos criados e que estão presentes no nosso dia a dia (a dança, o canto, a comida), portanto, na nossa cultura. Neste sentido, a festa é uma manifestação cultural que propicia o fortalecimento de laços sociais, culturais e identitários (FERREIRA, 2005).

Nas cidades, o fenômeno festivo assume uma desmesurada dimensão cultural, onde seus habitantes/moradores vivenciam um tempo que muitas vezes é carregado de implicação cultural, onde, através dele, é possível reconhecer e fortalecer a identidade cultural (FERREIRA, 2006). Em Porto Nacional, quando perguntamos para os ativistas culturais se as festas que ocorrem na cidade, e citadas por eles como importantes no âmbito cultural, contribuem para o fortalecimento da cultura local, dez dos treze entrevistados responderam que sim.

Para Silva (2016⁹⁶), citando "Bakhtin", a "festa é a categoria maior do ser humano". Ele relata que cidade que não tem festa é vista como um local sem vida e sem "expressão". De acordo com o ativista cultural:

O ser humano, se encontra de verdade na festa, que é onde ele mais se realiza enquanto ser. Uma cidade sem festas é uma cidade, vamos dizer, morta, que não tem expressão, festa é o momento em que a cidade, que as pessoas, procuram se produzir, é o momento em que as pessoas querem se mostrar como ela quer que as pessoas vejam que ela é.

Na fala do ativista cultural, podemos perceber que a festa é um dos "instrumentos" culturais "ideais" no que se refere à vida urbana, em especial na cidade referência desta pesquisa, pois, em sua fala, podemos observar que ela (a festa) é referenciada como o "tempo e lugar" onde são vivenciados momentos diferentes do habitual (FERNANDES, 2004).

Outro ativista cultural, quando relata sobre a colaboração da festa para o fortalecimento da cultura local, afirma que ela é a "própria cultura" e, conseqüentemente, representa a origem da cultura da cidade. Em suas palavras: "A rigor elas são a própria cultura, elas nem contribuem não, elas são a cultura, são a origem da cultura. Essas festas culturais [...] são a base, o esteio, o laço da cultura da cidade" (PEDREIRA, 2016⁹⁷). Essa afirmação do ativista cultural nos faz refletir que, tanto a festa, quanto a cultura são dois termos que estão interligados, pois aquilo que chamamos de cultura é uma "construção social", e a festa é um dos elementos culturais resultante dessa ação (CORRÊA E

⁹⁶ Ativista cultural da cidade de Porto Nacional. Entrevistado em 11 de outubro de 2016.

⁹⁷ Ativista cultural da cidade de Porto Nacional. Entrevistado em 22 de outubro de 2016.

ROSENDHAL, 2012). Deste modo, a festa é uma criação social, é parte integrante daquilo que o homem considera como parte de sua cultura, estando, assim, presente em toda a sua trajetória enquanto ser social (CORRÊA, 2003).

Não muito diferente das colocações de Pedreira, Lira (2016⁹⁸) relata que elas não só contribuem com o fortalecimento da cultura local, mas para a própria "existência da cultura" portuense, pois, segundo ele, "as festas" são "fundamentais para que Porto tenha uma visibilidade estadual, nacional e internacional" enquanto "espaço cultural":

Sim, não só para o fortalecimento, mas para a existência dessa cultura. Sem elas [...] não sei se teria essa dimensão cultural que tem Porto Nacional, [...] essa visibilidade cultural no estado ou no mundo. Aqui tem sempre presença de estrangeiro [...], da Noruega, da Alemanha, da Holanda [...]. Então [...] se não fossem essas festas [...], ela não teria essa visibilidade do lugar da cultura no Tocantins e nem no mundo. Então eu acho que seja fundamental que aconteça para visibilidade estadual, nacional, internacional da cidade como espaço de cultural.

Moura (2016⁹⁹) conta que elas colaboram porque é um lugar onde a "cultura fomenta outra cultura", isso porque, em uma só festa é possível apresentar diversos tipos de elementos culturais como danças, músicas, poesias, brincadeiras, além de ser um momento que integra as pessoas. Podemos observar suas colocações no fragmento a seguir da entrevista realizada:

Contribui porque é onde a cultura fomenta outra cultura, você cria um embate nesse sentido. Por exemplo, você faz uma festa do Divino Espírito Santo claro que é uma cultura, uma festa mercediana, mas imaginou se você faz um festival gospel no meio de uma festa religiosa [...], você provoca [...] você fomenta uma nova forma de cultura quer dizer é nesse sentido, porque fomenta, porque agrega as pessoas, porque unem [...].

Fernandes (2004) descreve que as festas, em conjunto com seus elementos, como, por exemplo, a música, são importantes para a relação entre o homem e o ambiente em que vive, isso porque essas manifestações culturais sempre refletiram o modo como os grupos sociais não só percebem, mas como concebem e valorizam o lugar no qual encontram-se inseridos. Teixeira (2016¹⁰⁰), ativista cultural entrevistado, traz uma afirmação nesse sentido, onde as "cantam a realidade" e faz com que as pessoas "valorizem ser e ter orgulho do lugar" em que vivem. Nas palavras do ativista cultural:

⁹⁸ Ativista cultural da cidade de Porto Nacional. Entrevistado em 08 de outubro de 2016.

⁹⁹ Ativista cultural da cidade de Porto Nacional. Entrevistado em 31 de outubro de 2016.

¹⁰⁰ Ativista cultural da cidade de Porto Nacional. Entrevistado em 11 de outubro de 2016.

Sim, porque [...] é cantando a nossa realidade, é o que valoriza a gente ter orgulho de ser do lugar. Eu tenho um amigo que gravou um CD, canções que já estavam esquecidas, canções que falam de Porto, muitas já estavam esquecidas da década de setenta, década de oitenta, a juventude não conhecia. Ele fez esse resgate, [...] e daqui trinta anos vão estar apresentando em cima dessas músicas, é o que canta o nosso rio, é o que conta as nossas riquezas as nossas belezas é a nossa verdade [...].

Deste modo, conforme Gomes (2008, p.44): "As festas contribuem para manter viva a memória das comunidades; como produções sociais estão conectadas a histórias e experiências significativas, atualizando os ritos comunitários".

Já para Brito (2016¹⁰¹), as festas "perpetuam a história da cidade" e sem elas "as referências" históricas "se acabam". O ativista cultural explica que, através do seu acontecimento, elas marcam diversos momentos da vida urbana das cidades:

Fundamentalmente não tenha dúvida. [...] as festas perpetuam a história da cidade, quer dizer, se elas não acontecem, essas referências se acabam, como já acabaram com algumas que você já não tem mais referências nenhuma em Porto Nacional. Porque existiam outras festas que aconteciam aqui que não acontecem mais e ninguém nem sabe, porque acabou e você não tem nenhuma memória disso, os próprios carnavais de rua [...]. Então são coisas que marcam a história da cidade. A história das cidades [...] são marcadas por vários momentos e as festas marcam tudo isso [...]. Então por isso elas precisam permanecer [...].

Nesse mesmo sentido, Manzano (2016¹⁰²) também afirma que as festas "procuram apresentar o que havia antes, como era a cultura" especialmente aquelas festas que ocorrem há mais tempo na cidade, como a "Festa do Divino Espírito Santo".

No relato de Brito e Manzano, podemos perceber que a festa "[...] é uma caixa de memórias; nela a história é revivida e projetada para o futuro; tendo a capacidade de assegurar a manutenção dos hábitos e/ou costumes de uma determinada sociedade, e, principalmente as suas relações culturais." (KODAMA, 2009, p.81).

Silva (2016a¹⁰³) conta que as festas contribuem, por fazerem um resgate de diversos elementos que são raízes culturais da cidade, porém ele ressalta que "o povo e o próprio poder público local deveriam dar mais valor" ao que é da cultura portuense e não seguir aquilo que a mídia impõe:

¹⁰¹ Ativista cultural da cidade de Porto Nacional. Entrevistado em 07 de novembro de 2016.

¹⁰² Ativista cultural da cidade de Porto Nacional. Entrevistado em 14 de outubro de 2016.

¹⁰³ Ativista cultural da cidade de Porto Nacional. Entrevistado em 11 de outubro de 2016.

Contribui. Só que nós temos que ter mais valor pelo próprio povo de não querer seguir uma mídia comprada [...]. Tinha que ter mais valor, tanto pelo poder público quanto pelo povo [...], porque eles preferem uma banda que vem de fora [...], aí fica uma coisa meio que eles falam "é da terra, hoje não vai da ninguém" [...]. Nesse sentido essas festas como a Semana da Cultura, traz o resgate das músicas, da poesia, dos livros que eles contam e cantam nossas raízes. Então nesse sentido elas estão mantendo vivo.

Contudo, com a influência da mídia, conforme mencionado por Silva (2016a), e o avanço das tecnologias, muitas festas que acontecem no meio urbano acabam sofrendo transformações e/ou modificações, adotando não só aquilo que representa a cultura local, mas também de uma cultura de massa. Os carnavais por exemplo, uma das festas mais populares no Brasil, festas que, com o passar dos anos em diversas localidades brasileiras, foram adotando uma mistura de ritmos, músicas e danças. No decorrer das entrevistas realizadas com os ativistas culturais, foi possível observar que um deles comenta, em relação a essas transformações que vem acontecendo, chegando a afirmar que por esse motivo, atualmente elas não estão contribuindo para o fortalecimento da cultura portuense.

Hoje não. Eu penso [...] que principalmente a questão desses eventos culturais que fazem aqui, promovem aqui é cultura de massa. Os próprios cantores daqui para sobreviverem tem que tocar outras coisas, só tá ensinando ao público a consumir uma coisa que eles escutam nas rádios todos os dias, vê na televisão. A cultura de massa obriga a ouvir aquilo e excluir o que é genuíno, que é o cultural, uma música que faz você pensar, que faz você refletir, que talvez não vai fazer você fazer os "quadrinhos" que a cultura de massa manda, mas que faz você ter um crescimento intelectual. Você não precisa nem pensar, mas sim de respeitar, falar, olhar e saber [...], estou falando da música. Aí você tem o artesanato, tem a dança, tem o teatro, tem muita coisa. Nosso viés cultural [...] é muito grande, as pessoas não sabem disso. "A tem o artesanato, a tem a musica de Porto, aí [...] o pessoal olha desconfiado e sai." (SOUZA, 2016¹⁰⁴).

Ferreira (2016¹⁰⁵) destaca em seu relato que as festas não colaboram, porque "falta divulgação", pois, muitas vezes, os moradores da cidade não sabem da existência da festa e da importância. Para o ativista cultural "falta uma proximidade entre o que faz a festa e quem vai à festa". Em suas palavras:

¹⁰⁴ Ativista cultural da cidade de Porto Nacional. Entrevistado em 11 de outubro de 2016.

¹⁰⁵ Ativista cultural da cidade de Porto Nacional. Entrevistado em 04 de outubro de 2016.

Como elas são feitas hoje, não. Porque falta abrangência, falta divulgação, falta empenho, falta chegar em todos os lugares de Porto que ta acontecendo aquela festa a importância daquela festa. Então falta uma proximidade entre o que pensa a festa, isso eu to falando principalmente as festas organizadas pelo poder público entre o que faz a festa e quem vai à festa, o evento cultural.

Como podemos observar apesar de dois ativistas culturais alegarem que as festas não contribuem para o fortalecimento da cultura local, devido tanto à forma com que vem acontecendo, adotando elementos representativos não só da cultura da cidade, quanto a falta de divulgação sobre as festas e sua importância. Nas falas da maioria dos ativistas culturais entrevistados, as festas que ocorrem em Porto Nacional, mencionadas por eles como destaques no âmbito cultural da cidade, são essenciais para fortalecer a cultura portuense, pois, além de se tratarem de "lugares de encontro, celebração e compartilhamento de algo em comum e que está presente na cultura e na história da cidade, elas são palcos de atualização da memória coletiva." Sendo assim, elas tem a capacidade de "fortalecer a visão de mundo da coletividade, celebrando crenças e valores que estão presentes na cultura de uma sociedade." (GOMES, 2008).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do presente estudo permitiu conhecermos algumas das festas que acontecem na cidade de Porto Nacional e que são consideradas pelos ativistas culturais como referência no que diz respeito à cultura portuense, uma vez que teve, como fonte principal de análise, suas opiniões e também possibilitou investigar como as festas contribuem para o fortalecimento da cultura local.

No decorrer da pesquisa, observamos o quão necessário é realizar estudos referentes ao tema festa no espaço urbano, pois além de serem fundamentais por expressarem e representarem a cultura de uma determinada sociedade, é uma maneira que as pessoas encontram de saírem da rotina e da vida agitada que as cidades proporcionam e esquecerem mesmo que por pouco tempo, as tensões sociais do cotidiano.

Retomando as nossas considerações sobre o trabalho desenvolvido, vimos que a cidade de Porto Nacional possui um grande número de festas, porém apenas dezoito foram citadas pelos ativistas culturais como importantes no âmbito cultural. Dentre as dezoito festas, treze foram aqui analisadas com maiores detalhes. As outras cinco não foram estudadas por não se encaixarem no perfil da pesquisa, se tratando de festa e projeto particular; não ser realizada anualmente e não ocorrer mais.

Ao analisarmos as festas mencionadas pelos ativistas culturais, nos chamou atenção que cinco delas são de cunho religioso (Festa de Nossa Senhora das Mercês, Festa de Santos Reis, Festa do Cristo Operário, Festa do Divino Espírito Santo e Procissão da Semana Santa). Relacionando este fato ao tópico que relata uma breve história da cidade de Porto Nacional, observamos que no passado o seu desenvolvimento teve contribuições dos freis e irmãs dominicanas vindos da França, que colaboraram, tanto no que diz respeito à questão social quanto cultural. Portanto, isso nos possibilitou perceber que a cidade ainda é influenciada pelas suas origens culturais e religiosas.

Ainda, foi possível observar que a maior parte das festas mencionadas pelos ativistas culturais como referência cultural para a cidade de Porto Nacional são realizadas por entidades públicas e religiosas e ocorrem em espaços públicos e religiosos. E que duas festas, apesar de uma ser realizada por entidade privada/ONG (Feira Cultural do Buracão) e outra (Feira de Cultura Negra) por um ativista cultural (particular), acontecem em espaço público. Além disso, vimos que as festas trazem inúmeros benefícios para a cidade, tanto culturais (a produção de elementos culturais, realização de diversas ações culturais, o destaque do legado

da cultura da cidade e seu patrimônio cultural e manter as raízes culturais), como econômicos (a geração de emprego, geração de renda, geração do turismo local e a promoção de talentos) e sociais (conhecer a história da cidade, informar ao cidadão o contexto cultural em que ele está inserido, agregar pessoas, informar à comunidade todos os anos os hábitos culturais do lugar e a formação de cidadãos que valorizam a cultura).

Vimos também que no que se refere à participação dos ativistas culturais com as festas, dos treze entrevistados, doze participam dos momentos festivos. Ao investigarmos e analisarmos suas relações com as festas citadas, foi possível constatar diversos vínculos, que vão desde colaborador (contribuindo e/ou ajudando na festa), observador, pesquisador (estudando as festas) e até mesmo afetivos (valorizando, dando importância e mantendo laços afetivos e familiares com as festas).

Observamos que, enquanto parte integrante da cidade, a partir da fala dos ativistas culturais, as festas aqui destacadas se configuram como lugares de valor cultural, onde são vividos aspectos presentes em sua cultura como: as crenças, saberes, valores e costumes. É onde as pessoas conhecem o que é produzido em termos de cultura e vivenciam tudo aquilo que representa a sua identidade cultural, além de ser onde as pessoas se encontram, trocam ideias e se socializam. É um lugar simbólico, onde são firmados os sentimentos por uma determinada cultura. É um lugar de memória, onde seus moradores tem a oportunidade de reviver a história de seu povo. Portanto, foi possível perceber o quão essencial é no espaço urbano de Porto Nacional, que, mesmo sendo temporário, é vivido e experienciado com intensidade.

Se tratando da contribuição das festas para o fortalecimento da cultura portuense, dez dos treze ativistas culturais responderam que, de alguma maneira, elas colaboram, seja pelo fato de serem consideradas um elemento cultural presente na vida das pessoas, que proporcionam vivências e experiências culturais; por serem a própria cultura e representarem as raízes culturais da cidade; pela existência da cultura portuense e visibilidade estadual, nacional e internacional da cidade enquanto espaço cultural; fomentando outras culturas; valorizam as pessoas serem e terem orgulho de ser portuense, e por perpetuarem a partir de seu acontecimento a história da cidade. Dois ativistas culturais relataram que as festas atualmente não estão contribuindo para o fortalecimento da cultura portuense, devido à forma com que elas vêm acontecendo, adotando elementos representativos não só da cultura local, mas também de uma cultura de massa onde os moradores deixam de contemplar aquilo que

faz parte de suas raízes culturais e passam a apreciar o que a mídia (rádio, televisões, entre outros) impõe, além da falta de divulgação sobre as festas e sua importância.

Sobre os recursos metodológicos utilizados, a revisão bibliográfica foi essencial para o desenvolvimento do trabalho, principalmente para o conhecimento e discussão sobre as festas, objeto de estudo da presente pesquisa, nos mostrando ser trabalhada não só na geografia, mas em diversas áreas do conhecimento existente (antropologia, sociologia, história, artes, entre outras) sendo, portanto, multidisciplinar.

No que se refere à pesquisa de campo, além da aplicação das entrevistas com os ativistas culturais da cidade de Porto Nacional, foi possível vivenciar de perto duas das festas citadas pelos ativistas culturais, a Festa de Nossa Senhora das Mercês e a Procissão da Semana Santa e observar sua importância espiritual e religiosa para os moradores que delas participam, principalmente para os mais idosos. As demais não foram possíveis devido ao tempo disponível para acompanhar todas aqui destacadas. As entrevistas nos proporcionaram alcançar os resultados finais da pesquisa, além de conhecer um grupo de militantes que lutam pela visibilidade cultural da cidade de Porto Nacional, e de nos mostrar, a partir das conversas com os ativistas culturais, que a cidade ainda tem muito que melhorar, no que diz respeito a políticas públicas relacionadas à área cultural, pois percebemos, a partir dos relatos dos ativistas culturais, que as poucas existentes não são suficientes.

Consideramos que, apesar das transformações que as festas vão passando no decorrer do tempo (pois a cultura é dinâmica), conforme elas vão acontecendo e só pelo fato de serem realizadas, elas contribuem para o fortalecimento da cultura local, pois é uma maneira dos indivíduos vivenciarem aquilo que faz parte da sua cultura, suas crenças, valores e costumes. Portanto as festas fortalecem a cultura e a cultura fortalece a cidade.

Não podemos deixar de destacar a contribuição acadêmica que o trabalho poderá proporcionar aos próximos interessados por este objeto de estudo, pois cada uma das festas aqui analisadas, poderão ser estudadas e aprofundadas particularmente em futuras pesquisas.

Por fim, a pesquisa teve como principal contribuição à divulgação de algumas festas que ocorrem atualmente em Porto Nacional, e que são consideradas como referência cultural pelos ativistas culturais da cidade, além de terem tido um papel fundamental, no que se refere ao conhecimento mais detalhado dessas festas, como e quando acontecem, em que local da cidade ocorrem, além de destacá-las enquanto um lugar onde são vivenciados momentos de afirmação de identidades culturais. Assim, apresentamos a seguir um quadro síntese com informações gerais das festas que foram aqui analisadas (Quadro 10).

Quadro 10. Síntese das informações gerais das festas analisadas nesta pesquisa

FESTA	LOCAL DA FESTA	PERÍODO DE REALIZAÇÃO
Calourada Cultural da UFT	Universidade Federal do Tocantins	De acordo com calendário acadêmico da UFT
Carnaval Porto Folia	Espaço Cultural Beira Rio (antigo Kart)	De acordo com o calendário nacional
Feira de Cultura Negra	Praça do Centenário	Maio e novembro
Feira Cultural do Buracão	Rua Santa Rita (conhecida como Rua do Buracão)	Julho
Festa de Nossa Senhora das Mercês	Catedral Nossa Senhora das Mercês	Setembro
Festa de Santos Reis	Paróquia dos Santos Reis	Final de dezembro a início de janeiro
Festa do Cristo Operário	Capela Cristo Operário	Final de abril e início de maio
Festa do Divino Espírito Santo	Paróquia do Divino Espírito Santo	Maio
Expoagro	Parque de Exposição Agropecuária	Setembro
Procissão da Semana Santa	Catedral Nossa Senhora das Mercês	De acordo com o calendário católico
Sarau da Cabaça Cultural	COMSAÚDE (Caetanato)	Periódico
Semana da Cultura	Praça Nossa Senhora das Mercês	Junho
Temporada de Praia	Ilha Porto Real	Julho

Fonte: Dados coletados da pesquisa, 2016.

Ainda, espera-se que esta pesquisa sirva de subsídios para pensar o calendário de festas da cidade de Porto Nacional, e que o poder público, por estar próximo e também responsável pela cultura que é perpetuada entre a sociedade, leve em conta as características e opiniões aqui apresentadas. Que as festas que acontecem atualmente se fortaleçam cada vez mais, e que novas festas surjam em Porto Nacional, em prol de uma cultura cada vez mais viva, efervescente e pulsante entre as pessoas.

Terminamos esta dissertação desejando que as festas sejam lugares de encontros, efervescência e sentimento para cada um que está lendo este trabalho e que a partir de hoje, queira cada vez mais conhecer a cultura portuense.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Geralda de. As espacialidades do patrimônio festivo, e ressignificações contemporâneas no Brasil, Colômbia e no México. In: ROMANCINI, Sonia Regina; ROSSETTO, Onéia Carmem; NORA, Giseli Dalla. (Orgs.). **As representações culturais no espaço: perspectivas contemporâneas em geografia**. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2015. p.106-138.

_____. Festas rurais e turismo em territórios emergentes, **Revista Bibliográfica de Geografia y Ciencias Sociales**, v.15, n.919, p.1-11., abr., 2011.

ALMEIDA, Maria Geralda de; RATTS, Alecsandro JP. **Geografia: leituras culturais**. Goiânia: Editora Alternativa, 2003.

AMARAL, Ivoneides Maria Batista do. **A performance cultural na dança dos mascarados**. Cuiabá: UFMT, 2015. Dissertação (Mestrado em Estudos de Cultura Contemporânea), Programa de Pós - Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea, Universidade Federal de Mato Grosso, 2015.

AMARAL, Rita de Cássia de Mello Peixoto. As mediações culturais da Festa, **Revista Mediações**, Londrina, v.3, n.1, p.13-22, jan./jun., 1998a.

_____. **Festa à Brasileira: significados do festejar, no país que "não é sério"**. São Paulo: USP, 1998. Tese (Doutorado em Antropologia), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Departamento de Antropologia, Universidade de São Paulo, 1998b.

AQUINO, Napoleão Araújo. Aspectos das leis voltadas à preservação do patrimônio histórico e das memórias urbanas: Porto Nacional (TO). In: Congresso Nacional de História da UFG, 1., 2008, Jataí. Congresso Regional de História da UFG, 2., 2008, Jataí. **Anais...** Jataí:UFG, 2008, p.1-9.

BALSAN, Rosane. **Espaços de turismo e lazer dos idosos em Rio Claro - SP**. Rio Claro: UNESP, 2005. Tese (Doutorado), Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, 2005.

BALSAN, Rosane; MAIA, Carlos Eduardo Santos. Festejo de Nossa Senhora das Mercês - Porto Nacional/TO: aspectos coloridos e luminosidades. In: Seminário do Programa de Pós - Graduação em Geografia da UFPEL, 3., 2016, Pelotas. **Anais...** Pelotas: UFPEL, 2016, p.106-119.

BENÍCIO, Edmilson Costa. **Origem da devoção ao Santos Reis**, 2017.

BEZERRA, Amélia Cristina Alves. Festa e cidade: entrelaçamentos e proximidades. **Espaço e Cultura**, n.23, p.7-18, jan./jun., 2008.

BONNEMAISON, Joël. Viagem em torno do território. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Geografia Cultural: uma antologia (1)**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A cultura na Rua**. Campinas: Papirus, 1989.

_____. Memórias do Sagrado: estudos de religião e ritual. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

BUTTNER, Anne. Lar, horizontes de alcance e o sentido de lugar. **Geograficidade**, v.5, n.1, p.4-19, verão, 2015.

CAVALCANTI, Lana Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. 10ª.ed. Campinas: Papirus, 1998.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar do/no mundo**. São Paulo: Labur Edições, 2007.

CASTRIOTA, Leonardo Barci. **Patrimônio cultural**: conceitos, políticas, instrumentos. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: IEDS, 2009.

CHAVES, Fabiana Nogueira. **As festas populares e o contexto midiático**: Lavras Novas e o futuro de sua identidade cultural. São Paulo, 2011. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação), Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, 2011.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. 3.ed. Florianópolis: UFSC, 2007.

_____. As abordagens da Geografia Cultural. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. (Orgs). **Explorações Geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

_____. A "volta do cultural" na geografia. **Revista Mercator**, Fortaleza, ano 01, n.01, 2002.

CLEBER TOLEDO. Tocantins: **Exposição Agropecuária de Porto Nacional deve receber 150 mil pessoas**. 2014. Disponível em: <<http://www.clebertoledo.com.br/n63172>>. Acesso: 18 de mai. 2017.

COMSAÚDE - Comunidade de Saúde, Desenvolvimento e Educação. **Sarau Cabaça Cultural** "Encantos da Nossa Terra".(2014). Disponível em: <<http://www.comsaude-to.com.br/index.php/noticias/19-sarau-cabaca-cultural-encantos-da-nossa-terra>>. Acesso: 18 de mar. 2017.

COSTA, Fábio Rodrigues da; ROCHA, Márcio Mendes. Geografia: conceitos e paradigmas - apontamentos preliminares. **Revista GEOMAE**, Campo Mourão - PR, v. 1, n. 2, p.25-56, 2 Sem., 2010.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Região e organização espacial**. 3.ed. São Paulo: Editora Ática, 1990.

_____. Geografia cultural e o urbano. In: _____.; ROSENDAHL, Zeny. (Orgs.). **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p.167-186.

_____. Temas e caminhos da geografia cultural: uma breve reflexão. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). **Temas e caminhos da geografia cultural**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010. p.11-35.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. A geografia cultural brasileira: uma avaliação preliminar. In: _____. (Orgs.). **Geografia cultural: uma antologia (1)**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012. p.87-103.

_____. Geografia cultural: introduzindo a temática, os textos e uma agenda. _____. (Orgs.). **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p.9-18.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra**. (Traduzido por Werther Holzer). São Paulo: Perspectiva, 2011.

DIAS, Wagner Alceu; CALAÇA, Manoel. A formação do território Goiano pela emancipação de municípios. In: SANTOS, Roberto de Souza; LIRA, Elizeu Ribeiro; CALAÇA, Manoel; CHAVEIRO, Eguimar Felício (Orgs.). **Território e diversidade territorial no cerrado: cidades, projetos regionais e comunidades tradicionais**. Goiânia: Kelps, 2013.

DI MÉO, Guy. A geografia nas festas. (Traduzido por Elisa Bárbara Vieira D' Abadia). **Revista PLURAIS**, v.2, n.1, p.24-55, 2012.

DIRETÓRIO ACADÊMICO. **IX Calourada Cultural**. Porto Nacional, 2014.

FERNANDES, Nelson da Nobrega. **Escolas de samba: sujeitos celebrantes e objetos celebrados**. Rio de Janeiro: Secretaria das Culturas, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, 2001.

_____. A cidade, a festa e a cultura popular, **GEOgraphia**, ano.6, n.11, p.55-61., 2004.

FERREIRA, Luiz Felipe. Acepções recentes do conceito de lugar e sua importância para o mundo contemporâneo, **Revista Território**, Rio de Janeiro, ano 5, n.9, p.65-83, jul./dez., 2000.

_____. Iluminando o lugar: três abordagens (Relph, Buttimer e Harvey), **Boletim Goiano de Geografia**, Goiânia, v. 22, n.1, p.43-72, jan./jun. 2002.

FERREIRA, Maria Nazareth. A festa como objeto de estudo. In: _____. (Org.). **Identidade cultural e turismo emancipador**. São Paulo: CELACC - ECA/USP, 2005. p.69-79.

_____. Comunicação, Resistência e Cidadania: as festas populares, **Comunicação e Informação**, v.9, n.1, p.111-117, jan./jun. 2006.

G1. Tocantins: **Divulgada a programação do carnaval em Porto Nacional**, 2017. Disponível em: <<http://g1.globo.com/to/tocantins/noticia/2017/01/divulgada-programacao-do-carnaval-em-porto-nacional-veja-atracoes.html>>. Acesso: 24 de mar. 2017.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1.ed. Tradução de The interpretation of cultores. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GIRALDIN, Odair. Pontal e Porto Real: dois arraiais do norte de Goiás e os conflitos com os Xerentenos século XVIII e XIX. **Revista Amazonense de História**, v. 1. n. 1 jan/dez/2002.

Disponível em: <http://www.uft.edu.br/neai/file/odair_pontal_porto_real.pdf> Acesso: 27 de mar. 2015.

GODINHO, Durval da Cunha. História de Porto Nacional. Goiânia, 1988.

GODOY, Paulo Roberto Teixeira. Algumas considerações para uma revisão crítica da história do pensamento geográfico. In: _____.(Org.). **História do pensamento geográfico e epistemologia em geografia**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p.145-156.

GOMES, Célia Conceição Sacramento. Festas, memórias e representações. In: LOBATO, Lúcia; OLIVEIRA, Érico José Souza de. (Orgs.). **Caderno do GIPE-CIT: Grupo Interdisciplinar de Pesquisa e Extensão em Contemporaneidade, Imaginário e Teatralidade**.20. Salvador: UFBA/ PPGAC, 2008. p.44-52.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **Geografia e modernidade**. 5.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

GOMES, Márcia Heliane; CRUZ, Suelen Lopes da. Festejos de Santos Reis. In: CRUZ, Luiz Antonio da; BOAVENTURA, Maria José. (Orgs.). **Memória e tradições populares**. Tiradentes: Instituto Histórico e Geográfico de Tiradentes, 2016.

GUARINELLO, Norberto Luiz. Festa, trabalho e cotidiano. In: JANCSÓ, István; KANTOR, Iris. (Orgs.). **Festa: cultura & sociabilidade na América Portuguesa**. v.2. São Paulo: Edusp, 2001. p.969-975.

HOLZER, Werther. A geografia humanista: uma revisão. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (Orgs.). **Geografia Cultural: uma antologia (1)**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012a. p. 164-178.

_____.A influência de Eric Dardel na construção da geografia humanista norte americana. In: Encontro Nacional dos Geógrafos, 16., 2010, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: AGB, 2010. p. 1-11.

_____.O conceito de lugar na geografia cultural-humanista: uma contribuição para a geografia contemporânea, **GEOgraphia**, v.5, n.10, p.113-123, 2003.

_____.O lugar na geografia humanista. **Revista Território**, Rio de Janeiro, ano 4, n. 7, p. 67-78. jul./dez., 1999.

_____.O método fenomenológico: humanismo e a construção de uma nova geografia. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. (Orgs.). **Temas e caminhos da geografia cultural**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010a. p. 37-71.

_____.Mundo e lugar: ensaio de geografia fenomenológica. In: MARANDOLA JUNIOR, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia de. (Orgs.). **Qual é o espaço do lugar?: geografia, epistemologia, fenomenologia**. São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 281-304.

IPHAN. **Conselho Consultivo do Iphan aprova o tombamento de Porto Nacional (TO) e o registro da Renda Irlandesa (SE)**. 2008. Disponível em

:<<http://portal.iphan.gov.br/portal/montarDetalheConteudo.do?id=14189&sigla=Noticia&retorno=detalheNoticia>>. Acesso em 27 de mar. de 2015.

KODAMA, Katia Maria Roberto de Oliveira. **Iconografia como processo comunicacional da Folia de Reis: o avatar das culturas subalternas**. São Paulo: USP, 2009. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação), Departamento de Ciências da Comunicação, Universidade de São Paulo, 2009.

LEITE, Adriana Filgueira. O lugar: duas acepções geográficas. **Anuário do Instituto de Geociências - UFRJ**, Rio de Janeiro, v.21, p.9-20, 1998.

LIRA, Edmárcia Oliveira. **A construção da UHE de Lajeado e os impactos sócio-territoriais no espaço urbano de Porto Nacional - TO**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Tocantins, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Agronegócio. Palmas, 2010.

LOBATO, Lúcia. Festa: uma transgressão que revela e renova. In: LOBATO, Lúcia; OLIVEIRA, Érico José Souza de. (Orgs.). **Caderno do GIPE-CIT: Grupo Interdisciplinar de Pesquisa e Extensão em Contemporaneidade, Imaginário e Teatralidade**.20. Salvador: UFBA/PPGAC, 2008. p.13-17.

LOURENÇO, Aliny Cristina. **A Folia de Reis de São José do Barreiro: recurso cultural brasileiro**. São Paulo: USP, 2014. Dissertação (Mestrado em Estética e História da Arte), Programa de Pós-Graduação em Estética e História da Arte, Universidade de São Paulo, 2014.

MAIA, Carlos Eduardo Santos. Ensaio interpretativo da dimensão espacial das festas populares: proposições sobre festas brasileiras. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. (Orgs.). **Manifestações da cultura no espaço**. EdUERJ, 1999. p.191-218.

MAIA, Doralice Sátyra. A vaquejada: de desta sertaneja a espetáculo nas cidades. In: ALMEIDA, Maria Geralda de; RATTI, Alessandro JP. (Orgs.). **Geografia: leituras culturais**. Goiânia: Alternativa, 2003. p.159-183.

MARANDOLA JUNIOR, Eduardo. Sobre ontologias. In: _____; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia de. (Orgs.). **Qual o espaço do lugar?: geografia, epistemologia, fenomenologia**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

_____.Prefácio. In: TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência** (Tradução de Livia de Oliveira). Londrina: Eduel, 2013. p.07-10.

MARIANO, Neusa de Fátima. **Divina tradição ilumina Mogi das Cruzes: o Espírito Santo faz a festa**. São Paulo: USP, 2007. Tese (Doutorado em Geografia), Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, Universidade de São Paulo, 2007.

MASSEY, Doreen. Um sentido global de lugar. In: ARANTES, Antonio Augusto. **O espaço da diferença**. (Org.). Campinas, SP: Papirus, 2000. p.176-185.

MELLO, João Baptista Ferreira. Geografia humanística: a perspectiva da experiência vivida e uma crítica radical ao positivismo, **Revista Brasileira de Geografia**, v.52, n.4, p.91-115, out./dez., 1990.

_____. O triunfo do lugar sobre o espaço. In: MARANDOLA JUNIOR, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Lívia de. (Orgs.). **Qual o espaço do lugar?:** geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012. p.33-68.

MESSIAS, Noeci Carvalho. **Porto Nacional:** patrimônio cultural e memória. Goiânia, Ed. da PUC Goiás, 2012.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Geografia:** pequena história crítica. 20.ed. São Paulo: Annablume, 2005.

MORAIS, Ione Rodrigues Diniz; LOPES, Wagner Carneiro; DANTAS, Eugênia Maria. Cultura e espaço: das práticas festivas de folguedos a um lugar geográfico, **Holos**, ano 36, v.6, p.532-543, 2015.

MOREIRA, Ruy. **O pensamento geográfico brasileiro:** as matrizes clássicas originárias. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2011.

NASCIMENTO, Mara. **Sindicato Rural de Porto Nacional lança 34ª Expoagro.** (2014). Disponível em: <<http://seagro.to.gov.br/noticia/2014/8/21/sindicato-rural-de-porto-nacional-lanca-34a-expoagro/>>. Acesso: 18 de mai. 2017.

NIGRO, Cíntia. As dimensões culturais e simbólicas nos estudos geográficos: bases e especificidades da relação entre patrimônio cultural e geografia. In: PAES, Maria Tereza Duarte; OLIVEIRA, Melissa Ramos da Silva. (Orgs.). **Geografia, Turismo e Patrimônio Cultural.** São Paulo: Annablume, 2010.

OLIVEIRA, Aline Nunes de. **As funções das festas no espaço geográfico contemporâneo:** um estudo de caso de Distritos Rurais de Londrina/PR. Londrina: UEL, 2010. Dissertação (Mestrado em Geografia), Programa de Pós - Graduação em Geografia, Universidade Estadual de Londrina, 2010.

OLIVEIRA, Lívia. O sentido de Lugar. In: MARANDOLA JUNIOR, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Lívia de. (Orgs.). **Qual o espaço do lugar? :** geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012. p.03-16.

OLIVEIRA, Maria de Fátima. **Cidades ribeirinhas do Rio Tocantins:** identidades e fronteiras. Goiânia: UFG, 2007. Tese (Doutorado em História), Programa de Pós - Graduação em História, Universidade Federal de Goiás, 2007.

_____. **Um Porto no Sertão:** cultura e cotidiano em Porto Nacional 1880/1910. Goiânia: UFG. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1997.

PALACÍN, Luis; GARCIA, Ledonias Franco; AMADO, Janaína. **História de Goiás em documentos.** Goiânia: Editora da UFG, 1995.

PARÓQUIA DE SÃO JOÃO BATISTA. **Capela Cristo Operário:** Histórico. Porto Nacional, 2017.

PEREIRA, Júnia Cristina. **O épico e o popular n'as Cenas da Paixão Segundo Congonhas**. Belo Horizonte: UFMG, 2009. Dissertação (Mestrado em Artes), Programa de Pós - Graduação em Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, 2009.

PESSOA, Victor Chacon da Silva. **Bairro do Roger em João Pessoa - PB: o lugar e suas práticas culturais**. Fortaleza: UECE, 2012. Dissertação (Mestrado em Geografia), Programa de Pós - Graduação em Geografia, Universidade Estadual do Ceará, 2012.

PESSOA, Jair de Moraes. **Aprender e ensinar nas festas populares**. Salto para o futuro, Boletim 02. SEED-MEC, 2007.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2.ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA E TURISMO. **Plano Municipal de Cultura de Porto Nacional 2011-2021**. Porto Nacional, 2011

REIS, Regina Augusta. **A Catedral de Porto Nacional**. Goiânia: T.H.-9, 1984

RELPH, Edward C. As bases fenomenológicas da Geografia. **Geografia**, v.4, n.7, p.1-25, abr., 1979.

_____. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar. In: MARANDOLA JUNIOR, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Lívia de. (Orgs.). **Qual o espaço do lugar?: geografia, epistemologia, fenomenologia**. São Paulo: Perspectiva, 2012. p.17-32

RIBEIRO, Wagner Costa. Do lugar ao mundo ou o mundo no lugar? **Terra Livre**, São Paulo, n. 11-12, p. 237-242, ago.92/ago.93.

RODRIGUES, Lysias. **O Rio dos Tocantins**. Palmas: Alexandre Acampora, 2001.

SANTOS, Milton. O lugar encontrando o futuro, **Revista de Urbanismo e Arquitetura**, v.4, n.1, Salvador, p. 34-39, 1996.

_____. **Espaço e método**. 5.ed. São Paulo: Edusp, 2014

_____. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

SAUER, Carl Ortwin. A morfologia da paisagem. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (Orgs.). **Geografia Cultural: uma antologia (1)**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012. p. 181-217.

SILVA, Eli Pereira da; MAIA, Maria Zoreide Britto. **Coreto da Praça Nossa Senhora das Mercês: história, memória e representações sociais**. 1.ed. Palmas - TO: Nagô Editora, 2013.

SILVA, Everton Francisco da. Primeira edição da Feira da Cultura Negra. **Revista AfroBrasil**, Porto Nacional, 1.ed., 2016. p.10-11

_____. Semana da Cultura. **Revista AfroBrasil**, Porto Nacional, 1.ed., 2016. p.18.

SILVA, Francisco de Assis Cruz da. **Festa e devoção popular do Divino Espírito Santo em Araguaína - Tocantins: de 1970 a 2014**. Dissertação (Mestrado em História), Programa de Mestrado em História, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2015.

SILVA, Valéria Cristina. **Em asas de borboletas... em bolhas de sabão**. Goiânia: Paulinas, 2013.

SOUSA, Wolney Jácomo de. **Os discursos e o turismo: um diálogo no município de Porto Nacional-TO**. Porto Nacional: UFT, 2013. Dissertação (Mestrado em Geografia), Programa de Pós - Graduação em Geografia, Universidade Federal do Tocantins, 2013.

SOUZA, Marcos Felipe Sudré. **A festa e a cidade: experiência coletiva, poder e excedente no espaço urbano**. Belo Horizonte: UFMG, 2010. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo), Núcleo de Pós - Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.

TOCANTINS. **Folia de Reis**. Disponível em: <<http://to.gov.br/reas-de-interesse/cultura/manifestacoes-culturais/folia-de-reis/>>. Acesso: 27 de mar. 2017.

_____. **Festa do Divino Espírito Santo**. Disponível em: <<http://to.gov.br/reas-de-interesse/cultura/manifestacoes-culturais/festa-do-divino-espírito-santo/>>. Acesso: 23 de mai. 2017.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência** (Traduzido por Livia de Oliveira). Londrina: Eduel, 2013.

_____. Espaço, tempo e lugar: um arcabouço humanista (Traduzido por Werther Holzer), **Geograficidade**, v.1, n.1, p. 4-15, inverno, 2011.

_____. Geografia humanística. In: CRISTOFOLETTI, Antonio. (Org.). **Perspectivas da Geografia**. 2.ed. São Paulo: Difel, 1985. p. 143-164.

_____. Space and Place 2013/Espaço e lugar 2013. **Geograficidade**, v.4, n.1, p. 4-13, verão, 2014.

ZANNATA, Beatriz Aparecida. A abordagem cultural na geografia. **temporis [ação]**, v.1, n.9, p.224-235, 2008.

ENTREVISTAS - ATIVISTAS CULTURAIS

BRITO, João Luiz Neiva. Ativista cultural. Entrevistado em 07 de maio de 2016. Entrevistadora: Thalyta de Cássia da Silva Feitosa. Porto Nacional - TO. UFT, 2016.

FERREIRA, Rogério Castro. Ativista cultural. Entrevistado em 04 de outubro de 2016. Entrevistadora: Thalyta de Cássia da Silva Feitosa. Porto Nacional - TO. UFT, 2016.

LIRA, Elizeu Ribeiro. Ativista cultural. Entrevistado em 08 de outubro de 2016. Entrevistadora: Thalyta de Cássia da Silva Feitosa. Porto Nacional - TO. UFT, 2016.

MAIA, Eduardo Guimarães. Ativista cultural. Entrevistado em 08 de outubro de 2016. Entrevistadora: Thalyta de Cássia da Silva Feitosa. Porto Nacional - TO. UFT, 2016.

MANDUCA, Fábio Aires. Ativista cultural. Entrevistado em 04 de novembro de 2016. Entrevistadora: Thalyta de Cássia da Silva Feitosa. Porto Nacional - TO. UFT, 2016.

MANZANO, Heloísa Lotufo. Ativista cultural. Entrevistado em 11 de outubro de 2016. Entrevistadora: Thalyta de Cássia da Silva Feitosa. Porto Nacional - TO. UFT, 2016.

MOURA, Oidê Carvalho. Ativista cultural. Entrevistado em 31 de outubro de 2016. Entrevistadora: Thalyta de Cássia da Silva Feitosa. Porto Nacional - TO. UFT, 2016.

PEDREIRA, Raimundo Célio. Ativista cultural. Entrevistado em 22 de outubro de 2016. Entrevistadora: Thalyta de Cássia da Silva Feitosa. Porto Nacional - TO. UFT, 2016.

SANTOS, Marcio Bello dos. Ativista cultural. Entrevistado em 11 de outubro de 2016. Entrevistadora: Thalyta de Cássia da Silva Feitosa. Porto Nacional - TO. UFT, 2016.

SILVA, Everton Francisco da. Ativista cultural. Entrevistado em 11 de outubro de 2016. Entrevistadora: Thalyta de Cássia da Silva Feitosa. Porto Nacional - TO. UFT, 2016.

SILVA, Raimundo Nonato Lopes da. Ativista cultural. Entrevistado em 11 de outubro de 2016. Entrevistadora: Thalyta de Cássia da Silva Feitosa. Porto Nacional - TO. UFT, 2016a.

SOUZA, Ibis Alan de. Ativista cultural. Entrevistado em 14 de outubro de 2016. Entrevistadora: Thalyta de Cássia da Silva Feitosa. Porto Nacional - TO. UFT, 2016.

TEIXEIRA, Rodrigo Paschoal Soares. Ativista cultural. Entrevistado em 11 de outubro de 2016. Entrevistadora: Thalyta de Cássia da Silva Feitosa. Porto Nacional - TO. UFT, 2016.

ENTREVISTAS - COLABORADORES

BARROS, Aiander Júnior da Silva. Colaborador. Entrevistado em 22 de maio de 2017. Entrevistadora: Thalyta de Cássia da Silva Feitosa. Porto Nacional - TO. UFT, 2017.

FONSECA, Anderson. Colaborador. Entrevistado em 01 de maio de 2017. Entrevistadora: Thalyta de Cássia da Silva Feitosa. Porto Nacional - TO. UFT, 2017.

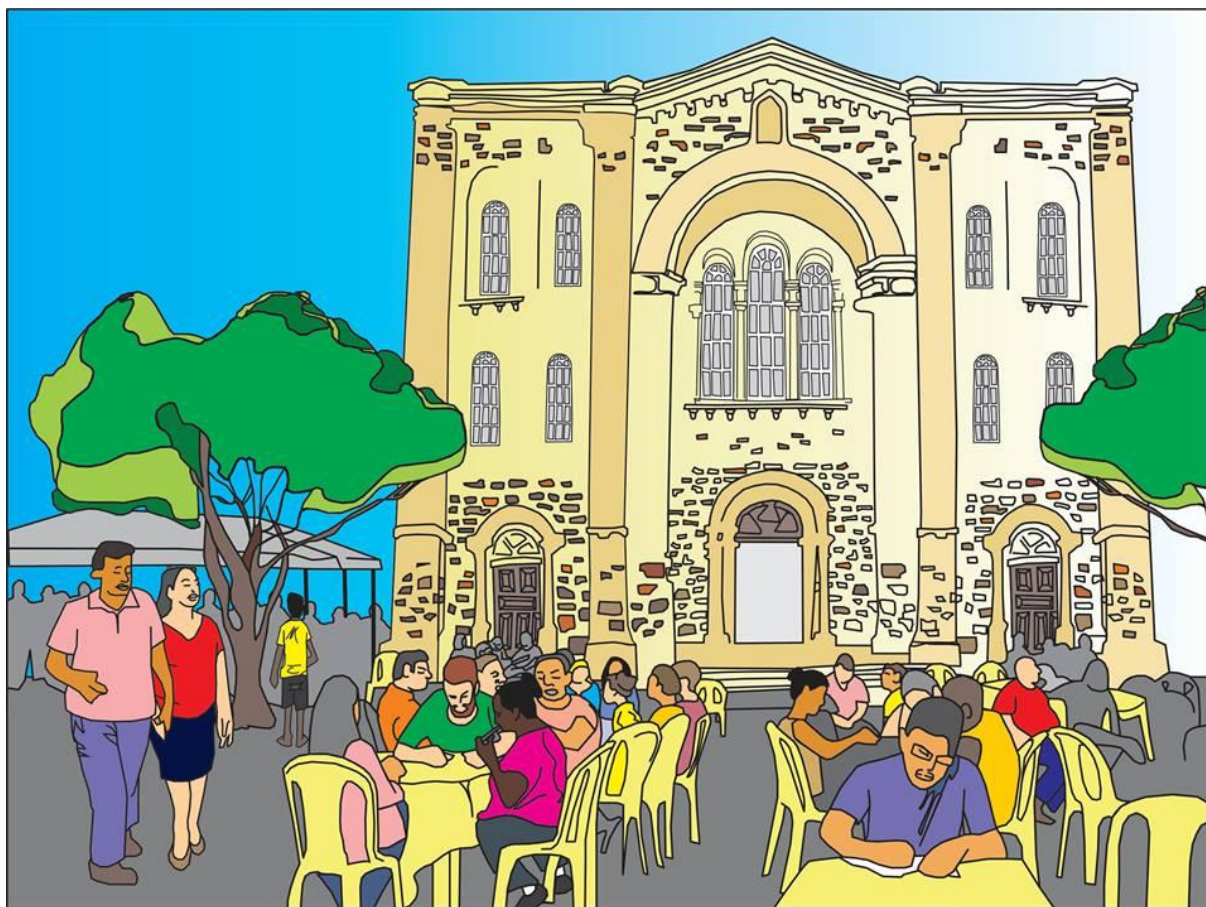
MASCARENHAS, Olimpio. Colaborador. Entrevistado em 18 de maio de 2017.
Entrevistadora: Thalyta de Cássia da Silva Feitosa. Porto Nacional - TO. UFT, 2017.

RODRIGUES, Alcione Santana. Colaborador. Entrevistado em 17 de março de 2017.
Entrevistadora: Thalyta de Cássia da Silva Feitosa. Porto Nacional - TO. UFT, 2017.

SANTOS, Elison Gonçalves dos. Colaborador. Entrevistado em 04 de maio de 2017.
Entrevistadora: Thalyta de Cássia da Silva Feitosa. Porto Nacional - TO. UFT, 2017.

ANEXOS

ANEXO A - Ilustração da capa: O Bingo, a quermesse e o leilão da Festa de Nossa Senhora das Mercês¹⁰⁶.



Fonte: Luis Otávio de Castro Cortes, 2016.

¹⁰⁶ Baseado na fotografia tirada por Rosane Balsan, 2016.

APÊNDICE

APÊNDICE A - Roteiro de entrevista com os ativistas culturais da cidade de Porto Nacional - TO

1. O que a cidade de Porto Nacional representa para você?

2. Como você considera a vida cultural da cidade de Porto Nacional? Por quê?

3. Cite em ordem de importância as festas (culturais) que acontecem na cidade de Porto Nacional, quando e em que lugares da cidade que elas acontecem. E fale um pouco sobre cada festa.

Ordem de importância	Nome da festa	Período que acontece	Local que acontece	Fale um pouco sobre a festa

4. Em sua opinião, qual a importância dessas festas para a cidade de Porto Nacional?

5. Em sua opinião, essas festas contribuem para o fortalecimento da cultura local? Por quê?

6. Você costuma participar dessas festas que acontecem na cidade de Porto Nacional? Quais? Por quê?

7. Com o passar dos anos, alguma dessas festas sofreram alguma modificação no período de realização? Quais?

8. Entre as festas citadas e que ocorrem na cidade de Porto Nacional, alguma delas deixou de acontecer por algum ano? Quais? Por quê?

9. Em sua opinião, as festas citadas trazem benefícios para a cidade de Porto Nacional? Quais?

10. Qual a sua relação com as festas da cidade de Porto Nacional citadas?
